Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

MARIA BEATRIZ VIDIGAL BARBOSA DE ALMEIDA

**Paternidade e subjetividade masculina em transformação:
crise, crescimento e individuação.
Uma abordagem junguiana.**

São Paulo
2007

MARIA BEATRIZ VIDIGAL BARBOSA DE ALMEIDA

**Paternidade e subjetividade masculina em transformação:
crise, crescimento e individuação.
Uma abordagem junguiana.**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a Dr^a Laura Villares de Freitas

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Almeida, Maria Beatriz Vidigal Barbosa de.

Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana / Maria Beatriz Vidigal Barbosa de Almeida; orientadora Laura Villares de Freitas. -- São Paulo, 2007.

269 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Paternidade 2. Individuação (Psicologia) 3. Alteridade 4. Fatores psicossociais 5. Psicologia junguiana 6. Entrevistas I. Título.

HQ756

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Beatriz Vidigal Barbosa de Almeida

Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração:
Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora:
Profª Drª Laura Villares de Freitas

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

À minha mãe, com quem aprendi a amar.
Ao meu pai, com quem aprendi a pensar.
Ao Heitor, com quem meu amor e meu
pensamento se exercitam interligados.
Ao Tiago e à Marina, com quem descobri
as maiores alegrias.

AGRADECIMENTOS

Dentre os vários frutos que se colhe ao final de uma longa jornada, acho que um dos mais saborosos é o sentimento de gratidão. Ter a quem agradecer é reconhecer a generosidade das pessoas que participam da nossa vida, e ao mesmo tempo admitir que não se faz nada efetivamente sozinho (ou nada que valha a pena). Estamos sempre tecendo com os outros, ou com o que os outros nos forneceram, mesmo quando eles não estão mais aqui.

Isso me faz pensar no meu avô Joaquim e na minha avó Maria, os mais afetuosos representantes dos idosos, que acreditaram em mim quando eu ainda era pequena. Estão comigo nessa realização, como em muitas outras, e a eles agradeço pela semente que plantaram.

Voltando ao presente, se as dissertações e teses são, como se costuma dizer, um trabalho solitário (pelo menos a autoria é de um só), não se pode esquecer quanta gente há nos bastidores.

Sou muito grata, em primeiro lugar, aos doze homens que se dispuseram a confiar em mim, sem me conhecer. Como representantes que são dos homens da nossa cultura, ao me deixarem conhecer um pouco de suas histórias de vida e de como as elaboram, permitiram-me fazer esse trabalho de reflexão. A cada um deles o meu mais sincero muito obrigada. Teria que escrever muitas teses para tentar dar conta da riqueza de informações que me ofereceram. Humildemente aproveito aqui alguns dados.

Cabe aqui também agradecer aos meus pacientes, embora não tenham participação direta nesse trabalho, mas por fazerem parte da motivação inicial para esta pesquisa e, acima de tudo, porque devo a eles grande parte do que sei sobre o ser humano.

Pensando na *“equipe de produção”*, muita gente participou, pontual ou longamente, da confecção desse trabalho. Acompanhando todo o percurso, agradeço a presença firme da Laura Villares de Freitas, orientadora e amiga, que soube temperar carinho com paciência, competência com não-diretividade, sabedoria com alteridade, ajudando-me a descobrir o próprio caminho, mas

deixando inteiramente na minha mão a difícil mescla entre disciplina e criatividade. Agradeço também a confiança.

Aos professores Alberto Lima e Leny Sato, agradeço a leitura cuidadosa, as críticas e as sugestões importantes feitas no exame de qualificação, que sustentam boa parte das melhorias que pude realizar.

À Irany, que participou comigo da coleta de dados na situação em grupo, auxiliando-me no registro e compartilhando impressões sobre a dinâmica grupal, agradeço a colaboração amiga e generosa.

Agradeço às profissionais Cecília Breim, Carmela Romano e Valéria Pantuffi, pelo apoio concreto ao projeto de pesquisa, empenhando-se em indicar pessoas para participarem como sujeitos. A elas se juntaram as amigas Cris Cruz e Mirian Taubkin, gentilmente.

Agradeço aos mais jovens colaboradores da “*equipe*” que, em parceria com seus pais e mães, me “emprestaram” suas mãos, pés e barriga para ilustrar, com fotos, o trabalho tão cheio de letras, trazendo um toque de graça e leveza: Guilherme e seu pai, Antonio; Misty e Gustavo com a esperada Aurora; Alexandre e os gêmeos Pedro e Rodrigo.

Ao “*bloco*” que se formou em torno das intermináveis transcrições das fitas – um verdadeiro mutirão – entre profissionais, amigos e familiares, todos cúmplices, meus sinceros agradecimentos pelas horas de sono roubadas: Cris, Rasc, Celina, Vera Sonia, Siomara, e também Marina, Tiago e mais Heitor nas revisões.

Aos amigos e colegas do LEP – Laboratório de Estudos da Personalidade – pela relação fraterna que estabelecemos, com a ajuda da coordenadora Laura, também orientadora de todos nós. Em nossas valiosas trocas ao longo do ano compartilhamos nossos projetos e somos críticos e colaboradores uns dos outros, num clima solidário e acolhedor que deixa um gosto de “quero mais”. A cada um de vocês, André, Guilherme, Santina, Rinaldo, Elenice, Iara, Gustavo, Márcia e Sandra, e mais a sempre disponível Tânia, meu carinhoso agradecimento. Elenice, além de tudo, colaborou também na tradução.

Aos colegas do consultório, novos e velhos amigos, pela convivência cotidiana, diversificando na forma de se fazerem presentes, agradaram-me com suas perguntas interessadas, com a disposição de ler as produções incompletas, com as dicas de leituras, com a torcida e o apoio quando eu desanimava, enfim, uma espécie de “manos”: Yanina, Paulo, Ana Paula, Denise, Claudia e Rita.

A participação da família chega a ser difícil de descrever: o incansável Duda, presente em tudo o que se refere à informática, irmão e amigo muito solidário, pronto para qualquer madrugada; a Bel, mana com quem mais brinquei, paciente e precisa na revisão do texto e no cuidado com os detalhes; também na revisão e tradução, o grande André, sobrinho sempre solidário nessas horas; a Cleisa, pela disponibilidade de sempre, e pelo empréstimo do computador nas horas de aperto. Ao restante dessa imensa família, pelo carinho e pela torcida.

Em casa, Marina, Tiago e Heitor fizeram de tudo para me ajudar: transcrições, supermercados e feiras, massagens, fotos, lanchinhos. Mas o maior mérito dos três foi terem me agüentado carinhosamente por tanto tempo nessa estranha condição de “presença-ausente”, quando a gente permanece em casa, mas absolutamente indisponível para os outros, absorta num trabalho que parece ser eterno. Eterna, sim, é a minha gratidão por essas pessoas tão queridas.

Um agradecimento especial à Marlúcia, a quem confiei a minha casa, e que cuidou bem de mim e da minha família por todo esse tempo, permitindo-me desocupar inteiramente desse lado concreto e me dedicar ao trabalho.

Ao Heitor, grata mais uma vez pela sua paciência absoluta com o meu processo e instabilidades.

Pai e mãe, não há como retribuir o que me deram ao longo da vida. Tudo converge para o aqui e agora. Hoje sou grata aos meus pais, acima de tudo, por existirem e serem quem são! Nenhum presente melhor que esse poderiam me dar.

A lista pareceria não terminar nunca se eu fosse citar todos os que em algum momento participaram com algum estímulo, sugerindo leitura ou emprestando livro, ajudando na tradução, apoiando em congresso ou lendo meus rascunhos. Apenas alguns nomes: Eliana Magalhães, Silvana Parisi, Durval Faria, Paula Magalhães, Iara Feder e Vera Rita – minha amiga mais antiga.

Ainda na retaguarda, não posso deixar de citar a Vanda Di Iorio, com quem estudei e fiz supervisão por seis anos, sempre muito generosa, pelo seu grande estímulo – que foi decisivo, tendo tomado forma de “empurrão inicial”. E a Célia Brandão, que soube me acolher e me compreender, nos meus melhores e piores momentos, com firmeza, afeto e competência.

Agradeço, ainda, a compreensão e o afeto das pessoas queridas – amigos e familiares – que literalmente abandonei por um período bem maior do que eu pretendia. A eles devo (de coração) todas as visitas que desejei fazer e não fiz, os

telefonemas de 'Parabéns' nos aniversários que esqueci... Sinto-me, enfim, feliz por ter feito o que fiz, e feliz por estar de volta a um mundo com mais gente e menos computador.

Resta ainda um agradecimento que pode soar mais impessoal, mas não menor: agradeço à PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – responsável por grande parte da minha formação profissional e cenário de tantas e intensas vivências desde a adolescência, como aluna e depois como professora, e à USP – Universidade de São Paulo – presença mais recente na minha vida, conquistada com orgulho, por ter me propiciado o conhecimento através de ótimos professores, além dos amigos que levo para sempre.

ALMEIDA, M. B. V. B. de. **Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem Junguiana.** 2007, 263f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é, a partir do referencial junguiano, ampliar a compreensão de como está se dando a experiência de paternidade atualmente, com foco na subjetividade masculina: qual o impacto que a experiência de se tornar pai vem causando no processo de desenvolvimento do homem – seu processo de individuação. Em busca de maior compreensão do significado atual da paternidade para os próprios homens na condição de pais, procura-se observar como o arquétipo paterno está se constelando na sociedade atual, de acordo com os novos modos de sentir e de se comportar, tendo em vista uma atitude mais favorável à alteridade e às relações democráticas. A partir de uma contextualização histórico-social, reconstitui-se um cenário marcado pelas reformulações nas concepções de masculino e feminino que vêm ocorrendo nas últimas décadas, e que interferem coletivamente nas identidades de gênero, portanto na subjetividade masculina, com desdobramentos nas expectativas que recaem sobre a figura do pai. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como principal instrumento a entrevista individual, com base em um roteiro de temas e questões abordados de forma semi-dirigida. A partir dos depoimentos, observa-se a representação e a vivência de paternidade em transformação através de manifestações da paternidade distintas do padrão patriarcal dominante, caracterizado pelo afastamento afetivo no comportamento masculino. Verifica-se uma crescente expectativa por parte dos homens de maior participação na gravidez, parto e cuidados junto ao filho, acompanhada de envolvimento emocional expresso. Destacam-se na análise os temas do ‘desejo de ser pai’ e ‘modelos de pai’, que se articulam em torno da afetividade masculina e paterna em transformação. Constata-se a coexistência de múltiplas referências e a valorização dessa pluralidade expressa em comportamentos e valores, o que contrasta com antigos modelos até então tidos como hegemônicos. Trabalha-se com a hipótese de que a crise vivenciada nesse âmbito, em função da instabilidade gerada pelo período de transição que desorganiza tanto a estrutura emocional quanto as estruturas familiares, promove, a médio e longo prazo, crescimento tanto para o indivíduo como para a sociedade.

Palavras-chave:

Paternidade – Individuação (Psicologia) – Alteridade – Fatores Psicossociais – Psicologia Junguiana – Entrevistas.

Fatherhood and male subjectivity in transformation: crisis, growth and individuation

ABSTRACT

The purpose of this research is to broaden the understanding of how the experience of fatherhood is taking place at the present time, using a Jungian perspective: to find out what the impact of the experience of becoming a father is causing on men's developmental process and process of individuation. As a better understanding about the meaning of fatherhood nowadays for men themselves as fathers is searched, we analyse how the paternal archetype is being constellated in contemporary society, according to new modes of feeling and behaviour, aiming at a more favorable approach towards alterity and democratic relationships. After a socio-historic contextualization, emerges a scenario marked by reformulation in the conceptions of masculine and feminine over the last decades, which interferes on the aggregate level in gender identities and, therefore, on male subjectivity as well, with consequences for the expectations towards the father figure. This is a qualitative research based on individual interviews supported by a semi-directed script of issues and questions. Based on these statements, we observe the representation and the experience of fatherhood in transformation throughout manifestations of fatherhood that differ from the dominant pattern (patriarchal) and characterized by emotional aloofness as a common male trait. Men's growing expectation towards greater participation over pregnancy, childbirth and day-to-day care has been identified, as well as explicit emotional involvement. "Willingness to be a father" and "models of father" were emphasized issues, involving male and paternal affection in transformation. The coexistence of multiple frames of reference along with such diversity, as expressed in behaviours and values, have been demonstrated. This contrasts with old models considered, until now, to be hegemonic. We worked with the hypothesis that the crisis in this area, due to instability generated by this transitory period that disorganizes both emotional and family structures, generates, over medium and long range, development for the individual as well as for society.

Keywords: Fatherhood – Individuation (Psychology) – Alterity – Psycosocial Factors – Jungian Psychology - Interviews.

SUMÁRIO

ABERTURA	13
1. INTRODUÇÃO:	
CENÁRIO SÓCIO-CULTURAL E O TEMA DA PATERNIDADE ...	17
2. O TEMA DA PATERNIDADE NA PSICOLOGIA	41
3. REFERENCIAL TEÓRICO:	
A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG E A PATERNIDADE	69
4. MÉTODO:	
a) OBJETIVO	108
b) PESQUISA DE CAMPO	116
c) TRATAMENTO DOS DADOS	122
5. RESULTADOS	
a) CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS: PERFIL COLETIVO	128
b) AS ENTREVISTAS: PRINCIPAIS TEMAS	139
c) O GRUPO: PRINCIPAIS TEMAS	143
6. ANÁLISE: CATEGORIAS	151
a) CIRO	156
b) EDUARDO	170
c) GUSTAVO	183
d) MARCELO	204
e) HELIO	224

f) CARLOS	232
COMENTÁRIOS SOBRE A AFETIVIDADE MASCULINA	235

CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS	248
--------------------------	------------

APÊNDICE

a) TERMO DE CONSENTIMENTO	255
b) ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL	256
c) ROTEIRO PARA GRUPO DE PAIS	259

ABERTURA

É antigo meu interesse pelo tema da individuação, tendo me focado pontualmente, ao longo da minha trajetória de estudos e prática clínica, sobre diferentes momentos da vida em que, a meu ver, esse processo de desenvolvimento psicológico costuma revelar-se ou acentuar-se. São momentos marcados por mudanças profundas ou tomadas de decisão, onde a vulnerabilidade do ser humano se revela através da sua abertura para mudanças, sua plasticidade, capacidade de transformação – das rupturas às sínteses –, o que invariavelmente instiga nosso fascínio e mesmo perplexidade diante do potencial e riqueza da nossa espécie, sempre a nos surpreender. São processos vivenciados individualmente, mas que, em certas situações, dizem respeito a experiências coletivas, como ritos de passagem.

Na década de 80, meu olhar se concentrou sobre as mulheres, particularmente sobre um momento de suas vidas em que a rápida transformação corporal denuncia a existência, no mínimo, de uma revolução. Refiro-me às grávidas, cuja capacidade de se transformar vai inexoravelmente muito além da disponibilidade emocional e/ou consciente para ter um filho, por tangenciar o involuntário e o inconsciente, mesmo quando a gestação é decorrente de uma escolha. Trata-se de uma experiência corporal acompanhada de intensa mobilização psíquica, que freqüentemente promove uma revisão de sua identidade e de seu papel no mundo.

Na época pensei e repensei sobre o assunto, aproximei-me delas e concentrei minha observação na produção do seu imaginário, tendo coletado em

torno de 150 **sonhos de gestantes, com a intenção de que eles revelassem como estaria se dando o processo de individuação durante o período gestacional.** Foi uma convivência rica que propiciou muita aprendizagem e interferiu em meu trabalho clínico, principalmente por ter aguçado minha percepção, mas tal investimento não chegou a ser publicado ou traduzido de forma conclusiva em produção acadêmica.

Nos anos 90, a adolescência conquistou minha atenção, em especial o sofrimento e ansiedade dos jovens diante da pressão para fazer escolhas profissionais supostamente '*para o resto de suas vidas*', em meio à vaga sensação de precocidade, ante a falta de informações e mesmo de maturidade. A busca de suas competências, o olhar cheio de curiosidade voltado para o futuro e uma grande falta de prontidão para ser objetivo e atuar de forma estável e coerente (o que significaria ter que responder amanhã pelas decisões tomadas hoje) são alguns dos elementos que nos ajudam a compreender, ainda que de forma parcial, a angústia que vem pesando sobre os ombros desses meninos e meninas, rapazes e moças do Ensino Médio, quando são levados a enfrentar a fatídica escolha profissional na hora da inscrição para o vestibular. Mobilizada por essa intensa fase da vida, repleta de transformações, investi numa especialização em orientação profissional, onde desenvolvi algumas reflexões sobre **a forma que toma o processo de individuação nesse momento, quando o principal desafio é fazer escolhas, o que invariavelmente implica em perdas, sem, contudo, mutilar-se.** Isto engloba diferenciação e desidealização como sofridas conquistas que se convertem em pré-requisitos para uma realização pessoal, iniciando-se no mundo adulto. Saber ser apenas um, mas inteiro, favorecendo integração.

Um terceiro deslocamento de interesse verificou-se já no fim dos anos 90, dessa vez assentando meu olhar sobre os homens, rapidamente capturado pela **maneira como enfrentam a relação com a própria afetividade, em meio às profundas transformações culturais, constituindo-se para alguns, ao que parece, em um verdadeiro desafio frente a uma sobreposição de expectativas sociais diversas e ambivalentes.** Isso tende a gerar, com frequência, sentimentos de inadequação e fracasso, podendo comprometer a auto-estima de um significativo grupo de pessoas que faz parte de uma geração que foi educada, em sua maioria, ainda com ênfase nos padrões e valores de uma cultura patriarcal. Até onde pude observar em minha prática clínica, onde se verifica um expressivo crescimento por parte dos homens na busca de psicoterapia, e também nas relações sociais de um modo geral, atração e despreparo para as questões do afeto parecem resumir, de forma um tanto simplificada, os conflitos e inquietações masculinos que se desdobram em conseqüências múltiplas dentro dos relacionamentos amorosos. Não é raro encontrá-los confrontando suas posições de homem, marido, profissional e pai, em busca de uma síntese possível, em meio a tantas contradições. Esse tema me mobilizou para mais um investimento profissional, e dediquei-me a uma formação em terapia de casal.

Tornei-me terapeuta de casal, e o convívio com esses casais tem me posto em contato direto com os pais e as mães que vivem dentro deles, como entidades que muitas vezes prevalecem, fazendo sombra ao próprio relacionamento conjugal. Percebi que não poderia cuidar do casal, nem daquele homem e daquela mulher, se não me dispusesse a cuidar do pai e da mãe que ali também se apresentavam. Tenho aprendido muito com esses pais, porque das mães eu já sabia um pouco, inclusive pela própria vivência. Mas, como sempre aprendemos perguntando, enchi-

me de perguntas. E precisei pesquisar. Sendo assim, **o foco vai agora para o pai, mais especificamente para o homem que está se tornando pai**, pois pouco se sabe ainda sobre o mundo interno masculino e o que a experiência de paternidade evoca.

Se, em meu percurso profissional, o interesse foi sendo deslocado de um sujeito para outro, em gênero e faixa etária, já a inquietação parece ter se mantido a mesma, buscando sempre a compreensão do que é que viabiliza, em termos psíquicos, a realização de si mesmo.

Também o referencial teórico se manteve estável, como se fosse engrossando o tronco por onde se veicula e se constrói um determinado saber. A abordagem junguiana, particularmente os aspectos teóricos em torno do processo de individuação, vem me acompanhando nas minhas diferentes curiosidades e inquietações, revelando-se de fato um referencial, enquanto eu, cigana, viajo e, de vez em quando, me encontro em terras desconhecidas, mas sem desamparo. A leitura do novo vem se associando às construções anteriores, provocando diálogos nem sempre confortáveis e afinados, pois, às vezes, as contradições salpicam, gerando mais questionamentos que certezas, deixando no ar a sensação de que transformações estão por vir. Tem prevalecido, no entanto, a confiança numa evolução sobre um alicerce ainda não pronto, mas já capaz de sustentar o edifício, em permanente construção...

I. INTRODUÇÃO:

CENÁRIO SÓCIO-CULTURAL E O TEMA DA PATERNIDADE

Têm se observado, há pelo menos quatro décadas, significativas mudanças sócio-culturais no que diz respeito às concepções de masculinidade e feminilidade, e seus respectivos desdobramentos no desempenho das funções de homem e mulher na sociedade e no interior da família. Esse período vem sendo marcado por profundas mudanças nos papéis de ambos e, conseqüentemente, também nas relações de conjugalidade, que se expressam na multiplicação de modelos de família, como se vê atualmente, com novas expectativas em relação aos papéis de pai e mãe. Transformações culturais em grande escala decorreram das novas concepções de masculino e feminino, em um movimento de mão dupla, interferindo em todos os níveis do processo educativo, passando pela família, escola e meios de comunicação de massa.

Tais mudanças, tendo se manifestado coletivamente a partir dos anos 50 e 60, fazem parte de um cenário muito mais amplo de transformações em todos os níveis da sociedade ocidental, tanto no plano macro quanto microestrutural. Transformações de tal monta, quando chegam a ocorrer com tamanha profundidade, já estariam em gestação desde muito antes de serem coletivamente reconhecidas como um fenômeno social. Para uma elucidação dessa história precedente, seria necessário remontar alguns séculos, repassando momentos como a Revolução Francesa, o Iluminismo e a Revolução Industrial, com foco na história da vida privada, a fim de se conferir em que medida os mesmos valores, ora manifestos, já estariam sendo semeados através de questionamentos da estrutura de poder que

dava suporte às relações sociais em vários planos, do político ao familiar, passando pelo econômico e pela hierarquia social.¹

Sendo assim, voltando às manifestações ocorridas a partir dos anos 60, cito, apenas para ilustrar, alguns dos fatores que interagiram fortemente nesse processo a partir de meados do século XX. Destaco elementos como mudanças na base econômica, sobretudo na estrutura ocupacional, com novas demandas por maior participação da mulher no mercado de trabalho, concomitantemente (para não reduzir a uma leitura linear de causa e efeito) aos anseios por emancipação da mulher e igualdade entre os sexos, que se organizaram em torno do movimento feminista. Paralelo a isso ocorreu o desenvolvimento científico que trouxe o surgimento da pílula anticoncepcional e outros métodos contraceptivos, que, por sua vez, influíram no fenômeno social conhecido como revolução sexual. A isto se aliou ainda a emergência de movimentos estudantis e o engajamento político-ideológico que estimularam e deram voz à contestação juvenil. Esse conjunto de fatores trouxe grandes transformações no plano dos **valores** e dos **comportamentos**, particularmente no que diz respeito às relações de gênero, modelos de família e novos perfis de pai e mãe, assim como a aplicação do conceito de autoridade nas relações familiares. Abalando as tradições e enfrentando tabus, propunha-se algo bem menos estratificado do que os modelos da sociedade patriarcal que vigoravam de forma hegemônica até então.

Ali surgiram, por exemplo, as chamadas roupas unissex como um signo para representar a proposta de igualdade entre os sexos, interferindo diretamente no comportamento das pessoas. A médio e longo prazo, a prática que emergiu dessas novas concepções de masculino e feminino, bem menos polarizadas, influenciou

¹ O presente trabalho não se propõe a explorar tais bases históricas. Para um maior aprofundamento dessa análise, ler a tese de doutorado publicada sob o título '*O Pai Possível: conflitos da paternidade contemporânea*', de Durval Luiz de Faria (2003, p.60-75).

nos processos educativos e de socialização de um modo geral, interferindo, em última instância, **na formação da identidade no que concerne à definição de gênero.**

Entretanto, mesmo passados mais de 40 anos, não há como arriscar uma previsão de quando esse processo atingiria algum ponto de estabilidade, pois o que se observa é que estamos, ainda hoje, em plena transição de valores, concepções, papéis e padrões de comportamento. Além das dificuldades esperadas frente à adaptação às mudanças já ocorridas, pode-se observar, nesse caso, a permanente emergência do novo. Não se trata, pois, de enfrentar apenas os desafios propostos pela modernidade – que não são poucos –, mas incluem-se, no cenário atual, outros elementos como a **fluidez dos laços** ou mesmo uma **nova forma de relação com o tempo**, características estas mais próximas da concepção teórica que identifica nossa época como pós-moderna.² Temos como outro exemplo, a interferência da informática no plano dos relacionamentos atuais, incluindo elementos como a virtualidade e a fragmentação, diluindo brutalmente os efeitos da distância geográfica e trazendo novos contornos para a sociabilidade em geral. Isso atinge também, como não poderia deixar de ser, as relações intrafamiliares como, por

² Esta abordagem, em contraposição ao moderno, entendido a partir de uma visão universal cartesiana da razão, define-se com base em noções como a fragmentação, o relativismo e a pluralidade de identidades. Esta postura teórica não será desenvolvida aqui, nem adotada como referencial de análise, sendo apenas mencionada, com base na conceituação de Baudrillard (1985), que a desenvolveu, junto com outros autores, a partir dos anos 70 e 80. Há, no entanto, muitas controvérsias sobre essa concepção epistemológica. Seidler, por exemplo, questiona que essa visão de fragmentação e pluralidade seja tão nova, e contribui com inúmeros exemplos históricos, principalmente destacando minorias, para demonstrar que a pluralidade de identidades e a fragmentação estiveram também lá presentes, representando uma contraposição frente aos valores hegemônicos da época e relativizando a 'verdade'. Sugere que, por exemplo, "a mulher tem vivido há muito tempo essa fragmentação, frente à necessidade de validar sua experiência em uma cultura patriarcal" (SEIDLER, 2000, p.94). Segundo ele, o feminismo desafia "uma modernidade que privilegia a razão como única fonte de conhecimento" (SEIDLER, 2000, p.93). Este se alia a outros movimentos – culturais, artísticos e científicos – que questionam o conceito de objetividade defendido pelo positivismo. Cresce o reconhecimento de diferentes formas de conhecimento, que pode ser validado, por exemplo, também pela experiência, levando-se em conta a emoção e a intuição, e não exclusivamente pela razão.

exemplo, a relação pai-filho,³ e mesmo passando pelas múltiplas formas de interação homem-mulher.⁴ Estas podem ser consideradas mudanças recentes e bastante significativas, que requerem um permanente processo adaptativo, mesmo que faltem ainda elementos para se afirmar sobre diferenças qualitativas nessas novas relações.

Todo processo de crescimento traz dentro de si o desafio inerente à mudança, o incômodo da desestabilização, o confronto entre o velho e o novo. Mas, neste caso, acrescenta-se aqui **a prolongada incerteza quanto ao que é esperado**, aonde se pode ou deve chegar. Padrões de relação pai-filho e marido-mulher estão sendo constantemente recriados, sob a forma de experimentação e ensaio e sob cada teto, na tentativa de, em família – sem cartilha e sem manual de instrução –, acertar, apostar, **investir nos relacionamentos afetivos para construir uma sociedade mais feliz, mais justa, que respeite mais os sentimentos e a subjetividade de cada um.**

Fazendo frente a um possível sentimento de despreparo e solidão diante dessa situação, verifica-se no mercado o surgimento de inúmeros livros na nova categoria denominada de ‘auto-ajuda’, assim como artigos em revistas semanais de acesso popular, com a pretensão de orientar e aconselhar as pessoas que se sentem perdidas diante dos mais corriqueiros sentimentos como ciúmes, atração sexual, frustrações amorosas, inseguranças na educação dos filhos. Tal produção constituiu-se, de fato, num novo mercado, focando-se preponderantemente em dois

³ Depoimentos obtidos em atendimento clínico revelaram uma nova forma de acompanhamento das lições e atividades dos filhos por parte dos pais, através das redes de Internet às quais estão ambas as partes diariamente conectadas. Segundo alguns pais, isso ‘facilita’ a comunicação entre eles, uma vez que os horários não favorecem os encontros.

⁴ Também nesse caso há vários exemplos clínicos, baseados nas terapias de casais, onde fazem menção aos e-mails que trocam entre si, seja para organizar o cotidiano, convidar para sair ou continuar a briga da véspera.

grandes temas: relação entre pais e filhos e relacionamento amoroso e sexual. No entanto, a tentativa de vender um novo modelo, como, por exemplo, o do ‘novo homem’, que, de pronto, venha a substituir os antigos padrões que foram e continuam sendo colocados em xeque, pode oferecer um pseudo-conforto ante a sensação de se estar perdido, mas efetivamente não pode preencher o que toda essa movimentação veio, num sentido mais profundo, buscar: uma **maior intimidade e convivência com a própria subjetividade, assim como maior permissão para o reconhecimento e expressão da afetividade nos relacionamentos**. Enfim, tornar-se mais pessoal, indo além de um desempenho de papéis, não é algo que se adquira lendo e seguindo conselhos elaborados pelos ‘técnicos’ em relações humanas. Sendo assim, em que tal produção tem podido efetivamente contribuir é, a meu ver, na ampliação da consciência de que os novos sentimentos e dúvidas vivenciados individualmente e na privacidade constituem-se já numa experiência coletiva e podem, portanto, ser compartilhados.

Muitos valores estão em jogo na busca desses novos padrões de relação. E o que se verifica, com frequência, é um sentimento de incerteza quanto ao que se pode esperar, por exemplo, de um pai. Não é fácil ser pai hoje em dia. Não parece fácil ser homem. Talvez nunca tenha sido no seu sentido mais profundo. Mas, enquanto desempenho de papéis, houve épocas em que a estabilidade social e as tradições garantiam – sem a atual ambigüidade e sem a mesma contradição – um rol de atividades a desempenhar e de expectativas viáveis de serem cumpridas. A subjetividade individual não era levada em conta, mas o processo educativo também tratava de sombreá-la para o próprio sujeito, através do foco preponderantemente no coletivo. E, até onde se tem acesso, na história do cotidiano dos homens, é possível supor que a sociedade patriarcal tenha propiciado, por muito tempo, uma vivência

desses papéis aparentemente sem grandes conflitos, ou pelo menos não a ponto de serem assumidos, compartilhados e registrados pela história oficial.

Cabe aqui complementar que a subjetividade, enquanto elemento intrínseco e essencial do ser humano, não pode ser completamente subjugada, mas é passível de ser ‘disciplinada’ ou ofuscada no processo de socialização, a depender dos valores vigentes. E pode-se entender que, por não ter sido valorizada, não ganhou expressão na sociedade orientada pelos valores e padrões patriarcais, a não ser nos canais considerados apropriados como, por exemplo, o campo das artes. Mesmo ali ganhou contornos específicos. Nas relações cotidianas esteve (e ainda hoje está muitas vezes) identificada, assim como o sentimento e a afetividade de um modo geral, como um traço mais caracteristicamente feminino.

Nas últimas décadas, as mudanças no interior das famílias têm atingido os mais diferentes planos, alterando desde padrões de cuidados com as crianças até a definição de a quem cabe cuidar delas. O antigo afastamento afetivo, outrora proposto ao gênero masculino como um padrão hegemônico, deixa agora de fazer sentido para ambos os sexos, especialmente no discurso consciente. Entretanto, as tradições deixam seus rastros, imprimindo um tom de conflito e ambigüidade às relações atuais. Nossa cultura, ao mesmo tempo cambiante e conservadora, tende a mesclar expectativas novas e antigas de maneiras nada harmônicas.

Até certo ponto, não é necessário fazer pesquisa para se observar alguns desses aspectos no cotidiano, e comentários no mesmo sentido são encontrados, por exemplo, na literatura ou ainda, como se diz, na ‘boca do povo’. Transcrevo, para ilustrar, um pequeno trecho de Lya Luft:

“Nas últimas décadas quebraram-se padrões estabelecidos durante longo tempo. Ainda não se firmaram outros que possam servir de referência; tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão. Não temos certeza das oportunidades que nos são oferecidas em cada esquina. Estamos fazendo bom uso delas ou ainda nos assustam demais? E esse medo: é infundado ou é razoável?” (LUFT, 1996, p.62).

Esse tema tem despertado interesse de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, a fim de se compreender mais profundamente as dinâmicas e as conseqüências envolvidas. A historiadora norte-americana Stephanie Coontz ⁵ pesquisa o processo de formação das famílias ao longo da história, e sua especialidade é a história do casamento. Segundo ela, até meados do século XX “o casamento era uma instituição rígida na qual o papel dos gêneros era estritamente definido... Isso acabou... (e) transformou-se naquilo que hoje vemos com frequência: parcerias” (COONTZ, 14/06/2005). A tese central do seu mais recente livro (COONTZ, 2005) ⁶ é “a de que o casamento mudou mais nos últimos 30 anos do que nos 3.000 anos anteriores. Isso aconteceu em grande parte devido ao fato de as mulheres terem mudado tão dramaticamente” (COONTZ, 14/06/2005).

Coontz comenta, em entrevista concedida à Dreifus e publicada no *New York Times*, e posteriormente divulgada na Internet, que as mulheres conquistaram independência econômica e em três décadas se livraram das exigências legais e

⁵ Stephanie Coontz é professora de Estudos sobre a Família na Faculdade Estadual Evergreen, em Olympia, Washington.

⁶ Declarações extraídas de entrevista concedida ao *New York Times* por ocasião do lançamento do livro ***‘Uma História do Casamento: da Obediência à Intimidade, ou Como o Amor Conquistou o Casamento’***. Tradução do título do livro e da entrevista publicada no *New York Times* para o site feita por Danilo Fonseca.

políticas que as subordinavam aos seus maridos. Mas recorda que já no século XVIII:

“fez parte do Iluminismo a demanda pelo casamento por amor. Os defensores daquilo que à época era um casamento tradicional, um casamento arranjado, ficaram horrorizados. Eles disseram: ‘Se as uniões com base no amor se tornarem a norma, teremos pessoas vivendo juntas sem casamento, parcerias homossexuais, divórcios e ilegitimidade’. Eles estavam certos. A união por amor era desestabilizadora. Mas as implicações radicais da ‘revolução do amor’ não seriam colocadas em prática até que as mulheres contassem com métodos confiáveis de contracepção e fontes de renda independentes. E isso demorou mais 200 anos para ocorrer” (COONTZ, 14/06/2005).

Frente à pergunta sobre qual o aspecto mais positivo da revolução do casamento, respondeu enfaticamente:

“O quanto os homens mudaram nesses últimos 30 anos. Nunca se via homens com os filhos... Eles estão realizando algo de fato. Quando vejo os relacionamentos maravilhosos e respeitosos que o meu filho (de 24 anos) e seus amigos têm com as mulheres em suas vidas, enxergo algo realmente novo” (COONTZ, 14/06/2005).

Ao que tudo indica, quem naquela época previu o caos que decorreria de casamentos feitos com base no amor, não previu os ganhos... A base daquela leitura parece estar assentada na prioridade dada à razão, como organizadora do mundo social e responsável pelas conquistas feitas pela civilização frente ao que de

mais primitivo nos oferece a natureza, entendido o primitivo como os aspectos mais relacionados ao corpo, aos impulsos e aos sentimentos. Na época (e ainda hoje) a razão era, portanto, eleita como parâmetro para se avaliar a qualidade de vida, num nível 'superior'.

Na mesma direção temos as colocações de Seidler,⁷ quando afirma que **a modernidade havia apresentado a razão como um campo do domínio masculino** (SEIDLER, 2003, p.205). E que, justamente contrapondo-se a esse princípio, uma das demandas do feminismo foi a de assegurar uma visão das mulheres como igualmente racionais. Antes eram vistas como mais próximas da natureza, mais influenciáveis devido a suas emoções, sentimentos e desejos (SEIDLER, 2003, p.206). Com isso o feminismo veio propor a superação da divisão entre o espaço público identificado com o lugar destinado ao exercício racional e do poder, e o privado como o espaço de amor, intimidade e emoções.

Até então aos homens era proposto ser 'independentes' e 'auto-suficientes', e a não mostrar em público debilidades derivadas do medo, já que isso poderia ser usado contra eles por outros homens numa competição por masculinidade. "Os homens só podem sentir-se bem consigo mesmos sabendo que 'estão fazendo melhor que os outros'" (SEIDLER, 2003, p.206).

Segundo Seidler (2000, 2003), a **identificação da masculinidade com a razão** tem influído de maneira determinante nos conceitos característicos da modernidade e nas teorias sociais dominantes no Ocidente. Concebidas por oposição razão e emoção, mente e corpo, assim como cultura e natureza, essas tendências evidenciam o diferenciado peso conotativo atribuído aos pólos, priorizando os primeiros, com a conseqüente desvalorização da natureza e das

⁷ Victor J. Seidler é professor de Teoria Social em Goldsmiths College da Universidade de Londres e autor de diversas obras sobre masculinidade e teoria social.

emoções, essas últimas entendidas como pueris, como um traço de dependência infantil que superamos à medida que aprendemos a avançar para a independência e a autonomia. Essa visão de autonomia, portanto, se coloca em termos racionalistas (SEIDLER, 2000, p.58).

O feminismo desafiou a modernidade provocando reflexões acerca das conexões entre modernidade e masculinidade (SEIDLER, 2000, p.147). E os homens tiveram que “investigar a natureza e o caráter de suas formas herdadas de masculinidade” (SEIDLER, 2000, p.150). Aqueles que, tendo-se deixado afetar pelas demandas do feminismo, dispuseram-se a mudar a si próprios, tiveram que enfrentar um desafio pessoal e prático, e não apenas teórico: quem somos? Como nos relacionamos conosco e com os outros? Nos anos 70 e 80 formaram-se alguns grupos de tomada de consciência, mas foi difícil porque estavam muito acostumados a racionalizar a experiência, e nada acostumados a compartilhar – já que tratavam os outros homens como competidores (SEIDLER, 2000, p.150).

Historiando reações masculinas frente ao movimento feminista, Seidler identifica um primeiro momento, nos anos 70, quando alguns simpatizantes manifestaram uma ‘fácil’ adesão às críticas e propostas, e é possível que tenham buscado modelar suas condutas de acordo com as demandas dessas mulheres, sustentando que isso viria “em benefício dos homens” (SEIDLER, 2000, p.170), uma vez que os ajudaria a entrar em contato com os próprios sentimentos tradicionalmente rejeitados. O autor vê nisso algo de positivo, mas também uma maneira defensiva de evitar seus sentimentos de ira frente a tantas ‘condenações’. Já nos anos 80 destaca a crescente necessidade por parte de muitos homens de tomar certa distância do feminismo “como se necessitassem dessa distância para aprender de algum modo a definir sua própria experiência”. Ao priorizar “a

necessidade de explorar sua própria masculinidade e descobrir o que ela lhe revela” (SEIDLER, 2000, p.175), são colocadas em dúvida as formas dominantes de explicações sociais que “não deixam espaço para nenhuma exploração da masculinidade no sentido de que cada homem explore seu sentido do ser” (SEIDLER, 2000, p.176).

A esse respeito, Seidler enfatiza **a importância de se distinguir o que é característico da natureza da paternidade – que relações os homens podem ter como pais com seus filhos** – do que é chamado de ‘maternagem’ ou paternidade, que é simplesmente uma questão de dividir tarefas e responsabilidades de atenção e cuidado com os filhos. Segundo ele, cabe aos homens “definir qualidades e responsabilidades particulares da paternidade” (SEIDLER, 2000, p.172). E alerta para o perigo do feminismo reforçar uma espécie de moralismo, ao ditar a forma como deveriam ser os homens (SEIDLER, 2000, p.173).

Em sintonia com os pressupostos da presente pesquisa aqui desenvolvida, o autor defende que se deve **explorar a diversidade da própria experiência dos homens, por exemplo, através de tensões e dificuldades específicas que só podem ser acessadas se os homens as expressarem**. “Importante também reconhecer as diferenças entre os homens procedentes de distintas culturas de classe, raciais e étnicas” (SEIDLER, 2000, p.172), diz ele, assim como as diferentes necessidades, levando em conta os aspectos pessoais e individuais em função dos próprios antecedentes e das relações com seus pais, uma vez que tudo isso deve interferir significativamente na forma de assumir as responsabilidades da paternidade. Finalizando esse assunto, acrescenta que alguns tipos de psicoterapia têm contribuído no sentido de validar essa investigação das necessidades

emocionais, valores e desejos: “Essas formas de psicoterapia reconhecem até que ponto a cultura racionalista se interpõe no caminho da individuação e da auto-definição dos homens” (SEIDLER, 2000, p.176).

Acompanhando o pensamento de Seidler e as informações por ele trazidas, alguns paradoxos se destacam. Ao tecer considerações sobre o respeito nas relações pessoais, comenta que **o respeito se baseia na união do pensamento com o sentimento**. Nesse sentido, levar a sério a si mesmo ou ao outro implica prestar atenção tanto nos pensamentos quanto nos sentimentos. Entretanto, uma tradição racionalista nos faz pensar que temos que ter ‘razões’ para nossos sentimentos, ou se tornam ‘irracionais’. Isso compromete o contato com os sentimentos que, filtrados, já não se expressam (SEIDLER, 2000, p.99).

Considerando irracionais as próprias necessidades e emoções, o homem se faz surdo para as expressões também dos outros (SEIDLER, 2000, p.79). Assim se constrói uma identidade masculina, definida primordialmente a partir de sua posição no mundo público do trabalho, o que o torna, em graus variáveis, ‘ausente’ na vida cotidiana dos filhos, e ‘insensível’ com relação a si mesmo. Aprendendo a **“falar com a voz imparcial da razão”**... “a voz de um homem adquire um tom de objetividade e de imparcialidade à medida que se converte em uma voz impessoalizada, uma voz que tem ‘autoridade’ porque não pertence a ninguém em particular, enquanto ao mesmo tempo pretende respeitar a todos” (SEIDLER, 2000, p.167).

Estamos, pois, diante de um paradoxo: a imparcialidade está a favor do respeito a todos; entretanto, como foi dito anteriormente, **respeitar o ser humano é considerá-lo em seus pensamentos e sentimentos, portanto, não se harmoniza com a impessoalidade**.

Geralmente os homens não fazem relatos pessoais de sua própria experiência. Tradicionalmente “têm confiado na mulher para que lhe proporcione uma versão e um entendimento do que experimenta em sua vida emocional” (SEIDLER, 2000, p.167). Este é mais um paradoxo: **Em busca de tanta autonomia, e investindo no ‘auto-controle’ que deve torná-los invulneráveis, sem perceber se tornam neste aspecto dependentes das mulheres**, via de regra consideradas inferiores justamente por serem mais emocionais.

É também um paradoxo que os homens aprendam a assumir **responsabilidade pelos outros como provedores** “antes de aprenderem a assumir a **responsabilidade emocional de sua vida pessoal**” (SEIDLER, 2000, p.170). Só pode ser uma responsabilidade impessoal. Pois os homens aprendem a objetivar-se e fazem o mesmo com os outros (SEIDLER, 2000, p.203). Esse controle das emoções os conduz a um isolamento de certa forma escolhido, na medida em que **se orgulham de ser capazes de anular suas próprias necessidades, especialmente as emocionais, já que elas são signos de debilidade** (SEIDLER, 2000, p.206).

Seidler conclui que a opressão da modernidade está na impessoalização da vida pessoal e emocional, silenciadas (SEIDLER, 2000, p.298). E entende o feminismo, a psicoterapia e a ecologia como movimentos sociais que puseram em dúvida o discurso da modernidade, para mostrar o irrazoável que pode ser uma razão separada da natureza (SEIDLER, 2000, p.303).

Voltando para os dias de hoje, observa-se que a subjetividade masculina veio à tona e, quando não vem, é cobrada. A nova expectativa que recai sobre o homem, enquanto companheiro e como pai, transcende a um mero desempenho de papéis

no cenário das relações concretas, à medida que o qualifica como uma pessoa, com personalidade própria, com sentimentos e desejos que não estão aí apenas para serem disciplinados e, fundamentalmente, com uma afetividade que o move para dentro de uma relação com uma mulher e com seus filhos. **Espera-se do homem que ele seja mais sensível e “humanizado”, mas permanece o desafio de delinear – de si para consigo, e não apenas como quem atende às novas demandas do feminino – o homem que ele quer ser e o quanto se sente preparado para isso**, em meio a tantos paradoxos.

Segundo Callirgos,⁸ historicamente, “a masculinidade requer a repressão de uma ampla gama de necessidades, sentimentos e formas de expressão humanas” (CALLIRGOS, 2003, p.213). De fato, as barreiras que foram impostas aos homens, somadas às que eles mesmos seguem se impondo, cerceiam a manifestação de carinho entre pai e filhos, da tristeza através do choro, e mesmo de qualquer forma de intimidade entre homens, exemplos estes lembrados pelo autor. Mas, segundo ele, “não se trata de problemas individuais” e nem de encarar os homens como simples vítimas de um sistema que os oprime e os desumaniza, pois o sistema patriarcal deteriora a qualidade de nossas relações humanas em geral, onerando significativamente também, ou mais, as mulheres, com todas as desvantagens e a opressão de que hoje se tem conhecimento devido, por exemplo, às denúncias feitas pelo feminismo e, depois, pelos estudos de gêneros que a partir de então se desenvolveram. Ou seja, é um sistema que compromete em todos os níveis a qualidade das relações, consigo mesmo e com os outros, enquanto pretende oferecer ‘vantagens’ aos homens sobre as mulheres.

⁸ Juan Carlos Callirgos é antropólogo e professor da Universidade Católica do Peru. Estuda a identidade masculina e escreveu *‘Sobre heróis y batallas. Los caminos de la identidad masculina’* Lima, Escuela para el Desarrollo, 1996.

Procurando reforçar uma atitude ativa por parte dos homens no sentido de transformar essas condições tradicionais que alicerçam nossa socialização, Callirgos recomenda, na mesma direção que Seidler, que, além de conhecer as demandas elaboradas pelas mulheres a partir dos movimentos feministas e os estudos que se seguiram sobre as relações entre os gêneros, **“necessitamos conhecer as necessidades e as realidades dos homens”**, sugerindo que “a tarefa de fazer um mundo mais humano, mais justo e mais igualitário compete a ambos os gêneros”. E anuncia que “as conquistas de um gênero poderão ser conquistas de todos” (CALLIRGOS, 2003, p.214).

Fazendo menção a um trabalho de Elisabeth Badinter sobre a identidade masculina, o autor concorda com ela que dos anos 70 para cá “a definição do homem está em questão, mais do que nunca” (BADINTER, 1994, citada por CALLIRGOS, 2003, p.214). E acrescenta:

“Muitos homens se questionam sobre sua identidade, os papéis tradicionais que lhes foram destinados. Trata-se de um período de incerteza, carregado de angústia. Questiona-se também a unicidade do que constitui sua essência: a virilidade. Começa-se a falar em masculinidade no plural, não no singular” (BADINTER, 1994, citada por CALLIRGOS, 2003, p.215).

Entretanto, admite a dificuldade de se fazer um balanço das mudanças ocorridas nas últimas décadas, pois “frente a uma revisão das representações simbólicas da masculinidade e feminilidade no mundo de hoje” constata que, em meio a algumas mudanças, há também muitas permanências (CALLIRGOS, 2003, p.215).

Em seu artigo, Callirgos dialoga brevemente com alguns pesquisadores que, tendo se detido em temas como masculinidade e paternidade, contribuem para a compreensão desse momento marcado pela transitoriedade de padrões.

Wernick (citado por CALLIRGOS, 2003, p.215) pesquisa as representações masculinas na publicidade norte-americana nos anos 80 e constata uma maior ambigüidade em relação a décadas anteriores, pois surgem novas representações de masculinidade que coexistem com as versões antigas: “homens doces, ternos, preocupados com os trabalhos domésticos ou com suas relações interpessoais” (CALLIRGOS, 2003, p.216), ao lado de esposos e pais patriarcas, aos quais se associam autoridade, competência, racionalidade e também violência. Verifica-se, assim, uma constante tensão entre novos e velhos papéis de gênero, assim como a inédita apresentação de comportamentos similares entre homens e mulheres, o que, na opinião do autor, sugere que se encare o masculino e o feminino como categorias fluidas e não mais como opostas.

Há controvérsias quanto aos reais ganhos: seriam as atuais mudanças de comportamento verdadeiras conquistas com vistas a profundas melhorias na qualidade das relações entre os gêneros? Hawke (citado por CALLIRGOS, 2003, p.217) se pergunta se as expressões simbólicas do novo *ethos* da paternidade não podem significar uma rearticulação da masculinidade hegemônica, que aceita fazer adaptações menores às condições sociais contemporâneas, e até mesmo a fim de satisfazer às demandas de expansão de mercado, com a intenção de reassegurar a autoridade patriarcal. “Discursos de igualdade vão sendo adotados como ‘oficiais’”, sem que isso implique obrigatoriamente numa “ruptura das tradicionais barreiras que separam os gêneros” (CALLIRGOS, 2003, p.217).

Seja como for, a posição de Callirgos é a de que algo, de fato, está mudado, e "o domínio do patriarca mostra fissuras que podem significar um passo adiante na direção de uma maior democratização das relações humanas". Observa que "há cada vez mais homens dispostos a questionar as bases em que foram socializados" e a se desvencilhar da obrigação de ser competitivo, agüentar tudo e nunca mostrar fragilidade (CALLIRGOS, 2003, p.218). Mas não vê essa crise como um processo sem contradições. E reforça essa idéia citando Donald Bell (1987), que estudou as mudanças ocorridas no significado da masculinidade entre homens de classe média nos Estados Unidos e, após confrontar-se com os mais receptivos, assim como com os mais resistentes à idéia de igualdade entre os gêneros, afirma que "as vidas desses homens estão marcadas por ambigüidade: têm recebido mensagens contraditórias e incoerentes sobre como se deve ser homem" (BELL, 1987, citado por CALLIRGOS, 2003, p.218).

Em tempo, Callirgos nos lembra que, além dos condicionamentos sociais e de sermos construídos historicamente, também "temos alguma liberdade para construirmos a nós mesmos" (CALLIRGOS, 2003, p.219). Não se podem negar as conquistas já feitas em direção à igualdade, que favorecem a reconquista de parte da nossa humanidade: no caso dos homens, a reconquista de traços suprimidos por serem considerados 'femininos'. Mas, para que ninguém se iluda com aquelas feitas apenas nos planos institucionais, cabe aqui lembrar que as conquistas alcançadas no nível macro-estrutural têm que se dar também no âmbito da micro-estrutura. E o que se percebe é que, muitas vezes, ainda se aguarda por uma verdadeira assimilação no plano das relações humanas, onde a experiência efetivamente se dá – seja de opressão ou de libertação. Embora já seja possível encontrar, por exemplo, **um homem lutando pelo "direito a poder mostrar sua fragilidade e**

ternura, e que esses traços deixem de ser considerados femininos” (CALLIRGOS, 2003, p.219), também seria indispensável, complementarmente, que coletivamente lutassem contra o poder e o privilégio recebidos, que constelam sua “heroicidade”. Só assim, acredita Callirgos, se pode construir uma nova paternidade.

Dando seqüência à intenção de conferir o quanto este fenômeno social se generalizou e tem marcado praticamente todos os cantos do mundo ocidental, focando de modo especial a maneira como as transformações concernentes às relações de gêneros têm afetado particularmente as práticas, representações e significados em torno da paternidade, apresento agora brevemente os resultados de algumas pesquisas realizadas na América Latina, especialmente no campo da sociologia.

Maria Alejandra Velázquez ⁹ desenvolveu uma pesquisa com o intuito de analisar o significado da paternidade em homens mexicanos de classe média, e que lugar essa experiência ocupa em sua trajetória de vida. Para tanto, levou em conta, nas entrevistas realizadas com esses pais, desde os estereótipos de masculinidade e paternidade presentes, até as expectativas e vivências que constroem sua subjetividade.

Velázquez considera as representações e significados em torno da paternidade como um processo sociocultural cujas importantes mudanças, que se desenrolaram a partir da década de 70, têm levado a questionar o exercício da paternidade na sociedade, atingindo o âmbito da intimidade e da subjetividade, tanto na relação do casal como no desempenho da função paterna.

⁹ Maria Alejandra Velázquez é doutora em sociologia, professora titular na Faculdade de Estudos Superiores Iztacala, na Universidade Nacional Autônoma do México.

O espaço da família, como campo de socialização, é, assim, diretamente afetado por isto. Muitos autores têm analisado, desde então, os processos de mudança nos significados das estruturas familiares, onde a referência quanto à maternidade e paternidade está sujeita a variações e transições históricas que a sociedade vai imprimindo, em contraposição ao determinismo biológico a partir do qual se universalizam as diferenças.

De acordo com a autora, esses temas têm sido abordados por estudiosos do mundo todo, mas ainda se centra muito o interesse na figura materna e se deixa de lado a paterna. **“É necessário analisar a importância social da paternidade na vida dos homens, na subjetividade masculina, visualizando-os como atores sociais em seu processo de construção como homens e como pais”** (VELÁZQUES, 2004, p.3).

A meu ver, ela relativiza os condicionamentos ao dizer que há discursos normativos e institucionais que conformam as representações sociais sobre “como é ou deve ser um homem, e um pai”, mas há também as diferentes formas de assumi-los ou não, e as contradições que enfrentam em suas trajetórias de vida. E ilustra, com um depoimento corajoso e pleno de **contradição frente ao modelo de masculinidade hegemônica que promove apenas o desenvolvimento racional do homem, induzindo-o a deixar em segundo plano sua vida emocional e experiência corporal, consideradas mais femininas**: *“... sou muito racional, mas você não sabe como me dói não poder falar de meus sentimentos... minhas dúvidas, meus temores, minhas angústias, minhas inseguranças...”* (VELÁZQUES, 2004, p.4).

A experiência da paternidade tende a acentuar conflitos internos nesse sentido, por favorecer a emergência de sentimentos positivos em relação, por exemplo, ao ato de cuidar, cujo prazer e desejo nele envolvidos emergem por

estarem estreitamente relacionados com o exercício da paternidade. Entretanto, geralmente os homens não aprenderam a compartilhar seus sentimentos, nem mesmo com as pessoas mais próximas, como a companheira, e acabam, com frequência, se protegendo na impessoalidade, contra a vulnerabilidade.

Ao incorporar a perspectiva de gênero, a autora visualiza todos esses processos como parte de uma “realidade compartilhada” a partir da qual maternidade e paternidade se delineiam e se constroem, assim como também o papel dos filhos, formando parte dessa realidade social multirrelacionada (VELÁZQUES, 2004, p.6).

Velázquez apresenta inúmeras pesquisas feitas na última década sobre paternidade, todas na América Latina, sendo a maioria no México, mas também no Brasil, Peru e Colômbia. Não cabe aqui detalhá-las, mas apenas delas extrair, em conjunto, uma convicção reforçada sobre a necessidade de se pesquisar este tema, sendo em todos os casos a paternidade apresentada como uma experiência em transição, que vem sendo remodelada no enfrentamento de contradições entre as novas demandas, por um lado reformatadas em novos discursos de alguma maneira assumidos pela coletividade, e as subjetividades possíveis, por outro. Destaca-se, de um modo geral, a crescente participação dos homens, desde o processo reprodutivo onde se inclui, em graus variáveis, **o desejo por filhos e a maneira como são inseridos em seus projetos de vida**, até a proximidade no processo educativo onde se mesclam os papéis de provedor e protetor com o de oferecer apoio emocional e afetivo. **A paternidade também é apontada como um acontecimento irreversível que marca a passagem para a vida adulta**, notadamente pelas responsabilidades que implica, mas também pela renúncia à autonomia individual e **a necessidade de estabelecer vínculos, sendo essa**

experiência apontada como uma realização pessoal e da qual desfrutam emocionalmente. Tudo isso, não se deve esquecer, em meio a imensas contradições e conflitos no confronto com os valores tradicionais, internalizados como referências de masculinidade.

A autora conclui que, para a maioria dos entrevistados, ser pai promove “uma ressignificação de vida”, que vai além do exercício do poder, na medida em que lhes permite contatar sua companheira e filhos, e também suas próprias necessidades afetivas como homens, incorporando a parte historicamente negada a partir dos estereótipos sociais masculinos. Para encerrar sua contribuição:

“Se a paternidade participa do processo de transição e amadurecimento em direção à fase adulta como parte da identidade nos homens, também **a paternidade se incorpora na sua subjetividade como parte do projeto de vida** que dará sentido e significado às atividades que desenvolve. **Diferente do que a literatura tem dito a respeito dos homens, assinalando que geralmente não contemplam o desejo de ter filhos e participar de maneira próxima no processo de criação e desenvolvimento**, pelo contrário, encontramos que a maioria lhe dá um lugar importante e significativo em seu projeto de vida” (Velázquez, 2004, p.10).

Para encerrar este capítulo sobre o cenário social em que se inscreve hoje a experiência da paternidade, quero fazer uma breve menção à crescente produção que se encontra atualmente sobre o tema nos setores não acadêmicos: filmes, revistas, ‘blogs’ e diários de pais que desejam compartilhar e sugerir a outros pais que se abram para a mesma oportunidade. Pais encantados com a própria

experiência de paternidade se dedicam a registrar (como antigamente muitas vezes faziam as mulheres, na privacidade) e divulgar suas experiências, em tom coloquial, de leigo para leigo, motivados, ao que tudo indica, pela **radicalidade do prazer que tal experiência tem lhes proporcionado, e, acima de tudo, por se orgulharem dela**. Divulgam como uma oportunidade para compartilhar, mas também como quem espera despertar em outros homens a disponibilidade para uma experiência igualmente gratificante e intensa.

Dentre vários livros recém lançados destaco dois. Em *‘Pai é pai. Diário de um aprendiz’* o jornalista Luiz Rivoiro, sob a forma de um diário, narra sua experiência cotidiana, desde a notícia da gravidez, acompanhada passo a passo, até o primeiro aniversário de seu filho, acrescido de alguns fatos no segundo ano, que ele chama de ‘bônus’. Segundo o apresentador do livro, Ricardo Villela, **“Ser pai é, a um só tempo, a experiência mais pessoal e mais coletiva que se pode viver”**, além de ser “a melhor parte da sua vida” (VILLELA, in: RIVOIRO, 2005). Decisões, emoções e aprendizagens de um homem, enquanto descobre, com humildade – como ele mesmo diz – para enfrentar a sua ignorância, como é ser pai de primeira viagem, acompanhando desde o primeiro ultra-som até as primeiras palavras, destinam-se a ser compartilhadas com outros homens em situações semelhantes, mas também servem, de acordo com o autor, para ajudar as mulheres a entender melhor o que passa na cabeça dos homens naquele que o autor qualifica como “o momento mais importante de suas vidas” (RIVOIRO, 2005, p.10).

O segundo livro a destacar é *‘O manual do grávido. Um guia completo e bem humorado para você curtir sua gravidez e sua grávida’*, escrito por dois jornalistas, Cláudio Csillag e Humberto Saccomandi. Com finalidade distinta do primeiro, é um livro mais informativo e educativo, embora também inteiramente baseado na

experiência desses autores-pais, tomando o formato de depoimento. Assumidamente mais diretivo, tem a explícita finalidade de estimular outros pais a serem cada vez mais e mais participativos, comportamento para o qual, segundo os autores, os homens não foram até então preparados. Estimulando a paternidade responsável, nas palavras dos autores, “a boa gravidez masculina... tem tudo para se transformar em uma das mais agradáveis fases de sua vida” (CSILLAG, 1999, p.9). A decisão desses autores em publicar um livro focado num relato da experiência da gravidez do ponto de vista masculino, esteve baseada também na constatação de que o mercado editorial brasileiro era pobre no assunto, ao contrário de países europeus e dos Estados Unidos, que abordam mais a gravidez masculina.

Recentemente foi lançada na Internet uma revista masculina – www.levingsdivorcemagazine.com – inteiramente dedicada aos homens divorciados, cuja finalidade é, segundo seus editores, abordar os assuntos que mais preocupam esse grupo, “*sem que isso signifique tomar atitudes negativas contra as mulheres*”. Trata de assuntos como relação entre pais e filhos, como otimizar as visitas, os estereótipos da família tradicional e também de aspectos legais. Seu criador é Jeffery M. Leving, advogado de Chicago em assuntos de direito de família, que pretende veicular informações sobre os direitos nessa área. Diz o editor-chefe Joe Englert: “*Queremos nos conectar com o modo de pensar e as emoções do homem divorciado*” e conclui, com base na boa receptividade da revista, que “**os homens divorciados deste país não querem ser meros visitantes de seus filhos alguns dias por semana ou por mês, mas sim participar da criação de seus filhos**” (MARTIN, 29/10/2005).

Como se nota, o fenômeno das transformações que vêm atingindo o papel de pai, em consonância com as reformulações sobre o significado da paternidade, reverbera tanto na dimensão coletiva, como no âmbito privado da vida cotidiana. Tendo atingido tal dimensão, vejamos como a psicologia o tem abordado.

2. O TEMA DA PATERNIDADE NA PSICOLOGIA

A psicologia, em sua história por mais de um século, desenvolveu pesquisas e produziu um grande número de capítulos sobre a importância da mãe no desenvolvimento psicológico da criança, enquanto o pai recebia relativamente pouca atenção por parte dos pesquisadores. Recentemente, eu diria que pelo menos das décadas de 80, e, com maior expressividade, de 90 para cá, o pai tem despertado maior interesse e suscitado vários estudos que estão fornecendo já alguma bibliografia significativa sobre o tema.

Nas produções teóricas desenvolvidas ao longo desse século, onde se destacou a abordagem psicanalítica, o espaço reservado ao pai, no que tange ao processo do filho, foi e tem sido definido basicamente em duas funções: em primeiro lugar, a de **interditar o vínculo com a mãe**, impedindo que se prolongue indefinidamente a natureza simbiótica dessa relação dual, que visa preponderantemente a obtenção do prazer com a satisfação das necessidades do filho; e, em segundo lugar, concomitante com a primeira função, a de **introduzir o filho no mundo da Lei**, desenvolvendo com isso **a linguagem, a noção de limites e o recurso da discriminação, três elementos preponderantes para sua inserção na cultura**.

Essa foi uma grande contribuição da psicanálise para a nossa compreensão do lugar do pai na família e na sociedade. E tornou-se praticamente um consenso considerar o 'pai' (entendido aqui não apenas como pai biológico, mas como 'função paterna') como uma figura também determinante no crescimento do filho, ao lado da mãe, por desempenhar principalmente o papel de inseri-lo no mundo mais amplo e promover sua adaptação social, sendo essa visão inclusive compartilhada por outras

escolas em psicologia. Cabe aqui esclarecer que não pretendo, com isso, sugerir que a psicanálise tenha reduzido a função paterna a um desempenho de papéis no plano da exterioridade, pois essa teoria, pelo contrário, pretende demonstrar que o substrato psíquico dessa interação pai-filho diz respeito à estruturação do superego, que adentra outras esferas mais complexas como a dos dinamismos psíquicos e a da constituição do sujeito. Entretanto, o lugar reservado ao pai, nessa concepção, parece equivaler, de certa forma, ao que, na conceituação junguiana, seria apontado como um desempenho de funções arquetípicas, e, mais especificamente, aquelas relativas ao chamado ‘dinamismo patriarcal’.¹⁰

A prática clínica tem me permitido observar e levantar questões sobre o quanto e o modo como o pai interfere na estruturação geral da psique do filho, na construção da identidade e da estabilidade emocional, positiva ou negativamente. E, nesse sentido, o que parece se destacar nos depoimentos que tenho presenciado em atendimento, mais do que a relação do filho com o pai em seu papel patriarcal, são os momentos em que o filho tem acesso ao seu pai apresentado de maneira pessoal e humanizada, com direito aos próprios sentimentos. O modo subjetivo como o pai se expõe ao filho e exerce seus papéis, sejam eles desenvolvidos dentro de um padrão patriarcal ou não, é o que parece marcar a subjetividade do filho. E também **a maneira como o pai percebe o filho em sua subjetividade, lhe dá retorno e o confirma – seja de forma positiva ou não – faz significativa diferença na experiência desse relacionamento**, interferindo tanto na constituição da subjetividade do filho, quanto na permanente reconstrução da subjetividade paterna.

¹⁰ Alguns conceitos desenvolvidos pela teoria junguiana são neste capítulo brevemente mencionados, mas serão retomados e apresentados no capítulo ‘Referencial Teórico’. É o caso, aqui, de ‘funções arquetípicas’ e ‘dinamismo patriarcal’.

Tais observações se constituem, por ora, nas bases a partir das quais se delineiam as hipóteses e perguntas que dão suporte à elaboração da pesquisa aqui desenvolvida. Tem sido grande a satisfação de encontrar interlocução entre esse posicionamento decorrente de uma leitura, ainda em construção, das novas configurações sociais e familiares que vêm ressignificando a figura do pai, e estudos mais recentes, junguianos ou não, acerca do pai na nossa cultura. Para exemplificar, apresento brevemente alguns autores, sendo que um pequeno número deles será retomado mais adiante, e suas idéias, desenvolvidas.

Para iniciar, menciono a coletânea *“The Father”*, organizada pelo junguiano Samuels (1986), que apresenta uma série de artigos, em sua maioria de analistas junguianos, mas que, em alguns momentos, fazem aproximações com a psicanálise, explorando temáticas relativas ao pai, quase todos numa abordagem clínica. O livro fecha com a retomada do capítulo de Jung dedicado ao pai, *“A importância do pai no destino do indivíduo”*, escrito em 1909 e revisto por ele em 1949.

Ao levar em conta a presença da imagem do pai na análise, a coletânea contribui para reflexões em torno do pai, num sentido mais amplo. Detendo-se particularmente no processo analítico, onde imagens do pai são projetadas pelos pacientes sobre os analistas, Samuels sugere que **o analista desempenha a função de humanizar tais imagens**. Se recebe projeções do pai arquetípico interno, deve entrar na família interna do paciente para, através do relacionamento terapêutico, mediar a relação com o seu imaginário (SAMUELS, 1986, p.41).

O conjunto dos artigos levanta um vasto material clínico a partir do qual Samuels lista, em pares, as principais polaridades de imagens do pai que se revelam, na transferência ou contratransferência, e que certamente não estarão ativas na análise ao mesmo tempo. A saber: ter um pai / ser um pai; pai arquetípico /

pai pessoal; pai interno / pai externo; pai castrador / pai facilitador; pai forte / pai fraco; pai erótico / pai inibido; pai espiritual / pai incestuoso (SAMUELS, 1986, p.42).

Desse livro quero destacar o artigo do psicanalista W. Ralph Layland, que **examina o conceito de pai amoroso** baseado em material clínico. Reflexões ao longo do trabalho desenvolvido com dois pacientes homens, com medo de serem homossexuais, levaram-no a compreender que ambos procuravam por um pai amoroso. Sugere que **o papel do pai amoroso está na capacidade de aceitar que o filho demonstre seus desejos, necessidades, fantasias e sentimentos, mesmo sem esperar que a criança lide com suas próprias necessidades inconscientes** (LAYLAND, in: SAMUELS, 1986, p.168). Define esta como uma das qualidades do pai pré-edípico, o “suficientemente bom”, em diálogo com o conceito de “mãe boa o suficiente” de Winnicott (1960) ¹¹ (LAYLAND, in: SAMUELS, 1986, p.154-157).

Layland enfatiza que é **importante não pensar o pai como um substituto da mãe, pois seria negar-lhe o direito ao seu próprio papel**, e também negar à criança a capacidade de experienciá-lo como algo diferente da mãe. Esse artigo pretende ainda demonstrar o quanto **problemas psicológicos não resolvidos com o próprio pai interferem no desempenho desse papel como pai amoroso** (LAYLAND, in: SAMUELS, 1986, p.167).

Um paralelo pode ser feito entre a postura de pai que Layland quer destacar como saudável e aquela que corresponderia, na abordagem junguiana complementada pela perspectiva de desenvolvimento de Byington (1986), ao dinamismo da alteridade, favorecendo a manifestação de outros aspectos do

¹¹ Esta idéia do pai amoroso – ou ‘suficientemente bom’ – identificada como uma das qualidades do pai pré-edípico, deverá ser retomada no capítulo ‘Referencial Teórico’, quando a compreensão de Carlos Byington sobre desenvolvimento for apresentada, com a finalidade de enfatizar, comparativamente, **o caráter não regressivo** que isso adquire na perspectiva de Byington.

arquetipo paterno além do tradicional papel patriarcal, enfatizado na cultura ocidental.¹²

Na mesma direção, pesquisas acadêmicas vêm sendo desenvolvidas na área de psicologia clínica, em São Paulo, nos últimos anos – Donha (1998), Faria (2001) e Lima F^o (2002) – focalizando justamente a paternidade em transformação, tendo em conta a constelação de uma nova subjetividade masculina. Enquanto a dissertação de mestrado de Marcus Cezar Donha (1998) estuda a relação pai-filho e seus reflexos na subjetividade do homem atual, na tese de doutorado de Durval Luiz de Faria (2001), publicada sob o título *‘O Pai Possível. Conflitos da paternidade contemporânea’* (2003), o interesse se centra no **processo de individuação masculino vivenciado a partir do enfrentamento e elaboração de conflitos que envolvem a paternidade** – tema abordado pela pesquisa aqui desenvolvida. Já Alberto Pereira Lima Filho, em sua tese de doutorado publicada no livro *‘O Pai e a Psique’* (2002), questiona o restrito papel atribuído ao pai como transmissor da tradição e da lei e se propõe a verificar as contribuições e o significado do pai, ao lado da mãe, para a constituição do homem e da mulher, em duas esferas: como uma das bases do inconsciente, e na estruturação da consciência.

Foi de grande valor para a minha pesquisa a leitura da cuidadosa retomada que Lima F^o faz das contribuições, particularmente de Carlos Byington, e também de Erich Neumann, dentro da perspectiva do desenvolvimento, onde investiga a função arquetípica do pai na vida psíquica, discernindo-a do pai pessoal.

Sobre essa perspectiva de desenvolvimento descrita por Carlos Byington (1986) como ‘perspectiva evolutivo-estrutural’, Lima expõe de forma precisa e sintética, sem perder em profundidade, conceitos que serão por mim retomados no

¹² Tais conceitos, específicos da teoria adotada neste trabalho, como o ‘dinamismo da alteridade’ e ‘arquetipo paterno’ serão no próximo capítulo melhor explicados.

próximo capítulo, onde me comprometo de forma mais explícita com a abordagem teórica que embasa a presente pesquisa.

Focando seus estudos prioritariamente no ciclo patriarcal, o autor aponta a fundamental importância do dinamismo paterno, no desempenho de suas funções de interditar e fiscalizar a lei, como estruturante da psique dos filhos, a ponto de considerá-lo responsável “por grande parte do processo de humanização” (LIMA F^o, 2002, p.18). Mas cuida também de discernir o efeito lesivo de seus excessos, no sentido de abusar do poder, manipular ou enrijecer a lei, prolongando mais do que o necessário o controle centralizador da figura paterna, assim como de suas omissões, quando se abstém do exercício de interditar e orientar, trazendo consequências para o processo de amadurecimento psicológico, como indiscriminação, infantilização, perversão e outras condições que comprometem a individuação. Mesmo considerando os perigos incluídos como possibilidades no exercício e nos descaminhos do dinamismo paterno, em meio aos benefícios, afirma que “o passaporte para a alteridade é carimbado com as marcas positivas da função paterna” (LIMA F^o, 2002, p.18).

O psicanalista Bernard This (1987), um dos pioneiros na psicoprofilaxia e psicoterapia obstétricas, já em 1980 argumentava a favor do papel essencial do pai, desde a gravidez e o parto até sua participação e presença protetora e amorosa no desenvolvimento do filho. Seu trabalho segue na contramão da tradicional exclusão do pai, até então, dos assuntos relativos à gravidez que, segundo ele, costumavam ser (mais naquela época do que agora, mas ainda hoje, em graus variáveis, conforme o contexto sócio-cultural) um assunto exclusivo da mulher com seu médico, sendo o pai eliminado do processo e tratado como um estorvo.

Como se vê, já há mudanças significativas dos anos 80 para cá, mas o sentimento de exclusão ainda se faz presente, de forma algumas vezes bastante ressentida por parte dos homens. Isto tem levado, mais recentemente, alguns casais a fazerem a opção pelo parto domiciliar, por ser considerada esta uma alternativa que favorece a **busca da ‘participação total’ por parte do pai no momento do parto.**

Motivada pelas mesmas preocupações, a psicóloga Maria Tereza Maldonado já vinha desde os anos 70 trabalhando com a psicologia da gravidez, parto e puerpério, visando desenvolver um atendimento ao casal que espera um filho, numa abordagem que, indo além do aspecto somático, cuide também do emocional. Procurando fazer frente à crescente dissociação que se verifica entre o somático e o emocional no atendimento clínico, decorrente da evolução tecnológica e valorização das especializações muito em voga na época, publica o livro ‘Psicologia da gravidez, parto e puerpério’ (1976, 1ª ed.), onde apresenta uma caracterização dos principais aspectos psicológicos da gravidez, a fim de sensibilizar os profissionais de saúde ligados a essa temática. Faz também uma revisão crítica dos estudos sobre os aspectos psicossomáticos da gravidez e parto, bem como dos principais métodos de preparação para o parto utilizados na época, para em seguida propor o que ela chama de “preparação psicológico-educacional” (IPE). Desenvolve esse trabalho com pequenos grupos de casais ou só de gestantes, cuja ênfase está menos nas informações racionais e mais na elaboração das vivências emocionais, visando garantir um reassseguramento com relação às ambivalências afetivas expressas.

Esse trabalho, cujos “objetivos básicos são a preparação para a maternidade e paternidade, a redução do nível de ansiedade no ciclo grávido-puerperal e o alcance de novos níveis de integração e amadurecimento da personalidade”

(MALDONADO, 1977, p.101), embora inclua o homem e faça referência ao impacto da gravidez na estrutura familiar, parece ser ainda bastante focado na gestante, uma vez que, numa perspectiva de prevenção primária, visa o fortalecimento e a saúde do vínculo mãe-bebê. A partir da concepção de que “a maternidade é um momento existencial extremamente importante no ciclo vital feminino que pode dar à mulher a oportunidade de atingir novos níveis de integração e desenvolvimento da personalidade” (MALDONADO, 1977, p.9), a autora prioriza a gravidez como um momento de “formação do vínculo materno-filial e reestruturação da rede de intercomunicação da família – ponto de partida de um novo equilíbrio dinâmico da unidade familiar” (MALDONADO, 1977, p.9).

Em seguida, Maldonado se alia ao obstetra Jean Claude Nahoum e ao pediatra Julio Dickstein e juntos publicam o livro *‘Nós estamos grávidos’* (1985, 5ª ed.), com a intenção de, efetivamente, incluir o pai. Numa linguagem dirigida ao leigo, o livro se propõe a informar, acolher e orientar homens e mulheres, ajudando-os a **compreender a complexidade e a riqueza das mudanças que os transformam em pais e mães** (MALDONADO, NAHOUM e DICKSTEIN, 1985, p.5). Para esse fim, os autores cuidam de veicular as informações de forma nada técnica, visando integração desses conteúdos com as reverberações emocionais que eles evocam.

Ao tratar dos **complexos processos que se desenrolam na mulher e no homem que esperam um filho**, ao mesmo tempo procuram lembrá-los que, na verdade, **o relacionamento entre pais e bebê começou na própria infância e adolescência dos adultos, quando, através das fantasias, já potencializavam a ligação com o filho** (MALDONADO, NAHOUM e DICKSTEIN, 1985, p.9).

O livro aborda temas até então pouco cuidados, como **o homem no pós-parto, e o contato direto do pai com o filho é bastante valorizado, indo bem além de estimular o homem a dar apoio à sua mulher**. Além disso, o texto cria um clima favorável para **a compreensão das ambivalências afetivas de ambos os pais em relação ao filho**, bem como para o acolhimento das dificuldades emocionais, particularmente as dos homens, numa iniciativa ímpar, se pensarmos que ela se deu há quase 30 anos (a 1ª edição é de 1978). Encarando com naturalidade os grandes conflitos que são vivenciados ante às tão freqüentes quebras das idealizações e mesmo decepções que ocorrem nesse período de vida, seja com relação ao filho, seja referente ao próprio relacionamento conjugal, que inclui agora os papéis de pai e mãe, o livro consegue, com seu sucesso de venda, mesmo dirigindo-se aos pais, semear entre os profissionais da área a necessidade de multiplicar a oferta de serviços nesse sentido.

Com relação a esse tema dos papéis de pai e mãe, tenho encontrado na área da psicologia social algumas pesquisas que, indo a campo, enfrentam certos mitos com relação às tão enfatizadas mudanças que estariam em curso, como se elas estivessem ‘destronando’ os modelos da cultura patriarcal.

Alguns pesquisadores em psicologia social têm observado que, **se na vida pública os papéis de homem e mulher na sociedade ocidental efetivamente se assemelharam, no interior das famílias ainda encontramos atribuições de papéis parentais claramente distintos**. Benedito Medrado (1998), em sua pesquisa sobre as imagens dos homens veiculadas pela mídia particularmente na arena do cuidado infantil, demonstra isso explorando figuras de linguagem muito expressivas da nossa cultura popular, como *“levo papai no bolso e mamãe no*

coração” (MEDRADO, 1998, p.152), herdadas e ainda presentes, que preservam a imagem tradicional de ambos como representantes de suportes bastante distintos: cabendo ao pai o material e à mãe o emocional.

Seu levantamento de material publicitário revela profundas ambigüidades presentes nas mensagens: de um lado, “essa concepção de participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar” (MEDRADO, 1998, p.154) vem sendo veiculada já há pelo menos três décadas como um valor em nome da chamada “*nova paternidade*”; de outro, a publicidade transmite e reforça o que há de mais tradicional no imaginário social, como a excludente cristalização de papéis. Por exemplo, explora através do humor a conhecida imagem daquele típico pai desajeitado que tenta ajudar, mas que é um “pai pastelão” – o que só leva a reforçar certa cumplicidade feminina através da máxima: “Homem, nessas horas, só atrapalha” (MEDRADO, 1988, p.153).

Segundo Jorge Lyra (1997, citado por MEDRADO, 1998, p.154), pesquisas acadêmicas atuais evidenciam uma **transformação lenta dos valores no plano das atribuições parentais**. São muitas as resistências encontradas em diferentes esferas, tanto em homens como em mulheres, para incluir o homem no campo emotivo, considerado feminino. Obstáculos em torno dos mitos sobre masculinidade se fazem sentir de formas sutis e não verbais no cotidiano das relações familiares. Muitas vezes a dinâmica familiar, semelhante à de outrora, não prevê um lugar para homens afetuosos e dedicados ao cuidado infantil, a não ser naquela já citada figura do “pai pastelão”.

Segundo ambos os autores, para se conseguir alguma transformação efetiva, fortes barreiras têm que ser enfrentadas em função desses **preconceitos e mitos sobre masculinidade que estão inconscientemente arraigados em ambos os**

sexos, destilados que foram através da educação como características “naturais”, embora paradoxalmente se reconheça hoje – pelo menos conscientemente – a **importância para os filhos de pais mais presentes** no cotidiano, habilitados para os cuidados e, principalmente, **mais afetivos**.

Quanto a mim interessa, no momento, pesquisar **a importância dessas características para os próprios homens, e como está a permissão para vivenciá-las**. Minha questão se volta mais especificamente para **o processo de desenvolvimento psicológico masculino atrelado à experiência da paternidade**, embora não perca de vista os benefícios que atingem os filhos.

Ao rever parte da produção científica sobre o tema, Lyra, em sua pesquisa sobre paternidade adolescente, considerada por ele um fenômeno social bastante negligenciado, constatou que **“quase nunca se investiga sobre a participação, responsabilidade e desejo dos homens no processo de reprodução”** (LYRA, 1998, p.186). E sugere que **há vantagens, não apenas para as crianças, mas também para os homens adultos quando há oportunidade de uma participação mais intensiva do pai nos cuidados para com seus filhos**. Segundo ele, à maior participação das mulheres na vida pública deveria corresponder uma maior participação dos homens na vida privada, incluindo a criação dos filhos e a partilha das atividades domésticas, mas pondera que as condições concretas criadas pela sociedade não favorecem esse envolvimento de homens na vida familiar (LYRA, 1998, p.192). Por exemplo, observou que, “mesmo quando um rapaz pretende assumir um papel ativo como pai de seu filho, as instituições sociais... parecem recusar-lhe essa assunção” (LYRA, 1998, p.186), além de perceber que tal anulação social da paternidade adolescente “acaba por legitimar a ausência paterna”. Por outro lado, pôde também conferir nos resultados de outras pesquisas (ENGLE e

BREAUX, 1994, citados por LYRA, 1998, p.194) que “os homens que desempenham mais tarefas de cuidados para com as crianças relataram uma maior satisfação na relação conjugal”. Creio que não se trata, no caso, apenas de desempenhar mais tarefas, mas de **ampliar a aceitação – em ambos os cônjuges - do cuidado desempenhado pelos homens.**

O psicólogo italiano Luigi Zoja também se ocupa, porém de maneira distinta das pesquisas acima citadas, dos papéis do pai em relação aos da mãe. Em seu livro *‘O Pai. História e psicologia de uma espécie em extinção’* (2005) apresenta a figura do pai através da história e aponta transformações quanto à sua representação, não só as mais recentes, levando-nos a observar como o lugar reservado à afirmação de sua onipotência veio sendo substituído pelo progressivo esvaziamento dos símbolos do pai.

A meu ver, há autores que, fixados à tradicional concepção de pai, que o define preponderantemente como aquele que traz a ordem, interdita, limita e provê materialmente, interpretam as atuais transformações como decadência e mesmo desaparecimento da figura do pai. Pode-se fazer um paralelo com o que se verifica no tema das transformações que assistimos hoje na estrutura familiar, que vêm tomando novas e diversas configurações, incluindo recasamentos, as quais são, na opinião de alguns, a expressão da decadência social, enquanto outros, como Byington (2001), fazem uma leitura que inclui riscos e crescimento.¹³ É o caso, em minha opinião, de Zoja, no que concerne à sua concepção de paternidade. Assim como nos alertam Lyra (1997) e Medrado (1998) sobre as resistências para se enfrentar os mitos da masculinidade, as mesmas podem se manifestar, não só em

¹³ O pensamento de Byington a esse respeito será apresentado no próximo capítulo.

pais e mães, mas também em estudiosos sobre o tema, ante a presença de dificuldades para ressignificar aspectos que vieram sendo, ao longo dos tempos na cultura patriarcal, desqualificados e atribuídos ao feminino. Atitudes como nutrir, cuidar, acolher, compreender e conviver são, nessa perspectiva, consideradas ‘menores’ (e femininas) que as de dirigir, comandar, ensinar, orientar, disciplinar, julgar e prover – todas elas signos de poder, na medida em que se manifestam num padrão de relação marcadamente vertical, diferindo das primeiras, que sugerem e promovem diferentes nuances de horizontalidade.

Zoja interpreta, a partir dessa perspectiva, que tais transformações no desempenho do papel paterno seriam responsáveis, por exemplo, pelo aumento da criminalidade e pelas dificuldades de adaptação no mundo adulto por parte dos jovens, visto de uma maneira geral. Em palestra proferida em São Paulo sob o título “*Pai: considerações históricas*” (2001) comenta que há muitas correlações sociais entre criminalidade masculina juvenil e ausência de pai, inclusive reveladas estatisticamente. Mudanças no papel paterno e a figura do pai ausente parecem assim estar associadas.

Sua hipótese, segundo ele autorizada pelos estudos paleoetnológicos, é a de que os homens, nas origens da civilização, vão à caça baseados na **memória** que lhes permite reter a lembrança de que deixaram mulher e filhos e devem voltar para alimentá-los. A partir disso Zoja afirma que **o princípio psicológico que chamamos Pai tem um programa, olha para o futuro** e não só para o presente imediato. Portanto, **tem um núcleo de previsão, bem como capacidade para renunciar à satisfação imediata do instinto, em favor de um programa longínquo**. Isso revela também que **há uma organização**, porque não é uma caça individual. Mais do que isso, há uma intenção, uma diferenciação com relação ao instinto e o

desenvolvimento de uma relação com os limites. Zoja conclui que **o Pai, como figura arquetípica, se ocupa tanto dos limites**, por nascer justamente da idéia dos limites aplicada a si mesmo, e acaba sendo castrador, **impondo limites à mulher e aos filhos, como uma função social de educação** (ZOJA, 2001).

O autor elenca inúmeros fatores sociais, nos últimos séculos, que vêm contribuindo para o que ele chama de enfraquecimento da figura paterna, a curto e médio prazo, posicionando-se diferentemente de muitos estudiosos americanos, também citados por ele, que defendem a idéia de que o pai desapareceu há pouco. Aponta as ditaduras de direita e esquerda no século XX europeu como uma nostalgia pelo pai, pela autoridade, pelo senso de limite que já se estava perdendo e mesmo pela família patriarcal tradicional que já se diluía. Conclui que hoje estamos sem pai, simbolicamente, entendido como o pai arquetípico, representante da autoridade. Tendo como base tais premissas, sua leitura dos ‘novos pais’, como se usa denominar, não é nada esperançosa: “são pais joviais, numa diáde com os filhos, que mais parecem uma boa mãe de qualquer sexo, ou melhor, **mães do sexo masculino**, se ocupando da educação e cuidados primários com o corpo, mas que não ensinam como limitar a necessidade na segunda fase da educação, aquela na qual tradicionalmente era o pai que ensinava” (ZOJA, 2001). Encara essa figura “mais como uma **regressão a uma forma muito bruta pré-paterna**. É uma ajuda para a mãe, o que é politicamente correto, já que ambos trabalham, mas que não resolve o problema da ausência do pai simbólico e arquetípico na socialização e na educação secundária” (ZOJA, 2001). Dito de outra forma, interpreta como “uma certa **involução** de toda a sociedade... em sintonia com uma tendência a se escapar da

dimensão social, refugiando-se no próprio espaço privado: no individualismo ou... na ‘relação’ de simbiose” (ZOJA, 2005, p.231). ¹⁴

A imagem de pai que já não corresponde mais a da “pessoa que introduz o filho na sociedade”, e que se volta “cada vez mais para a fase primária... a fim de explorar seu papel com o recém-nascido”, é “o pai (que) se torna inapreensível porque maternalizado” (ZOJA, 2005, p.231).

O autor argumenta que “ele se apresenta como **novo companheiro**, não como novo pai” (ZOJA, 2005, p.230). ¹⁵ E que isso pode ser interessante inconscientemente face ao sentimento de culpa destilado pela cultura moderna, e particularmente pelo feminismo, como uma “maneira a deixá-los em paz com sua consciência”... “Muitas mulheres, por fim, vêem o fenômeno com bons olhos (por) levar... a uma colaboração por parte dos homens”. Enquanto se aspira a um pai doce e positivo, “tão dócil quanto a mais insípida das Madonas”, exime-se o homem do ingrato papel de educador e castrador (ZOJA, 2005, 231).

De acordo com essa análise, pode-se concluir que o homem atual estaria decididamente se alienando no desempenho dessas novas funções, uma interpretação radicalmente oposta à dos pesquisadores que vêem esse processo como uma conquista, mesmo que não completa, como a integração da anima a favorecer o processo de individuação. ¹⁶

À parte minhas considerações críticas quanto às posições do citado autor, há que se compartilhar com ele as apreensões quanto à figura coletiva do ‘pai ausente’, um fenômeno social problemático, e seu alerta em direção à falta que faz aos filhos,

¹⁴ Os destaques no interior destas citações são grifos meus.

¹⁵ Grifo do autor.

¹⁶ Os conceitos ‘anima’, ‘processo de individuação’ e ‘função patriarcal’ serão apresentados no próximo capítulo.

principalmente às crianças um pouco crescidas e adolescentes, o desempenho do pai na sua função também patriarcal.

O que me parece interessante na pesquisa teórica de Donha (1998) é que, diferentemente de Zoja (2001, 2005), ampliando seu olhar em relação ao entendimento do que é arquetípico, com base nas formulações desenvolvidas por Byington (1986, 1987), assim como Lima F^o (2002), procura **identificar o modo como o arquétipo da paternidade tem sido constelado hoje, indo além do dinamismo patriarcal como única referência**, e conclui que **as recentes transformações favorecem a individuação, tanto do homem que exercita a paternidade, quanto do filho.**

O autor afirma que apesar da história da cultura ocidental ter propiciado a constelação do arquétipo do pai e o exercício da paternidade de forma bastante rígida e dogmática, as recentes mudanças sociais nessa virada de século têm relativizado a eficácia da estrutura patriarcal. Observa que, **através de modificações sociais, é possível vislumbrar uma identidade masculina menos polarizada**, que gradualmente amplia o espaço social e psicológico para a constelação de aspectos mais justos do arquétipo do pai, com **relações mais democráticas e que propiciam maior intimidade na relação pai-filho**. A possibilidade de ver o outro, com sua força e fragilidade, suas vulnerabilidades e valores, favorece o resgate de aspectos anímicos na subjetividade masculina (DONHA, 1998). Trabalhando com referencial teórico desenvolvido por Byington (1983), acrescenta que “o padrão de alteridade regido pela anima e pelo animus, considerado como estágio evolutivo pós-patriarcal da consciência”, cria novas “bases para uma convivência mais integrada e harmoniosa” (DONHA, 1998, p.67).¹⁷

¹⁷ Noções dinâmicas como a participação da ‘anima’ e ‘animus’ no ‘padrão de alteridade’ serão explicadas adiante, no conjunto do corpo teórico.

Bastante focado nas conseqüências da interação pai-filho, Donha ressalta **que a entrada do pai que não assume sua pessoalidade e limitações humanas, “condena o filho a seguir modelos estereotipados de conduta oferecidos pelos ditames patriarcais”** (1998, p.121). **O excesso de imposições dificulta a essas crianças o reconhecimento dos próprios desejos**, enquanto as conduz, inseguras, à submissão a um amor condicional, que magoa. Enquanto esses pais, distanciados, não acessam as fantasias de seus filhos, estes “tenderão a se desenvolver precocemente em um mundo codificado e repleto de leis, tendo pouco acesso à sua interioridade”. Quando um pouco mais velhos, **“a crise da adolescência tratada com rigor patriarcal freqüentemente provoca um bloqueio para o dinamismo da alteridade”** (DONHA, 1998, p.122).

A meu ver, as reflexões desenvolvidas por Donha, com profundidade, constituem uma importante contribuição para pais, educadores e psicólogos, e alertam para a urgência de transformações nos padrões de relação, se quisermos agir em favor da totalidade da personalidade das novas gerações, visando melhores condições ao processo de individuação. E completa:

“Quando lhe é favorecido participar de uma relação de intimidade e cumplicidade com seu pai, o garoto passa a ter acesso ao desabrochar de sua masculinidade mais primitiva até a elaboração de valores espirituais e culturais mais elevados” (DONHA, 1998, p.121).

Esse trabalho, como a maioria dos outros desenvolvidos em torno do tema da paternidade, mantém seu foco preponderantemente na relação pai-filho, com olhos voltados para as conseqüências favorecedoras ao segundo, mas já inclui, com

cuidado, uma atenção e interesse acerca do processo de individuação do próprio pai, entendendo o desenvolvimento como um processo relacional.

Durval Faria (2001, 2003) é o primeiro autor por mim encontrado a fazer uma opção decisiva em direção à individuação do homem, tendo em conta os efeitos que a experiência de paternidade lhe propicia. A relação pai-filho é considerada como vivência do próprio pai. Segundo Faria:

“A psicologia apresentou, até agora, muita dificuldade em caracterizar a questão paterna pelo olhar do próprio pai. Até agora observamos muito o pai pelo olhar do filho, na questão do desenvolvimento infantil ou pelo olhar do adulto que vivencia um complexo paterno” (FARIA, 2001, p.20).

Por isso propõe “que o pai se revele a si mesmo através de suas falas, seus discursos, suas contradições, que fale sobre sua intimidade e as dificuldades que ele sente ao lidar com a vida doméstica e seus filhos” (FARIA, 2001, p.20).

Esta pesquisa pretende contribuir, na mesma direção apontada por Faria, para um **maior conhecimento das experiências de paternidade segundo os próprios pais**. Busco um maior contato com a **natureza das vivências internas que acompanham esses homens enquanto se tornam pais, procurando conhecer melhor o conjunto de desafios a que se sentem pessoalmente expostos atualmente, e que sínteses estão sendo possíveis**, tendo em conta o cenário social em que estamos todos inseridos. Serão ainda necessárias inúmeras pesquisas nesse sentido para **dar voz ao pai** e colher depoimentos em diferentes aspectos, faixas etárias e momentos de vida.

Enquanto Faria, com sua pesquisa, propiciou um debate entre pais em diferentes estágios da vida, através de uma série de encontros, nos quais **compartilharam experiências e conflitos vividos**, tendo como pano de fundo a atenção voltada para o processo de individuação masculino, **minha pesquisa foca o momento de iniciar-se na paternidade**, independente da idade, colhendo depoimentos – basicamente em entrevistas individuais – acerca de suas vivências, expectativas, temores e ansiedades, enquanto acompanham a gravidez da companheira ou o início da vida de seu primeiro filho. Sendo assim, manifestam, em alguns momentos, mais suas **fantasias e apreensões relativas às situações que estão por vir**, do que propriamente os fatos por eles já vivenciados. As entrevistas, como um todo, tendem a mesclar essas duas situações – vivências recentes e antecipações – aos registros que não se perderam com o tempo, referentes ao relacionamento com o próprio pai, na família de origem. Dessa forma, **convergem para os depoimentos, traços do passado, do presente e do futuro, com vistas**, também como Faria (2001), **ao processo de individuação do homem**.

Como diz Faria,

“O novo modo de ser pai não é isento de conflitos: sentimentos confusos, ambigüidade e inadequação aparecem como componentes da mudança, pois qualquer transformação exige uma diferenciação de um modelo ainda vigente ao qual o homem ainda se sente preso – o modelo do cuidado indireto, do afastamento afetivo” (FARIA, 2001, p.18).

Os desafios enfrentados vão além das tarefas ligadas à organização da rotina e cuidados concretos para as quais os homens não foram preparados, pois essas

atividades se dão numa relação cotidiana com o filho, que leva o pai a enfrentar demandas afetivas. Isso é, segundo Faria, particularmente **difícil para os homens, por solicitar deles um envolvimento que abrange seu lado afetivo-emocional, para o qual também não foram, em geral, preparados** (FARIA, 2001, p.18).

O autor estimula a confecção de outras pesquisas sobre os conflitos que envolvem a paternidade, destacando a importância de se “**detectar os vários fatores envolvidos nesse momento de transição entre uma paternidade patriarcal e uma outra, pós-patriarcal**”. Amplia para o tema da masculinidade, onde vê se iniciando um caminho que aponta para “uma nova configuração da experiência e do comportamento masculino” que traria, no horizonte, o fim da **confusão entre masculinidade e patriarcado** (FARIA, 2001, p.19).

Frente às mudanças ocorridas nas formas de se exercer as funções de pai e mãe nos últimos tempos, em decorrência dos questionamentos feitos pelos homens e pelas mulheres, a partir dos anos 70, quanto aos papéis estritos que lhes eram atribuídos, Colman, A. e Colman, L., no final dos anos 80, apresentam no livro *‘O pai: mitologia e reinterpretação dos arquétipos’* (1988, 1ª edição) cinco diferentes formas de se exercer a paternagem que, correspondendo a cinco arquétipos, conferem sentido à experiência pessoal enquanto pais, de maneiras distintas.

Dessas formas de se relacionar, destacam dois extremos funcionais que podem ser realizados por ambos os genitores, embora a nossa prática cultural tenha fixado a divisão de tarefas entre provedores e nutridoras de tal forma que hoje, quando querem intercambiar-se, homens e mulheres têm que se enfrentar com suas partes não desenvolvidas, suas sombras (COLMAN e COLMAN, 1990, p.17). É o

que tem ocorrido atualmente entre casais que buscam uma nova igualdade, no envolvimento parental.

Focando a pesquisa sobre a figura do pai, os autores entrevistaram 15 homens “profundamente envolvidos na paternagem e ávidos por explorar a fonte e o significado de sua experiência como homens” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.21).

Tais autores se referem a esses dois aspectos da paternagem utilizando as imagens mitológicas céu e terra como metáforas, para “representar os dois lados do arquétipo do pai, as polaridades mais importantes do arquétipo paterno” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.25). Pai-céu e pai-terra dizem respeito, respectivamente, ao pai provedor e protetor que visa à sobrevivência da família, bem como sua relação com a comunidade externa; e ao pai nutridor que se ocupa das relações mais íntimas no interior da família. Enquanto o primeiro, com sua característica distanciada, tende a ser mais frio e promover no filho a visão idealizada do pai como herói (COLMAN e COLMAN, 1990, p.116), o segundo toma parte no cotidiano da criação dos filhos.

Confirma-se, com base nos depoimentos e observações, que “quando criança, os homens recebem pouca preparação em termos de paternagem-terra”, pois este não é o padrão da nossa sociedade (COLMAN e COLMAN, 1990, p.164). Os autores enfatizam, contudo, que a separação entre céu e terra transcende à separação masculino-feminino (COLMAN e COLMAN, 1990, p.27).

O crescente anseio de participação por parte do pai não tradicional o tem levado a buscar uma conexão maior com o processo de criação da vida, mesmo diante de limites. Dentro de suas possibilidades, o pai inclui-se na gestação, no parto e no aleitamento. Se, “em última análise, todo homem é impotente quando sua esposa dá à luz” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.184), pois mesmo que tenha sido treinado para ajudar e apoiar, não pode controlar o processo

– assim como até o médico num parto normal pode se tornar supérfluo (COLMAN e COLMAN, 1990, p.186) –, a presença e participação do pai desde quando se tornou possível, tem sido em geral muito positiva. Tal como disse This (1987), Colman e Colman retomam que, por muitos anos, os homens ficaram totalmente distantes da experiência real do parto. Mas, de acordo com os depoimentos, verifica-se que “o parto pode ser um momento estimulante e maravilhoso para o homem” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.184). “O significado mais profundo da criação pode ser experimentado de um modo pleno num momento considerado especial” (COLMAN e, 1990, p.185). Muitos pais descreveram momentos transcendentais, de êxtase. Sua participação tem uma importância prática e também simbólica. Contudo, é importante que ele esteja emocionalmente preparado para ver que, naquele momento, quem está no palco é a mulher. “Para alguns homens há uma profunda dor nesse limite dos papéis criadores” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.186), e quando o casal persegue uma “igualdade” e o homem almeja a uma ‘participação total’ no parto, ele pode se sentir alijado (COLMAN e COLMAN, 1990, p.190).

Quando um homem se torna pai, todos os seus relacionamentos sofrem transformações: “o casamento, a interação com os pais e, sobretudo, o sentido de si mesmo como indivíduo” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.129). “A busca de uma paternagem mais envolvida carrega consigo, inevitavelmente, **uma busca de sentido pessoal** em todos os relacionamentos” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.188).

Colman e Colman nos lembram que a maneira como o relacionamento transcorre afeta tanto a criança real – o filho – quanto a criança que existe dentro desse pai. Mas alertam que “o pai-céu pode não ter consciência dessa modificação profunda em sua vida” (COLMAN e COLMAN, 1990, p.129). O desejo de romper

com os modelos tradicionais tem levado cada vez mais mulheres a reduzirem seu envolvimento-terra, enquanto homens lentamente compensam isso assumindo o papel nutridor (COLMAN e COLMAN, 1990, p.249). Quando ambos os genitores são orientados para a carreira, a parte-terra é, por vezes, desvalorizada pelos dois – que passam a ser céu, delegando a função nutridora a uma pessoa menos valorizada. Isso pode levar o filho a se sentir pouco importante (COLMAN e COLMAN, 1990, p.250).

Finalizando, os autores propõem o modelo diádico, que permite a exploração das vivências e atitudes contidas nas imagens céu e terra a ambos os genitores (COLMAN e COLMAN, 1990, p.163).

A idéia trazida por Colman e Colman de que a falta de participação dos pais no sentido ‘terra’ pode, mesmo sem intenção, veicular uma mensagem ao filho de que ele não é importante o bastante para que os pais se ocupem dele, é, de outra forma, retomada por Corneau.

O junguiano canadense Guy Corneau, em seu livro *‘Pai ausente, filho carente. O que aconteceu com os homens?’* (1991), baseado em material clínico colhido em grupos de terapia com homens, propõe-se a desvendar a fragilidade da identidade masculina. Esses homens, ao se apresentarem **em busca de um reconhecimento e confirmação paterna da sua realidade de homem, revelam que o sentido de identidade não encontra um alicerce interno** (CORNEAU, 1991, p.12).

Segundo o autor, o filho carente é carente primeiro de pai, depois de si mesmo, porque **o processo de construção da identidade passa antes pela identificação com o pai**. A falta de atenção do pai gera a “impossibilidade do filho identificar-se com ele para estabelecer a própria identidade masculina”. Dito de outra

forma, “O silêncio dos pais consagra a fragilidade da identidade sexual dos filhos” (CORNEAU, 1991, p. 24). Isso porque o silêncio paterno bloqueia o crescimento, impondo que o filho permaneça menino. Corneau, tendo sofrido pessoalmente este processo e incluindo no livro seu depoimento pessoal, entende hoje que cabe ao filho quebrar esse silêncio (1991, p.15).

O autor inclusive se questiona se terá a ver com isso o fato de os homens estarem escolhendo ter o primeiro filho cada vez mais tarde, entre 35 a 40 anos (1991, p.13). Será para consolidar sua identidade antes de se tornarem pais?

A ausência paterna a que o autor se refere é também física, mas principalmente psicológica. No meu entendimento, Corneau fala de **uma ausência que se materializa na impessoalidade**. A seguinte citação ilustra bem isso: “Nossos pais esconderam-se no mato, nos bares, no trabalho. Refugiaram-se igualmente nos carros, na leitura do jornal, diante da televisão. Com freqüência preferiram fugir para um mundo abstrato e sintético, desprezando o presente, o cotidiano, o corpo” (1991, p.20). No entanto, segundo o autor, não se trata de culpá-los, são vítimas da história.

Hoje se observam novas tendências, nas quais se incluem os pais que decidem cuidar do corpo da criança. Corneau critica a postura de quem julga esse comportamento como “uma simples imitação do modelo materno”, chamando-o de “pai-mãe” (1991, p.36). É o caso, por exemplo, da postura apresentada por Zoja (2005). O autor considera essa uma manifestação “do velho preconceito ‘mulher-interior / homem-exterior’”, e argumenta que **“um pai que cuida corporalmente de seu filho não é um pai-mãe, ele é simplesmente um pai”** (CORNEAU, 1991, p.37), **dando uma realidade a esse substantivo que permanecia desencarnado**. Inclusive as brincadeiras físicas de um pai não são iguais as de uma mãe. Um

homem não perde suas diferenças por acariciar seu filho. Abre para o filho e para si próprio a porta da sensibilidade, muitas vezes compensando o que faltou em sua relação original com o pai. “As pessoas têm necessidade de ser tocadas para manter seu equilíbrio e saber que existem” (CORNEAU, 1991, p.38).

A presença física do pai promove a capacidade de amar (CORNEAU, 1991, p.37), **ao contrário do medo da intimidade que é provocado pela ausência do pai** (1991, p.103). Corneau entende o medo da intimidade como “falta de contato com sua força profunda... (que) tem raízes na energia primitiva e na agressividade natural. A presença do pai tem, justamente, a função de permitir ao filho acesso a essa agressividade” (1991, p.125). No caso, o autor, pensando particularmente no filho do sexo masculino, refere-se a uma qualidade de dinamismo masculino ou à possibilidade de se entrar em contato com a própria impetuosidade, o que não deve ser confundido com a hostilidade em que a agressividade, inconsciente e depois de ter sido reprimida, tende a se transformar. Mas independente do sexo, **intimidade indica contato consigo mesmo, que pressupõe capacidade para interioridade, que paradoxalmente é desenvolvida não no isolamento, mas numa relação profunda com um outro significativo** – de quem se obtém uma confirmação. Essa é a base para o nascimento da individualidade, e dela pode e deve participar o pai.

Robert Stein não se dedica especificamente ao estudo da paternidade, mas em seu livro *‘Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia’* (1978) insere a figura paterna de maneira muito significativa no estudo do relacionamento terapêutico.

Empenhado, como Samuels (1986), em demonstrar a importância de se desenvolver um relacionamento mais humano e criativo que venha a substituir,

dentro de um ciclo, as transferências ocorridas na relação paciente-analista, em contraposição à postura psicanalítica que defende o uso da transferência como alavanca para o processo analítico, Stein explora alguns conceitos que são muito úteis para a presente pesquisa, a saber: o **conceito de arquétipo** e, a partir deste, **a passagem do pai arquetípico para o pai pessoal** (1978, p.30-31).¹⁸ Em seu trabalho, isso servirá de base para, analogicamente, compreender a importante passagem do analista em suas atribuições arquetípicas para a posição deste como pessoa no interior do relacionamento analítico, mesmo tendo em conta as inevitáveis decepções que daí decorrem, quando se explicita o caráter incompleto da relação pessoal. Apesar de esta experiência insinuar-se como negativa ou difícil emocionalmente, o autor advoga que, ao mesmo tempo, a partir disso, “ganha-se um novo senso de liberdade e força” (STEIN, 1978, p.98).

Como freqüentemente se observa em quase todos os estudos, também aqui, no desenvolvimento da figura paterna, quando os pais passam a assumir proporções mais humanas, o autor volta a focar prioritariamente os benefícios para o filho, enfatizando que **essa humanização dos pais, só possível com a retirada ou esvaziamento das projeções arquetípicas, é necessária para a não fixação materna ou paterna, e para que o filho se torne um indivíduo disponível para outras relações emocionais profundas no futuro** (STEIN, 1978, p.95-96).

Motivada pela saúde do desenvolvimento masculino, parto do mesmo ponto, mas levanto questões acerca das conseqüências para o próprio pai, na sua experiência de paternidade – por exemplo, quando ele se recusa a abdicar dos papéis arquetípicos e a se apresentar de maneira mais humana e pessoal frente aos filhos. No entanto, não se pode deixar de considerar o caráter recíproco dessa

¹⁸ Desenvolverei esses conceitos, emprestando parte de suas formulações, no próximo capítulo.

qualidade de relação. Se o pai não favorece sua própria humanização, o filho poderá fixar-se também num papel arquetípico – de filho ou de progenitor – em todas as suas relações, sem se pessoalizar, dificultando-lhe a oportunidade de “conhecer a experiência de uma relação individualizada e igualitária com quem quer que seja” (STEIN, 1978, p.95). Ou terá que enfrentar o doloroso corte dos laços emocionais com os pais – pelo menos em sua estrutura relacional (1978, p.96). Ao pai cabe o mesmo ônus da cristalização, na expectativa inconsciente de que a identificação com o arquétipo o proteja das suas imperfeições (pelo menos em sua imagem). Essa ilusão, porém, o aprisiona em sua ferida, acentuando a cisão no eixo ego-alma¹⁹, e afastando-o de conexões humanas mais íntimas (STEIN, 1978, p.98).

Fazendo o caminho inverso ao do autor, retomo as idéias por ele desenvolvidas e dinamismos descritos no campo da relação analítica, quando revela a força da experiência curativa ante a gradual transformação do relacionamento transferencial, na análise, em outro mais maduro e pessoalizado (STEIN, 1978, p.101). Por analogia, transponho-as de volta para a relação com o pai, onde se vê a oportunidade de um relacionamento mais pessoalizado favorecendo a relação com a personalidade total, e não só com o arquétipo do pai, ajudando a cicatrizar a cisão no eixo ego-alma, o que propicia a percepção de se estar envolvido e conectado com outra alma.

Finalizo a apresentação inicial das idéias desse autor com suas próprias palavras: “Um relacionamento mais positivo e individualizado com os pais é extremamente importante para o desenvolvimento de uma personalidade integrada”. Ou, dito de outra forma, “isto significa evoluir da relação arquetípica para outra mais pessoal” (STEIN, 1978, p.97).

¹⁹ O que o autor designa como alma equivale ao conceito de Si-mesmo. Neste trabalho, é utilizado o termo Si-mesmo.

Tomando por base este amplo e diversificado cenário de reflexões, vejo questões que permanecem abertas para a psicologia, como por exemplo: quem é o pai que encontramos na sociedade atual? Como é definido e vivenciado hoje o papel de pai? O que se espera dele? E o que o próprio homem espera de si como pai?

São questões realmente extensas, e não se pode esgotá-las em apenas uma ou outra investigação, mas pretendo contribuir, através da presente pesquisa que, além deste levantamento teórico, baseia-se nos depoimentos de quem passa pela experiência de se tornar pai, para avançar na busca de algumas respostas, inclusive instigando a curiosidade e estimulando novas pesquisas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO: A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG E A PATERNIDADE

O presente trabalho tem como base teórica a Psicologia Analítica de C. G. Jung, adotando sua cosmovisão e conceitos como inconsciente, arquétipo, complexo, símbolo, persona, sombra, anima, self (ou Si-mesmo)²⁰ e processo de individuação. Alimentam-me também reflexões pontuais feitas por Jung sobre o tema da paternidade, bem como outras reflexões de pós-junguianos sobre o assunto e teóricos afins, tais como as que já foram apresentadas no capítulo anterior. Dentre os autores apresentados, destaco neste capítulo aqueles que irão me acompanhar no decorrer da análise: Samuels, Faria, Donha, Lima, Corneau, Stein, Colman e Colman. Conto ainda com a importante formulação teórica de Carlos Byington por ele chamada de perspectiva evolutivo-estrutural a respeito do desenvolvimento da psique, onde identifica os dinamismos da consciência em seus processos de estruturação, a saber: os dinamismos matriarcal, patriarcal, de alteridade e cósmico. Pontualmente, serão também utilizadas na análise idéias já apresentadas de autores não junguianos como Seidler, Lyra, Medrado e Maldonado.

Além da produção mais recente citada no capítulo anterior em torno do tema da paternidade, conto com um texto de Jung escrito em 1909, '*A Importância do Pai no Destino do Indivíduo*', onde ele afirma que a imagem do pai possui um poder extraordinário para influenciar o psiquismo da criança por toda a sua vida (JUNG, 1989, p.305). Com essa colocação Jung prepara a apresentação do conceito de arquétipo, pois sua ênfase, no caso, está nos sistemas arquetípicos que estão prontos a funcionar, herdados da história da humanidade. Assim, o foco está no pai

²⁰ Self e Si-mesmo são termos utilizados para o mesmo conceito. Eu utilizo Si-mesmo, mas reproduzo 'self' quando cito autor que o utiliza.

arquetípico, e não no pai pessoal, tendo em vista a sua interferência no processo do filho, e não do pai.

Retomando alguns dos autores citados, Donha (1998) oferece um suporte para se pensar sobre as funções estruturantes da figura paterna na personalidade dos filhos e sobre as mudanças que estão ocorrendo na maneira de o arquétipo paterno estar sendo constelado na sociedade atual: um pai mais justo, mais pessoalizado e menos distante.

Faria (2001) alerta que as transformações encontradas na sociedade com relação ao papel do pai e ao que se espera dele hoje pedem uma leitura psicológica do movimento histórico e cultural para se desvelar o sentido da mudança da paternidade. É justamente no aspecto do **significado que a paternidade está adquirindo para o próprio homem nos tempos atuais** que me detenho para trazer uma contribuição, a partir da análise dos depoimentos de quem está passando por essa experiência.

Verifica-se que é a família como um todo que está em mudança; muitos desejos estão empenhados nisso, mas há pouca ou nenhuma garantia de estabilidade. O resultado é um inevitável sofrimento a que todos os membros envolvidos têm direito, e que merece um olhar cuidadoso por parte dos profissionais de saúde e educação. Penso que um bom começo pode ser procurar **compreender dinamicamente as dificuldades dessa transição coletiva como uma crise de crescimento**. É nesse potencial criativo que aposto, na medida em que, através de rupturas com o pré-estabelecido, proporciona-se uma abertura para o novo e para a manifestação mais genuína do Si-mesmo. Na mesma direção encontro Byington (2001) se referindo às transformações na estrutura familiar não como um

retrocesso, mas como uma etapa desorganizadora que antecede a uma reconstrução. Com suas palavras:

“Apesar da busca do amor conjugal estar desestruturando a família e a organização social patriarcal tradicional, sua realização é parte essencial da vivência da compaixão social e ecológica indispensáveis para a continuidade criativa do processo de humanização” (p.90).

De fato, minha prospecção é a de que as transformações emergentes, particularmente a **permissão maior para a manifestação da afetividade e subjetividade paterna e masculina, que reforçam a possibilidade da pessoalização do pai**, de um modo geral podem, se bem compreendidas e encaminhadas, **favorecer o processo de individuação, tanto do pai quanto do filho, assim como da sociedade como um todo, à medida que propiciam o desenvolvimento e integração de polaridades antes negadas**: da afetividade paterna à transgressão do jovem, ambas aqui entendidas como **maior capacidade para a diferenciação**, elemento fundamental dentro da saúde e do ciclo vital. Neste ponto, **o conceito de sombra**, entendido como conteúdos ou aspectos da psique não acessíveis à consciência, seja na condição de reprimidos ou não desenvolvidos, e **o desafio de integrá-la à personalidade consciente**, são aspectos teóricos valiosos para auxiliar a interpretação dos dados.

Nessa perspectiva, também os conceitos cunhados por Byington que envolvem os dinamismos da consciência são muito úteis, pois explicitam como conquistas vão sendo feitas no processo de desenvolvimento psicológico, de

maneira muito próxima da vivência – ou seja – no plano pessoal, revelando as sínteses pessoais conforme vão se dando, em movimentos não lineares.

Chega-se, nesse ponto, ao conceito fundamental que norteia a presente pesquisa em termos teóricos: o **processo de individuação**. Pano de fundo das inquietações que movem o presente estudo, este conceito, mesmo não sendo identificado como o objeto de estudo deste trabalho, permanece no horizonte, como o que dá sentido ao estudo, podendo ser considerado como o **eixo do referencial teórico, em torno do qual os outros conceitos gravitam**, dando-lhe forma e estrutura. Além disso, é o ponto de partida da minha afinidade com a teoria junguiana, que me permite compartilhar sua visão de homem e de desenvolvimento.

COSMOVISÃO

Mais que uma concepção do mundo, a cosmovisão é, segundo Jung (1991 [1927]), **uma atitude expressa em conceitos**, decorrente de uma consciência ampliada. Procura expressar **o modo como se considera o mundo**, o que inclui o caráter psicológico, mais do que o estritamente intelectual. Pode ser considerada como uma hipótese – bem fundamentada, mas sujeita a erros e, portanto, sempre em revisão, como tudo o que é possível a nós, seres humanos, construir.

A visão de mundo de Jung parte de uma hipótese do inconsciente, como receptáculo e como matriz – fonte dos conteúdos psíquicos, indicando uma totalidade que não se pode captar como tal. Assim, o inconsciente é encarado como um órgão natural, dotado de uma energia criadora (JUNG, 1991 [1929], p. 310). Dentre as criações destaca os sonhos, obras de arte e também fantasias do cotidiano.

Sua maneira de olhar e compreender o ser humano é diferente da concepção de homem em Freud, que tem uma base no materialismo racionalista do fim do século XIX, e que encara essas criações de maneira peculiar, como resultantes de uma distorção provocada pela repressão – ainda que com conotação positiva, quando é o caso da sublimação – ou como sintomas.

Na visão de Jung, a tentativa de explicar todo gesto criativo através dos mecanismos de repressão aprisiona a leitura da realidade num único enquadre, gerando empobrecimento, pois limita a possibilidade de uma compreensão mais ampla dos fenômenos humanos. Jung nos alerta – com sua obra sempre aberta, com conceitos em permanente reconstrução – para os perigos de se deixar seduzir pela segurança de ‘verdades bem construídas’. Na ânsia por um saber estável, corre-se o risco de não se perceber a insuficiência das explicações, quando elas **não atingem o significado das coisas**, mas parecem coerentes.

O racionalismo muitas vezes ignora o verdadeiro sentido do sofrimento (JUNG, 1991 [1929], p.314), até porque os seres humanos, em seus instintos, sentimentos e reações, são tão ambíguos e tão polivalentes – assim como o próprio inconsciente – que fica impossível captar sua dimensão mais profunda apenas com os recursos da razão. Por isso Jung propõe que se faça ciência com a ajuda de todos os nossos recursos: a intuição, o sentimento, nossas sensações e – é claro! – toda a capacidade intelectual, que se baseia, sobretudo, no desenvolvimento do pensamento.

O discernimento que nomeia é tão importante quanto as antenas que captam. A vivência, tão importante quanto o pensamento. O corpo, tão importante quanto as idéias. E a consciência tenta abarcar tudo isso, permanentemente desafiada a alargar-se, integrando mais e mais os conteúdos até então

inconscientes. Esse processo de crescimento pessoal, assim como o processo de fazer ciência, tem que ser não apenas construído intelectualmente, mas também vivenciado – e com esforço, porque oferece, a cada informação nova, o desafio de uma nova adaptação, também emocional. Adaptação que se faz com os recursos da consciência.

CONCEITOS

Para a apresentação dos principais conceitos que se constituem nos pilares sobre os quais se estruturam a teoria junguiana, conto com a colaboração de sínteses formuladas por autores junguianos que considero consagrados, onde são incluídas citações do próprio Jung. Essa opção atende à necessidade de ser sucinta, mas com a intenção de não perder em precisão e profundidade. Não se deve, contudo, abster-se de buscar conhecê-lo também por ele mesmo.

Jung, ao longo de sua obra, empenhou-se em registrar seu próprio processo de elaboração, como ele tantas vezes fez questão de ressaltar, sempre em permanente revisão. Era avesso a todo dogmatismo e a quem quer que se intitulasse ‘detentor da verdade’. Um conhecimento em construção está sujeito a reformulações, portanto deve comportar complementações e mesmo contradições, o que torna desafiante a leitura de seus livros, uma vez que é sempre necessário contextualizar para discernir a que fase corresponde esta ou aquela afirmação.

Entretanto, a abertura para esse desafio – compartilhada por Jung – faz parte do encantamento com a vida, próprio de quem está disposto a redescobri-la permanentemente e a inquietar-se com a fragilidade dos conhecimentos adquiridos e construídos, onde sempre cabe a dúvida. Essa atitude de abertura é aqui interpretada como busca de honestidade intelectual, e não deve ser confundida com

posturas mais afeitas ao relativismo ou complacência, onde tudo poderia ser ‘um pouco verdadeiro’, já que provisório. Pelo contrário, Jung perseguia o rigor e a solidez das idéias, apenas não se deixava seduzir pelo prazer das certezas rápidas. Solicitou que seus discípulos não se auto-intitulassem ‘junguianos’ (desejo que não foi possível de ser cumprido em nossa sociedade institucionalizadora), para que permanecessem sempre abertos para pesquisar e para seguir, livres, os próprios caminhos.

É dentro desse clima que procuro resgatar suas principais formulações, com a ajuda dos pós-junguianos, tentando apresentar com alguma consistência um solo teórico a partir do qual me permito, em seguida, indagar, refletir e, por fim, produzir uma análise sobre o material coletado na pesquisa.

Para tentar compreender a relação de cada ser humano com a humanidade como um todo, Jung desenvolveu o conceito de ‘**arquétipo**’, que aponta para o coletivo e o universal que está presente em cada um de nós, e o conceito de ‘**complexo**’, que remete à estrutura psíquica através da qual o indivíduo, em sua subjetividade, se conecta com o referencial universal.

Segundo Jung (2002[1936], p.74), homem nenhum escapa de ter uma representação coletiva que o assegure com o sentimento de pertencimento à humanidade. Em outro momento Jung comenta que nenhum ser humano se inventa, pois tudo o que acontece tem base em algum traço da memória, consciente ou inconsciente (JUNG, 2002[1939], p.273). Todo ser humano contém inconscientemente a estrutura psíquica desenvolvida por sua ancestralidade. E aí está o caráter histórico e ao mesmo tempo universal do inconsciente, podendo seus conteúdos, quando se manifestam, apontarem tanto para um efeito (causa) quanto

para uma finalidade (ou antecipação). Vejamos conceitualmente como isso se fundamenta na perspectiva junguiana.²¹

Arquétipos são os elementos primordiais e estruturais da psique humana, sendo, portanto, comuns a todos os seres humanos, e não aquisições individuais (2002[1936], p.78). Na topologia psíquica, estão no estrato mais baixo da psique, no inconsciente coletivo, o que corresponde a imagens universais presentes desde os tempos mais remotos (2002[1934], p.16).

Como se nota, há uma correlação estreita entre as noções de arquétipo e de inconsciente coletivo, pois ambas correspondem ao patrimônio das fantasias inconscientes, ou ao conteúdo das partes mais profundas do inconsciente. Na fase madura de seus escritos, Jung se referiu ao arquétipo como modelo das invariáveis universais da imaginação humana, mas em uma de suas várias conceituações parciais, chega a dizer que os arquétipos são as formas que os instintos assumem. “Psicologicamente... como uma imagem do instinto, o arquétipo é um alvo espiritual para o qual tende toda a natureza do homem; ele é o mar em direção ao qual todos os rios percorrem seus acidentados caminhos” (JUNG, 1991 [1946], p.149). Sendo assim, os arquétipos podem ser compreendidos como “a parte através da qual a psique está vinculada à natureza” (2000[1927], p.35). No entanto, Jung esclarece que “não se trata de idéias herdadas, mas da possibilidade herdada das idéias” (2002[1936], p.78).

Os arquétipos são, em si mesmos, irrepresentáveis, podendo “ser reconhecidos somente pelos efeitos que produzem” (JUNG, vol. XI. par.222), ou seja, pelas idéias e imagens que surgem na consciência sob a forma de conteúdos ou motivos arquetípicos.

²¹ As definições que se seguem são uma articulação de idéias extraídas do *Léxico Junguiano* e do *Dicionário Junguiano*, que citam Jung.

Arquétipos são constelados nas vivências de cada indivíduo de maneiras distintas, em função dos complexos pessoais mobilizados e da carga emocional ali envolvida. Por isso interessa aqui pensar sobre o conceito de arquétipo: para que não se perca de vista, neste estudo sobre o pai, as várias perspectivas em que se enraíza a vivência da paternidade: pessoal, cultural e universal.

Dinamicamente, cabe ao arquétipo a “função geral da compensação psíquica em relação à consciência”, que tende inconscientemente a se unilateralizar. Ampliando-a, desempenha a “função específica de cura e remédio do estado da consciência de desenraizamento da alma” (PIERI, 2002). A perda de contato com nossas raízes implica em dissociações neuróticas.

Segundo Jung, cada geração tem a tarefa de compreender de novo os conteúdos dos arquétipos e seus efeitos, encontrando uma nova interpretação através de novas representações simbólicas, “a fim de conectar a vida do passado, que ainda existe em nós, com a vida do presente, que ameaça dele se desvincular” (JUNG, 2002[1941]).

Através dessa ampliação conquistamos a consciência do eu como parte do mundo. Seus efeitos são passagens do eu para o Si-mesmo, que propiciam ao sujeito sair do seu casulo e perceber-se em uma participação coletiva.

Há sempre o significado coletivo e o particular dos símbolos, mas nas relações concretas nunca se deve tratá-los como fixos, e sim pesquisar o que significam para cada um, privilegiando o processo individual de sintonizar-se com os símbolos. Pois, como adverte Jung, a solução de um problema é sempre individual (JUNG, 1975).

É através do arquétipo que nos conectamos com o todo o nosso passado e com toda a humanidade. **Nosso desafio é evoluir, transformar, sem perder as**

raízes: integrar Puer-Senex, o novo e a tradição. Voltando o pensamento para o homem na condição de pai, o tema é, num sentido amplo, **a assimilação do arquétipo paterno visando sua própria saúde e desenvolvimento.**

A compreensão do conceito de arquétipo, segundo Stein (1978, p.29), requer, de início, a suspensão do dualismo cartesiano e do materialismo científico, pressupostos subjacentes à grande parte da produção científica do século XX, assim como à teoria freudiana dos instintos e do desenvolvimento psíquico.

A cisão mente-corpo sustenta a crença de que o ser humano herda instintos de natureza físico-química que lhe garantem reações comuns. Na psicanálise, isso se relaciona ao id, que conteria os instintos originários da organização somática. Mas tudo o que diz respeito à psique decorre, nessa concepção, do desenvolvimento do ego, que opera a partir da introjeção de objetos externos que recebem o investimento da libido. Portanto, nada há no imaginário humano, segundo essa abordagem, e nem no nosso conhecimento, que tenha sido herdado de nossos ancestrais. Só se aceita que as características fisiológicas sejam herdadas. Stein (1978, p.29) nos lembra que apesar de Freud ter se referido a traços da memória de nossos ancestrais, isso não é levado em conta em suas teorias psicodinâmicas da psique.

Para Jung, a psique – ou alma²², que no sentido original é força vital – mais do que isso, “é também o transmissor da história psíquica do homem e fonte de uma inteligência diretiva... Esses princípios inteligentes devem fazer parte da herança instintiva do homem...” (STEIN, 1978, p.30) “que pode se expressar através

²² Jung e Stein utilizam o termo ‘alma’ para designar ‘psique’, cujo núcleo é o Si-mesmo (ou Self).

de reações físicas ou de representações mentais (imagens e idéias)". ²³ Essa concepção inclui, portanto, em nossa bagagem herdada, imagens internas inerentes ao sistema perceptivo do organismo. Assim, **uma reação instintiva é compreendida como algo muito mais complexo do que um simples reflexo.**

“O conceito junguiano de arquétipo, entendido como disposição psíquica herdada e pré-existente... é o repositório de toda a experiência humana... (como) um sistema vivo de reações e aptidões que invisivelmente determina a vida individual” (STEIN, 1978, p.30). Mas é da fonte viva dos instintos que flui tudo o que é criativo. “Portanto **o inconsciente não é meramente condicionado pela história, mas é a própria fonte do impulso criativo**” ²⁴ (JUNG, 1960, par. 339. Citado por STEIN, 1978, p. 31).

Na compreensão de Stein, os instintos se originam dos arquétipos, situados na psique (ou alma). Pelo princípio da integração mente-corpo,

“como a alma está em constante circulação através de cada célula do corpo... a capacidade de inteligência e de consciência está contida em cada célula e não limitada ao cérebro e à mente racional. O arquétipo é entendido como uma disposição inerente capaz de liberar **padrões exclusivamente humanos e instintivos de imaginação, pensamento, sentimento e comportamento**” (STEIN, 1978, p.31). ²⁵

²³ Stein (1978, p.30), em tais formulações, baseia-se em Jung, “*On the Nature of Psyche*”, CW 8, New York, Pantheon Books, 1960, págs. 416-417.

²⁴ Esta última citação Stein (p.31) a extraiu de Jung, “*The Structure os the Psyche*”, CW 8, New York, Pantheon Books, 1960, paragr.339 (grifo de Stein). Grifo de Stein.

²⁵ Grifo meu.

Com base nessa suposição, não se sustenta a crença de que é a capacidade racional ou a estrutura do ego que diferenciam o homem dos animais. Pois “também sua sexualidade, sua capacidade de amor e relacionamento, sua imaginação, sua linguagem...” são, em suas origens, distintas (STEIN, 1978, p.31), já que **um instinto é liberado em função de uma conexão com imagens interiores**, assim como devido a mecanismos fisiológicos. Por exemplo, a imagem arquetípica interior sobre a conexão mãe-filho, pai-filho, relação com irmãos e “todas as formas humanas de relacionamento humano que o homem conhece... tornaram-se parte de sua herança arquetípica” (STEIN, 1978, p.32).

Já foi demonstrado através de pesquisas, como, por exemplo, a de Tinbergen (1951) com gaivotas ²⁶, que também os animais dependem de uma imagem interior que estimule a manifestação de seus instintos. No caso da sexualidade, por exemplo, a imagem interior deve incluir o sexo oposto como participante da união. **“A dualidade e a polaridade parecem ser características inerentes do arquétipo”** (STEIN, 1978, p.32). Por exemplo, na situação familiar todos têm, independente do sexo, o potencial para as constelações arquetípicas bipolares: pai-mãe, pai-filho(a), mãe-filho(a), irmão-irmã etc. Ampliando para outras situações, temos as representações polarizadas de calor e frio, vida e morte, amor e ódio.

Os arquétipos, embora se refiram a imagens interiores,

“são liberados e vividos em relação a um objeto externo (a mãe, o pai ou o irmão). Entretanto, uma vez liberadas, essas imagens, que pertencem à história da experiência tipicamente

²⁶ Simulando bicos para provocar a reação instintiva nos filhotes, percebeu-se que a mancha vermelha era o estímulo essencial para liberar o instinto.

humana, começam a penetrar na psique infantil” (STEIN, 1978, p.32).

Se os arquétipos, como esquemas que regem os modos de se comportar, de sentir e de pensar, são, em sua natureza original, impessoais e coletivos, ao serem mobilizados em uma pessoa situada concretamente, “têm necessidade de ser ‘personalizados’²⁷, ou seja, experimentados dentro de uma relação” (CORNEAU, 1991, p.39). Singularizam-se de tal modo na vida de cada um, que se dilui no cotidiano a consciência de seu caráter universal, prevalecendo muitas vezes, nesse plano, as peculiaridades subjetivas de cada experiência.

Emprestando a imagem utilizada por Corneau, se o recém-nascido está pré-condicionado a encontrar um pai e uma mãe, é o encontro com alguém que, de fato, se comporte dentro desses parâmetros, que vai efetivamente atualizar esse potencial arquetípico, cujo resultado constitui o que Jung chama de complexo materno e paterno (CORNEAU, 1991, p.39). O termo ‘complexo’, introduzido por Jung na psicologia, não tem, como se tornou popularmente conhecido, uma conotação patológica.

Corneau, interessado em compreender a formação do complexo paterno para avaliar as conseqüências dessa vivência em suas variações – do seu formato mais humanizado às cristalizações em torno do padrão arquetípico – explica que “os complexos constituem a estrutura de nosso organismo psíquico, nossa coluna vertebral interior... Sempre têm como centro uma experiência afetiva suficientemente forte para se constituir num núcleo” (1991, p.42) capaz de atrair outras experiências que tenham a mesma tonalidade afetiva. Como experiências

²⁷ A expressão ‘personalizar’ utilizada por Corneau corresponde ao que eu chamo neste trabalho de ‘pessoalizar’.

primordiais que são, as relações com pai e mãe sempre provocam a formação de complexos, através da interiorização da relação que tivemos com eles. **Trata-se de interiorizar não as características da pessoa envolvida, mas a natureza dinâmica da relação estabelecida com ela** (p.42).

Pensando na figura do pai, cria-se um personagem interior que se torna, assim, um componente psíquico – chamado complexo – com o qual o sujeito passa a se relacionar ao longo da sua vida, mesmo não sendo mais criança (p.42). Nas palavras de Corneau: “Nossa vida psíquica é dirigida por essas subpersonalidades que são nossos complexos” (1991, p.44).

O que define a saúde psíquica é a consciência que se tem deles e a capacidade de aceitar se relacionar com seus parceiros interiores, de tal forma que eles não atuem autonomamente se apossando dos sujeitos e obrigando-os a repetir as mesmas dinâmicas (CORNEAU, 1991, p.44). Os complexos são negativos quando deturpam nossa percepção da realidade e nos conduzem a comportamentos inadequados, invariavelmente repetitivos. “Um eu saudável é um eu que permanece flexível”, que não se obriga a “ver e sentir de forma unilateral” (p.44).

Corneau nos lembra da insistência de Jung sobre **a necessidade de integração da energia dos complexos através de um trabalho de ‘confrontação’ com o inconsciente**. Tentando evitar tanto favorecer excessivamente o inconsciente, quanto exacerbar a racionalidade, Jung propunha o estabelecimento de “uma ‘relação’ com o nosso interior” (p.44). Na feliz formulação de Corneau, Jung não propõe um controle impossível do inconsciente, mas que se tente estabelecer uma relação viva com ele, equilíbrio que se pode chamar de uma **ecologia psíquica** (1991, p.45). Entendo por isto a disposição aberta para ouvir

suas diferentes vozes internas e levá-las em conta, com discernimento, através de suas percepções, sentimentos, pensamentos e intuições. Sem hierarquizar. Fazer escolhas, sem impulsividade e sem o predomínio da racionalidade.

Segundo Corneau (1991), a identidade psicológica de um indivíduo fundamenta-se na capacidade de “sentir-se sustentado do interior” (p.45). Sua saúde pode ser comprometida pela ausência do pai, que tende a produzir “a essência de um complexo paterno negativo” que consiste em uma falta de estrutura interna (p.45). Idéias confusas e dificuldade de reconhecer o que é bom para si comprometem o sentimento de segurança pessoal. “A marca do complexo paterno negativo é, portanto, a desordem interna” (1991, p.46), que, por sua vez, promove compensatoriamente a busca por estruturar-se a partir do exterior, como, por exemplo, a partir da admiração dos outros.

A falta de confirmação paterna gera “uma grande sede de amor e compreensão” cuja vulnerabilidade se tenta diluir através das inúmeras formas de compensação: desde tornar-se um sedutor, até através de exercícios físicos promover uma construção corporal externa que mascare uma fraqueza interior. De fato, **quanto maior a fragilidade interior, mais investimento na aparência exterior, para mascarar a incerteza de fundo.**

A aparência exterior tem a ver com o conceito junguiano de persona. Deve-se esclarecer, no entanto, que esse conceito, tantas vezes utilizado para fazer referência à imagem exterior num sentido pejorativo, fazendo menção à superficialidade e aparência, em verdade não tem essencialmente conotação negativa. Pelo contrário, na concepção de Jung, todos necessitam de uma persona através da qual se possa comunicar com os outros. Inclusive a própria auto-imagem

é composta também dela. Identificada com a imagem da máscara, não significa essencialmente disfarce, mas a expressão de si em busca de interação.

A persona, associada à máscara, é comumente entendida pela sua função ocultadora: estaria mais a serviço da comunicação com o exterior, protegendo o ego e os outros de um contato com os conteúdos do mundo interno. Embora isso possa ocorrer, principalmente quando ela se enrijece e se fixa em alguns traços que se tornam repetitivos, muitos pós-junguianos, como demonstra Freitas, têm se empenhado em esclarecer que a persona é também “expressiva e reveladora da individualidade, acompanhando sempre seu desenvolvimento” (FREITAS, 1995, p.201). Em sua tese de doutorado, trabalhando com máscaras em grupos vivenciais, Freitas explora as múltiplas facetas da persona,

“sobretudo em seu potencial criativo, encarando-a como uma estrutura da personalidade que tem como função principal, a partir de sua expressividade, pôr-nos em relacionamento, propiciar-nos uma maneira de ser e estar com os outros, sem precisarmos para isso abandonar nossa individualidade ou os símbolos que estejam operantes a cada momento” (FREITAS, 1995p. 202).

A autora traz ainda a colaboração de Byington (1988), acrescentando que a persona, assim como a sombra, pode ser confrontada pelo ego e tornar-se mais maleável.

Essa concepção opera uma revalorização da persona em relação às primeiras formulações de Jung, revelando-a em suas habilidades para, como ponte, articular-se “com a totalidade psíquica de modo a colaborar com seu movimento de equilíbrio dinâmica e constante”. Conclui que “a persona é coadjuvante

indispensável no processo que Jung denominou de individuação” (FREITAS, 1995, p.202).

Cabe aqui fazer uma analogia a partir da idéia de persona como disfarce, com o **conceito de ‘símbolo’** que, na compreensão de Jung, diferentemente da noção veiculada pela psicanálise, não consiste em um recurso de linguagem a serviço da dissimulação dos conteúdos, resultante dos processos de repressão inconsciente. Pelo contrário, **Jung considera que o símbolo é a melhor forma de expressão encontrada por aquele conteúdo** para tentar comunicar a riqueza de sua mensagem. Por se tratar de conteúdos que envolvem uma pluralidade de facetas, tal complexidade dinâmica não pode ser captada apenas linearmente pela razão, motivo pelo qual tantas vezes sentimos que nos escapa à compreensão.

Mas voltando à falta paterna, a carência de pai, como já foi dito anteriormente, vai muito além da ausência física, pois diz respeito à personalidade do pai, que inevitavelmente só se revela a partir da sua presença e convivência, quando deixa transparecer suas imperfeições. Certamente, quanto mais ausente, menos chance de ser humanizado pelo filho. Corneau fala dos perigos inerentes a uma relação com um pai que não se torna de carne e osso, que não permite que se revelem seus opostos, **fazendo perdurar no imaginário um modelo ideal a perseguir. O arquétipo não humanizado preserva o par de opostos dividido que perturba o eu e o tiraniza com seu poder.** A humanidade do pai se revela a partir da sua presença, pois, **tornando-se mais pessoal**, “permite à criança reunir os opostos” – ou, explicando melhor, – **“concebe um mundo... onde os opostos podem se amalgamar e conviver”** (1991, p.40). “Assumindo suas próprias

imperfeições, o pai abre à criança um mundo real do qual não esperamos somente a perfeição” (1991, p.28).

Corneau (1991), como se pode notar, coloca-se em sintonia com a posição desenvolvida por Stein (1978, p.95-101) apresentada no capítulo anterior, assim como também converge com as idéias de Colman e Colman (1990, p.14-22; 184-190) quando falam do anseio de participação por parte do pai que eles traduzem na imagem de pai-terra ou pai nutridor, que se faz presente no cotidiano da criação dos filhos.

Dito de outra forma, Stein (1978) compartilha das mesmas preocupações que Corneau (1991) e veicula a mesma idéia quando defende que, se por um lado,

“viver a experiência da Mãe e do Pai arquetípicos em relação aos próprios pais é essencial para o desenvolvimento da criança” ... “por outro lado, **a emergência do ego a partir do inconsciente depende do abandono gradual das projeções arquetípicas encarnadas pelos pais**” (STEIN, 1978, p.95).

Ainda que essas projeções tenham que ser inicialmente deslocadas para outros parentes ou professores, advoga que para a saúde da relação pai-filho, assim como para o desenvolvimento psíquico de ambos, é fundamental que “os pais passem a assumir proporções mais humanas”, processo que tende a ocorrer na medida em que a criança cresce e “a relação com o pai verdadeiro se torna mais igualitária e pessoal” (STEIN, 1978, p.95).

Assim como os autores Colman e Colman (1990), Corneau (1991) e Stein (1978) acima citados, também Samuels (1986), Lima (2002), Faria (2003) e Donha

(1998) estão juntos na posição que defende a necessidade da humanização do pai em favor da saúde do desenvolvimento do filho – na verdade, de ambos. Compartilham também a constatação de que quanto mais ausente, menor a chance do pai pessoalizar a relação e ser humanizado.

Estão todos eles falando, de variadas maneiras, da mesma **distinção entre o pai arquetípico e o pai pessoal**. Essa é uma polarização de grande importância no presente trabalho e que merece ser explicitada.

PAI PESSOAL E PAI ARQUETÍPICO

O objeto de atenção nesta pesquisa é a **transformação do pai, vivenciada pessoalmente e propiciada pelas circunstâncias sociais**. Herdeiro de uma cultura marcada pela tradição patriarcal onde predomina a racionalidade, o pai se apresenta hoje em busca de uma oportunidade para se reconhecer com um perfil mais sensível, com mais acesso à própria afetividade e mais perceptivo com relação à sua subjetividade, e, conseqüentemente, à dos outros. Isso propicia o aparecimento, nos relacionamentos, da **pessoa do pai** em sua **singularidade**, o que vai além do estrito **papel de pai**, que pode ser, em tese, igual para todos. É isso que permite revelar: mais do que a firmeza esperada de um pai, também suas incertezas; não a pretensa imparcialidade e impessoalidade que decorreriam da razão, mas a pessoalidade que o torna único e imperfeito; além do pai que tem o papel de orientar e ser uma referência, também uma pessoa que fica em dúvida ou até perdida, e que às vezes não sabe ajudar...

Há sempre algo de universal no pai. É o que se entende por **pai arquetípico** e que se desdobra em papéis ou funções ou mesmo sentimentos, que são

potenciais para todos os pais ou para qualquer um em relação ao pai. Mas a maneira de vivenciá-los, ou seja, **o modo como o arquétipo se constela em diferentes tempos e culturas e mesmo pessoas, é diversificado**. Ainda assim, para que aquela manifestação possa ser chamada de arquetípica, ela tem que fazer menção a algo que seja potencialmente significativo a todo ser humano, no sentido de ser próprio da espécie ou inerente à experiência humana de paternidade.

Quando se faz referência ao **pai pessoal**, o foco se encontra não mais no coletivo ou no universal, e sim no **singular**. Se, no exercício da paternidade, está suposto que o arquétipo de pai sempre esteja presente de alguma forma, vale aqui ressaltar, além da multiplicidade de formas como esse arquétipo se manifesta em função da cultura – o que preserva ainda o tom, não do universal, mas do coletivo – a importância da autopermissão para a **emergência da singularidade na definição dessa constelação arquetípica**, no processo de desenvolvimento psicológico de quem está passando pela experiência. Refiro-me, portanto, à manifestação, nem que seja para si mesmo, da subjetividade, na **forma única e pessoal como se processam as sínteses entre o arquetípico, o cultural e o individual**. É quando a **pessoa do pai** entra em cena, com direito à sua subjetividade, sua afetividade, seja com sua saúde ou com sua neurose, dialogando a partir do Si-mesmo com elementos da cultura e com as raízes arquetípicas. É no interior dessa síntese que se processa a individuação.

Trata-se, no caso do processo de individuação, de uma transformação de natureza subjetiva, pessoal e singular que se configura, portanto, como uma conquista no plano da individualidade, mesmo quando elabora uma temática que se insere num cenário sócio-cultural. Apesar da sobreposição inevitável entre o cultural e o individual, há uma certa natureza de transformação – que é exatamente da qual

estou tratando quando me atendo à individuação – que só pode ser processada nesse âmbito, inclusive como pré-requisito para que depois se desfrute dos benefícios que ela pode oferecer também no plano coletivo, em termos da qualidade do ser humano que cada um é e da qualidade de relações que estabelece. É isso que faz com que cada pai seja único para seu filho e vice-versa. E que a saúde de cada pessoa dependa, senão mais, pelo menos em algum aspecto fundamental, do seu próprio processo pessoal de individuação, e não apenas da cultura onde ela se insere. Pretendo com isso destacar **o processo psicológico como o objeto central da minha atenção**, embora tenha considerado muito importante situar o cenário social onde se inserem estes indivíduos, até porque **o processo de individuação se dá preponderantemente nas relações e não poderia ocorrer fora da inserção do sujeito em sua comunidade**.

Tais colocações pretendem explicitar minha concepção de homem como sujeito que se constrói e não como mero fruto do meio (por mais que seja interferido por este). O que torna possível encontrar, por exemplo, pessoas saudáveis em ambiente adverso. Assim temos: o universal ou **arquetípico**, o social ou **cultural** e o individual ou **pessoal**. São como instâncias que, na vida, se articulam de tal forma intrincadas que parecem indissociáveis. No entanto, se se pensar, por exemplo, no exercício da liberdade, pode-se entender o quanto são distintas essas esferas, sendo a liberdade um exercício pessoal que distingue cada ser de todos os outros.

Este trabalho pretende resgatar a **liberdade**, no caso, **para ser pai: da sua forma, pessoal, com suas singularidades, afetos, emoções, valores, intenções, prioridades, desejos, temores, dificuldades etc. Esse é o pai pessoal**, tão importante para si mesmo, para que não se aliene no desempenho de um papel com uma estrita finalidade de corresponder às expectativas da sociedade,

quanto **necessário para seu filho, para que este humanize o arquétipo paterno enquanto se relaciona com o pai pessoal** (pois embora não seja a relação pai-filho o objeto deste trabalho, ela permanece inevitavelmente como horizonte). Isto traz para ambos – pai e filho – a saudável oportunidade de **não cristalizar o pai arquetípico**, o que significaria enrijecê-lo, fixá-lo em estruturas ideais, sempre inevitavelmente delineadas a partir de traços culturais, como, por exemplo, o padrão patriarcal, empobrecendo-o como fonte e perdendo em dinamismo.

O tema da transformação do pai, mesmo entendido como um fenômeno cultural, é **vivenciado no plano pessoal, ainda que propiciado pela cultura**. Portanto, a cultura não dá conta de determinar a qualidade das vivências pessoais, nem tampouco de eliminar aspectos inerentes à natureza humana, só porque não são prioridades da época. Basta observar que uma sociedade super estratificada, com papéis muito bem definidos, mesmo que extremamente repressora ou controladora, nunca chegou a eliminar seus artistas. Assim também uma cultura que porventura veicule uma proposta educacional fria e autoritária, não impede que pais sejam amorosos. De qualquer maneira, **a irreverência é sempre um potencial humano, a se manifestar em condições propícias ou adversas**. E ela é – vale lembrar – **elemento fundamental no processo de individuação**, já que necessária em alguma medida para que a diferenciação se dê. Nas palavras de James Hollis (2002), só “a percepção consciente da realidade psicológica singular, específica de cada um, incluindo forças e limitações... leva à experiência do Si-mesmo como centro regulador da psique” (p.183). A densidade de tal definição é interessante porque dá o devido destaque à singularidade, característica do **pai pessoal**, e, no entanto, aponta para uma realização arquetípica que é o próprio processo de individuação.

Quero por fim ressaltar que, por conta das transformações culturais – seja em que parcela caiba à cultura favorecer (mas não determinar) o desenvolvimento psicológico saudável –, as condições hoje nem são tão adversas assim. Pelo contrário: há uma crescente valorização da afetividade e da subjetividade, favorecendo a integração entre o que vem de dentro e o que vem de fora (aqui entendidos como pessoal e cultural, sentimentos e padrões aprendidos), assim como entre o certo e o duvidoso, entre a ‘verdade’ conquistada pela ciência e a permanente reconstrução. Mas todo esse favorecimento dos nossos tempos não garante uma vivência sem riscos, paradoxos, contradições. Estamos, sob este olhar, presenciando um crescimento, mesmo que com sofrimento. No caso, trata-se de um sofrimento ainda pouco exposto de forma consciente (embora inevitavelmente manifesto), quase nada compartilhado entre os homens, possivelmente devido ao desafio de sujeitar-se a ser avaliado, perante dois conjuntos de valores aparentemente incompatíveis: um regido pela razão, outro pela afetividade. Este é o impasse experimentado atualmente, tanto pelo indivíduo quanto pela cultura: o momento de divisão, a vivência da polarização, antes da síntese.

INDIVIDUAÇÃO – UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL QUE SE PROCESSA NA RELAÇÃO COM O OUTRO

Jung, em diferentes momentos de sua obra, faz referência a grupo e sociedade como sinônimos de ‘massa’ e, nesse sentido, parece desqualificar o coletivo como se ele significasse um convite à despersonalização. Assim entendido, o coletivo atuaria na contramão do processo de individuação. Entretanto, essa não

é a sua única leitura do coletivo. Isso fica muito claro quando descreve, com profundidade, dinamismos que participam do processo de individuação, sendo este um dos conceitos centrais de sua abordagem teórica.

Individuar-se ou realizar o Si-mesmo é, segundo Jung, a meta do desenvolvimento psicológico, que só se viabiliza a partir da interação do sujeito com seu mundo. Pressupõe o sentimento de pertencimento e a disposição de participar. Ao contrário do isolamento, como se poderia supor em função do valor dado ao recolhimento, **o processo de individuação se realiza junto à conquista da comunicação entre o 'dentro' e o 'fora'** ²⁸, canal de troca que pode ser entendido de muitas formas: entre o eu e o outro, entre o inconsciente e o consciente, entre o eu e o outro eu. Seja como for, **visa o encontro entre os diferentes, e propicia uma integração que realiza um salto de qualidade em termos de crescimento psíquico, na medida em que essa comunicação seja assimilada pela consciência.**

Há vivências profundas e valiosas que escapam à consciência – como os processos criativos, os sonhos, as fontes da intuição – mas participam e contribuem efetivamente para o processo de individuação quando se tornam, de alguma forma, acessíveis à consciência, propiciando assim algum nível de integração (ou comunicação) entre as polaridades. Equivale a **um movimento de ir superando a polarização em direção à totalidade, ainda que no horizonte.**

Outra contribuição importante de Jung é a percepção de que processos de transformação coletivos participam de dinâmicas análogas às dos processos individuais. O nosso exemplo, no caso, tem a ver com as transformações sociais em

²⁸ As imagens 'dentro' e 'fora' são utilizadas como metáforas para representar distintas instâncias em busca de comunicação. Não devem ser compreendidas a partir de conotações de valor que desqualificam um dos pólos, tampouco associadas a 'profundo' e 'superficial'. Como polaridades, muitas vezes uma delas está identificada com o ego e a outra em busca, ou a espera de ser integrada na consciência. Desafio que se enfrenta construindo pontes.

torno das relações de gênero, que vêm interferindo nas expectativas sobre os papéis de pai e mãe. E se o que vale para o indivíduo, vale também para o grupo humano, a questão nesse caso se dirige para a qualidade da experiência dos homens diante do desafio de integrar em sua identidade pessoal mais um papel social – o de pai – ante uma concepção de masculinidade e de afetividade em transformação na nossa cultura.

Tais mudanças correm o risco, quando não são processadas a partir de uma comunicação entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, em seus diferentes planos – inconsciente-consciente; indivíduo-sociedade; ou a partir de um diálogo pessoal com as propostas advindas da coletividade –, de serem simplesmente implantadas, propostas como um padrão, como aliás pretende tantas vezes fazê-lo os meios de comunicação de massa, ao sugerir a existência de um ‘novo homem’ como um modelo a ser seguido. Como se um termômetro exterior ditasse o que é esperado na época ou considerado correto, visando adaptação social. É nesses casos que o coletivo tem a conotação de ‘massa’ e ‘massificação’, para a qual tanto Jung nos alertou.

Na perspectiva da interação social, poderíamos dizer que ‘dentro’ e ‘fora’ como categorias não fazem sentido. Mas utilizo-as para diferenciar as expectativas externas que pressionam o sujeito ao desempenho de um determinado papel, como condição de sua aceitação social – ou quando ele se sente assim pressionado – das demandas internas, aquelas que o sujeito faz a si mesmo, e que podem também lhe render cobranças de um desempenho, mas que, em princípio, visam à satisfação e realização pessoal. É certo que as demandas internas também decorrem da interação do sujeito com elementos advindos de fora, da socialização, porém, interação e socialização não devem ser confundidas, em qualquer

circunstância, com a relação de barganha, muitas vezes inconsciente, que se trava com o meio social como forma de ser aceito.

A nova maneira de se vivenciar o papel de pai, assim como a própria masculinidade, mesmo sendo um fenômeno coletivo, é, em sua essência, uma experiência pessoal e singular, a qual cada homem nessa condição tem que processar e registrar para si mesmo, levando em conta o que ele considerar que vem de 'fora' e o que vem de 'dentro', tanto a sociedade em que está inserido e na qual se desenvolve, quanto os próprios sentimentos e necessidades. **É essa ponte de comunicação que vai fornecer ao sujeito o sentido da sua experiência de paternidade**, singular e ao mesmo tempo compartilhável. Sem isso, ou se a mudança se faz preponderantemente a partir de fora, como se um novo modelo previamente definido e hegemônico viesse substituir o antigo padrão patriarcal, verifica-se um processo de alienação e submetimento, que desperdiça justamente a riqueza que essa passagem de fase teria a acrescentar.

Em determinadas circunstâncias, no processo de desenvolvimento, a identidade pode ir se formando como um mosaico, a partir de colagens, a emprestar modelos, informações, padrões aos quais ele tenta se conformar. Isso pode definir ou mesmo comprometer a qualidade da experiência dos homens diante da tarefa de integrar em sua identidade pessoal apenas mais um papel social – o de pai – ante uma concepção de masculinidade e afetividade em transformação na nossa cultura, como se não fosse também ele sujeito dessa transformação.

É quando a pessoa se sente, por exemplo, como um estrangeiro em sua própria terra, em meio a tantas mudanças culturais. O estranhamento frente às novas referências que a cultura, de maneira hierarquizada, lhe oferece – por

exemplo, o ‘novo homem’ enjaulado num padrão – pode promover um sentimento de solidão, e mesmo de desamparo, reforçado pela (im)possibilidade de ser criativo. E pode gerar a impressão de que tal sofrimento e dificuldades constituem uma particularidade apenas dele, atuando como um convite ao isolamento, já que não há com quem compartilhar, ou que seria vergonhoso fazê-lo.

Ao contrário dos modelos determinados exclusivamente a partir de fora, a criatividade pede interioridade, contato com a subjetividade e pelo menos um pouco de solidão. Não isolamento, mas recolhimento – para assegurar o contato consigo e o diálogo entre o eu e o outro eu, ou entre o que é sentido como o ‘dentro’ e o ‘fora’. Sem a vivência das polaridades, não há o que integrar. Ao poupar-se do risco de criar – já que criar inclui, no mínimo, a experiência de solidão –, numa rápida adesão ao que é ditado a partir de fora como hegemônico ou ‘naturalizado’ (aqui entendido o ‘fora’ como o que vem da sociedade, como se ele não fizesse parte de sua comunidade e ansiasse por pertencer a ela), sem perceber o sujeito integra em sua identidade o perfil do dominado, ou do ‘colonizado’ – voltando à analogia com o estrangeiro. Como quem visa a um ideal que não emana de sua espinha dorsal: quer ser incluído, sem pertencer. E aí o problema que se configura é que “quando falamos a língua do outro, perdemos nossas riquezas e peculiaridade”.²⁹ O mesmo vale para o não-verbal: quando nos comportamos segundo padrões ditados a partir de fora, a sintonia fina com a interioridade se perde, comprometendo os sentimentos de prazer e realização pessoal naqueles gestos.

²⁹ Frase dita pelo Prof. Dr. Jean-Pierre Goubert em sala de aula na disciplina ‘Relações entre a História e a Psicologia Social no Estudo da Cidade’, no programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP em junho de 2005. Docentes: Prof^a. Dr^a. Eda T. de Oliveira Tassara e Prof. Dr. Jean-Pierre Goubert.

Creio que isso esclareça a importância do homem em se apropriar de sua experiência de paternidade, como expressão de si-mesmo (ou, em termos conceituais, do Si-mesmo). Só assim creio que diminua, de forma coletiva, a necessidade entre os homens de desertar da função que ocupam nessa relação entre sua mulher e seu filho. Só a qualidade desta relação, constituída e preservada a partir de dentro, sintonizada e, portanto, em diálogo com a subjetividade masculina, pode oferecer uma alternativa mais interessante para este já clássico papel do “*pai ausente*”. Possivelmente ausente porque decorre de uma paternagem esvaziada de sentido, regida por uma heteronomia que o submete, e rouba-lhe o prazer da criatividade no exercício de sua função.

PERSPECTIVA EVOLUTIVO-ESTRUTURAL

Com relação às etapas de desenvolvimento dentro da abordagem desenvolvida por Byington, não pretendo apresentá-las extensivamente, mas considero necessário explicitar algumas características fundamentais. Para tanto, baseio-me na síntese formulada por Lima (2002, cap.I) sobre a grande contribuição de Byington (1983, 1986, 1987), além dos textos do próprio autor (1992, 1999).

Lima, em seu trabalho, está mais interessado no dinamismo patriarcal, enquanto eu pretendo enfatizar a passagem para o dinamismo de alteridade. Entretanto, compartilho de sua visão quando afirma que “a preservação do senso de Lei... (importante) legado do arquétipo paterno, (é) responsável por grande parte do processo de humanização”, e que “o passaporte para a alteridade é carimbado com as marcas positivas da função paterna” (LIMA Fº, 2002, p.18). Sendo assim,

não se trata de diminuir ou ultrapassar a etapa anterior, mas de atravessá-la (encará-la como uma travessia), o que significa desfazer a “naturalização” que se construiu em torno dela – como se fosse um ponto de chegada – tendo sido por muito tempo identificados disciplina, discriminação e cumprimento da lei como os indicadores de crescimento e saúde, perdendo-se assim os critérios para se avaliar quando e em que circunstâncias o são (o que, paradoxalmente, é uma capacidade discriminativa), e quando funcionam, pelo contrário, como infantilizadores, restringindo a autonomia, a capacidade para a interioridade e mesmo para o desenvolvimento do senso ético.

Pretendo trabalhar com o significado dessa passagem, tão característica de nossa época, do dinamismo patriarcal para o de alteridade, procurando conhecer melhor os desafios que aí estão propostos, na intenção de favorecer as conquistas nessa direção, dentro de uma perspectiva sempre integradora e não como mera sucessão.

Compartilho da concepção que leva em conta, na compreensão do desenvolvimento da personalidade, a interface entre os fatores ambientais e históricos de um lado e fatores constitucionais de outro, onde se manifesta a disposição inata (da psique) que inclui o potencial para a auto-regulação psíquica. Mesmo não sendo possível ponderar sobre o grau de determinação de um ou outro fator, há um consenso em se considerar um peso significativamente maior dos fatores ambientais no início da vida, o que se relativiza gradativamente a partir da adolescência. Ainda assim, nenhuma conclusão simplificada pode ser extraída daí, posto que mesmo as intensas vivências relativas ao dinamismo materno e paterno dos primeiros anos de vida já articulam dinamicamente tanto as experiências

concretas com pai e mãe pessoais, quanto o pai e mãe pré-existentes enquanto dimensões arquetípicas da psique.

Byington, em uma de suas considerações críticas a Jung, aponta o redutivismo com que ele teria descrito os arquétipos, na medida em que foram concebidos “exclusivamente como parte do inconsciente coletivo do qual emergiria a consciência, como produto secundário” (BYINGTON, 1992, p.96). Ao ampliar o conceito de arquétipo para englobar também a consciência, o autor encontra “quatro padrões característicos que representam protótipos de relação Eu-Outro na mente humana”, cujos arquétipos regentes são responsáveis por esses padrões ou dinamismos. O que os diferencia é a forma como cada um opera na relação Eu-Outro (p.97). São eles: o padrão ou dinamismo matriarcal, o patriarcal, de alteridade e de totalidade. Cada um é regido por um arquétipo, e os quatro operam juntos na psique, alternando-se momentaneamente ou por longos períodos. Todos juntos são regidos pelo Arquétipo Central do Self, que coordena todo o desenvolvimento psicológico individual e cultural (p.97).

A partir da “perspectiva evolutivo-estrutural” (BYINGTON, 1986, p.13 citado por LIMA F^o, 2002, p.29) onde se observa o desenvolvimento numa seqüência temporal marcada pela regência de um arquétipo dominante em cada ciclo, pode-se extrair, mais do que uma definição de etapas da vida das pessoas, **uma caracterização de “modos distintos de estruturação da consciência”** (BYINGTON, 1987, p.40-41 citado por LIMA F^o, 2002, p.29). “Cada dinamismo tem um valor estruturante para o Eu e para a consciência” (LIMA F^o, 2002, p.29), e os arquétipos voltam a ser constelados, de acordo com as vivências e circunstâncias, independentemente do arquétipo regente.

Apresento em seguida, de forma breve, as principais características de cada dinamismo.

O **dinamismo matriarcal**, regido pelo **Arquétipo da Grande Mãe**, é “o dinamismo mais básico da psique. Seus princípios fundamentais são os de sobrevivência e propagação da espécie” e sua essência se expressa pelo prazer da sensualidade e da sobrevivência (BYINGTON, 1992, p.100).

É um dinamismo fundamental ao longo de toda a vida, abrangendo igualmente homens e mulheres, idosos e crianças. “O matriarcal tende a se expressar sempre que houver necessidade de cuidado, e é, por isso, naturalmente dominante na primeira infância e na velhice” (BYINGTON, 1992, p.100).

“Na personalidade, o dinamismo matriarcal se expressa pela grande **intimidade emocional**”, pela expressividade das emoções e das funções corporais, onde se inclui “o preparo de comidas, a dança, a sexualidade, o sentimento e a intuição” (BYINGTON, 1992, p.100). Já o padrão de consciência que o caracteriza é a **proximidade da relação Eu-Outro** e da polaridade consciente-inconsciente. Essa **relação binária**, ao favorecer o **cuidado**, intensifica o **apego** ao mesmo tempo em que não propicia o afastamento necessário para a lógica formal e a abstração.

O **dinamismo patriarcal**, regido pelo **Arquétipo do Pai**, organizador dos limites, das leis e metas da vida individual e social, em oposição ao padrão anterior, demonstra maior capacidade de desapego sensual e de abstração. Proporciona afastamento entre o Eu e o Outro, assim como entre polaridades em geral: consciente-inconsciente, certo-errado, bom-mau. Verifica-se **a passagem de uma**

relação binária para ternária: o Eu opera com o outro em função de polaridades. Opta por uma, afasta-se da outra.

A partir de cadeias lógicas, formula sistemas, rotula, planeja e executa. O desenvolvimento da abstração permite enorme apego às organizações e ao poder do controle sobre o corpo, as pessoas, as emoções e a natureza. Valoriza o planejamento, em oposição ao imediatismo matriarcal.

A austeridade do dinamismo patriarcal dominante no ocidente reprimiu e desqualificou o matriarcal, considerado inferior, reduzindo-o ao princípio do prazer, ao feminino, ao infantil – pelo seu imediatismo.

Não existem limites de sexo e idade para o matriarcal e o patriarcal, mesmo que sejam preponderantes nesta seqüência nas fases iniciais da vida. Mas é essencial resgatar o dinamismo matriarcal reprimido e reconhecer seu importante papel na vida individual e social, pois é essa experiência integradora que vai propiciar o desenvolvimento psicológico e as habilidades para a democracia.

O **dinamismo de alteridade** pressupõe essas vivências anteriores. Ao ser ativado esse dinamismo arquetípico mais diferenciado para o relacionamento existencial, em busca do encontro, o **Arquétipo da Alteridade**, que engloba os **arquétipos da Anima, Animus e do Coniunctio**, “luta pela interação livre e igualitária desses dois dinamismos” – matriarcal e patriarcal – assim como das demais polaridades psíquicas. “Esforça-se para vivenciar a sensualidade matriarcal e a organização patriarcal, sem se identificar ou ser dominado por elas” (BYINGTON, 1992, p.101).

Em seu **padrão quaternário de relacionamento**, busca a totalidade, onde “a personalidade e a cultura adquirem a capacidade de perceber a dualidade do Eu em interação criativa com a dualidade do Outro”. Segundo Byington, essa busca de encontro pleno nos remete a três componentes básicos do dinamismo de alteridade: igualdade (oportunidades iguais para a expressividade do Eu e do Outro com suas diferenças preservadas); liberdade (para expressividade do Eu e do Outro na sua interação dialética); totalidade (porque essa busca os impulsiona a uma realidade que os transcende e abrange) (BYINGTON, 1992, p.101).

O princípio essencial desse dinamismo “é **o chamado para o encontro** através do engajamento pelo **conhecimento**, pelo **amor** e pela **entrega**” (BYINGTON, 1992, p.101). “A busca desse encontro profundo e total suscita do Eu e do Outro o despojamento do egoísmo e do narcisismo” (p.102). “**Através da alteridade, o self se abre para a dúvida permanente**”, onde o lado seguro e forte do Eu convive com seus aspectos inseguros e vulneráveis.

O **dinamismo de totalidade**, regido pelo **Arquétipo da Sabedoria**, “quando ativado nos encaminha para perceber o balanço geral do processo existencial até aquele momento. Essa percepção da totalidade envolve uma grande abstração na qual figuram lado a lado” vários pares de polaridades. “Presente e atuante durante toda a vida, como os outros três arquétipos regentes, o dinamismo de totalidade tende a predominar na velhice. Abrange os arquétipos do Velho Sábio e da Velha Sábia descritos por Jung” (BYINGTON, 1992, p.102).

No ciclo de alteridade a consciência assume capacidade de vivência simbólica. Através do princípio da sincronicidade, amplia a consciência polarizada característica do ciclo patriarcal, regida então pelo princípio da causalidade – tão necessária nas etapas adaptativas. Tais conquistas estão mais propensas a ocorrer no início da adolescência e na metanóia. Preparam o sujeito para a democracia, para o relacionamento amoroso e para o manejo de conflitos interpessoais, na medida em que se dá a assimilação de princípios básicos como dialética, simetria e fraternidade – em contraposição à necessidade de coerência e unilateralidade características da fase anterior.

A proposta é enxergar o processo de evolução psíquica como um grande encadeamento de conquistas onde algumas funcionam como pré-requisitos para outras, preparando o ser humano para dimensões mais complexas a partir de outras mais simples, mas também conjugando certa linearidade existente no desenvolvimento com uma circularidade que movimenta e articula sincronicamente distintas potencialidades. Esta concepção é geograficamente visualizável na imagem de uma fatia de bolo cortada sobre um espiral, estabelecendo-se assim um diálogo e uma ação integrada entre potencialidades recém conquistadas e velhas aquisições que alicerçaram o crescimento desde o início.

É esta compreensão do desenvolvimento como circular em espiral que nos permite visualizar o resgate do que se perdeu, dentro de uma perspectiva dialética e integradora, sem que se obrigue à regressão no sentido de recuo e cristalização.

Com base nesses conceitos, Byington desenvolve algumas reflexões sobre as transformações da família tradicional, procurando identificar fatores arquetípicos que abalaram sua psicodinâmica:

“Junto com as disfunções arquetípicas da família tradicional de dominância patriarcal existem três grandes arquétipos que vêm influenciando muito o desenvolvimento sociocultural da humanidade e da família e que concernem também à interação dos quatro componentes do quatérnio arquetípico regente” (BYINGTON, 1999, p.78).

Aponta como primeiro o que ele chama de “uma extraordinária ativação do arquétipo de alteridade”, no caso, promovendo a busca do encontro criativo das polaridades no relacionamento homem-mulher. “O segundo foi a despotencialização do arquétipo patriarcal”, que intensifica o resgate dos símbolos da sombra. E em terceiro lugar, “a desrepressão vulcânica do arquétipo matriarcal”, abalando as fixações defensivas do modelo tradicional da família (BYINGTON, 1999, p.78).

Byington se refere a essa revolução como um processo que já dura dois milênios, e que passou a ser conscientizado nos últimos três séculos. Em sua avaliação mais recente, vislumbra horizontes:

“A constelação do arquétipo de alteridade na sociedade contemporânea traz enorme ênfase ao processo de individuação nas famílias, com grande aumento de reivindicações, conflitos e frustrações. Pais, mães e filhos querem viver mais democrática e amorosamente para se realizarem e serem mais respeitados como pessoas. A dificuldade é que a alteridade traz confrontos e conflitos, muitos dos quais difíceis de agüentar para elaborar. A começar pela

relação dialética dos arquétipos matriarcal e patriarcal” (BYINGTON, 1999, p.80).

O autor conclui citando Dinnerstein (1977) que apresenta como sugestão vislumbres muito afinados com os que norteiam a presente pesquisa:

“O reequilíbrio das identificações primárias ou a participação do homem na gravidez, no parto e no campo matriarcal das relações primárias é a medida mais urgente para o resgate da saúde na formação da identidade das pessoas e da relação homem-mulher. A relação de alteridade do homem e da mulher necessita incluir seus papéis parentais de forma dialética na primeira infância dos filhos” (BYINGTON, 1999, p.84).

Quando a vida se encontra regida pelo dinamismo da alteridade, o sujeito, operando na dimensão simbólica, torna-se ou percebe-se mais apto para tolerar ambivalências. A coexistência entre os diferentes passa a ser mais percebida, tanto na relação com os outros, aprendendo e praticando assim o respeito à diversidade, quanto na relação consigo mesmo, desenvolvendo habilidades para conviver com seus distintos lados.

Retomando: conjugando circularidade com linearidade, e compreendendo resgate como evolução, verifica-se uma sensível evolução na relação homem-mulher através do encontro criativo das polaridades, decorrente de uma menor potência do arquétipo patriarcal (o que intensifica o resgate dos símbolos das

sombras) e o simultâneo resgate do arquétipo matriarcal reprimido. Na família, enfatiza-se a individuação.

Benedito (1993), em seu estudo sobre dinâmicas familiares, com destaque para as relações conjugais e atenção à participação conjugada das figuras parentais “em função do campo psicológico simbólico-arquetípico constelado dentro dessa unidade familiar”, acrescenta que a função simbólico-materna, tão necessária para a estruturação da consciência da criança na dimensão matriarcal, é propiciada e vivenciada com a figura de ambos os pais. Assim, “...o pai também, a seu modo, a partir de sua vivência psíquica matriarcal, contribui para o desenvolvimento da personalidade da criança dentro dessa dimensão” (p.82). O mesmo vale para a mãe em relação ao padrão patriarcal, já que ambos carregam os dois arquétipos.

Atenta às múltiplas formas de relações complementares, a autora alerta para o fato de que nem sempre a relação conjugada é positiva. Um exemplo é quando a mãe se mantém fixada no dinamismo matriarcal, e, reprimindo outros dinamismos, exagera em cuidados e intensifica o vínculo com a criança, despotencializando-a. É muito comum, nesses casos, que o pai, como atitude complementar, se afaste tornando-se um mero provedor – situação na qual ele se sente aliviado. Assim o pai se protege, segundo Benedito, não apenas das tarefas domésticas, mas principalmente do “envolvimento materno-emocional que um bebê exige”, penoso para quem está com essa função reprimida em sua personalidade (1993, p.84).

Benedito concorda com Byington e o cita, afirmando que “A consciência individual ou coletiva não consegue atingir e funcionar no padrão democrático de alteridade se suas raízes não estiverem firmemente plantadas e alimentadas pelos dinamismos matriarcal e patriarcal” (BYINGTON, 1987, p.67, citado por BENEDITO, 1993, p.84).

À medida que se verifica, nas transformações sociais recentes, a emergência da subjetividade masculina e a valorização da afetividade, em confronto com a desvalorização das emoções ligadas ao dinamismo matriarcal, característica da sociedade marcadamente patriarcal, pode-se pensar na recuperação de habilidades e valores mais primitivos, sem o caráter regressivo.

No homem adulto, a integração da alma corresponde ao resgate do dinamismo regente na primeira infância, o matriarcal, quando ele conviveu e foi cuidado por uma psique feminina que se valia das **habilidades senso-perceptivas e intuitivas** no exercício dos cuidados com ele (não confundir psique feminina com gênero feminino). A passagem para a segunda etapa do desenvolvimento, regida pelo dinamismo patriarcal, que orienta o sujeito a conquistar sua própria autonomia, a partir de então dirigida pelos parâmetros assimilados das normas da cultura, cujo representante é o pai (ou seu substituto), se viabiliza por meio das **habilidades discriminativas próprias do pensamento**.

Quando o sujeito se prepara para a alteridade, encontra-se num momento de síntese, dentro do movimento dialético do desenvolvimento da personalidade, entre as polaridades matriarcal e patriarcal. É uma conquista favorecida pela integração da alma. Essa integração propicia uma série de benefícios, tanto para o filho quanto para o pai que compartilham um relacionamento regido pelo dinamismo de alteridade, onde ambos podem existir e ser vistos em suas peculiaridades individuais, sendo a diversidade valorizada.

Em comparação com o relacionamento regido pelo dinamismo patriarcal, espera-se uma reduzida necessidade de formação de aspectos sombrios, já que a postura da alteridade amplia a capacidade de continência, com tendência a favorecer a integração, diferentemente do patriarcal, onde a polarização e exclusão

fazem parte do processo – ali entendido como conquista – de diferenciação e discernimento.

Nesse sentido, embora focando este trabalho na individuação do homem, pode-se notar a perspectiva psicoprofilática e preventiva intrínseca, que visa favorecer também o filho no seu relacionamento com o pai, bem como o relacionamento do casal e toda dinâmica familiar, e, em última instância, as relações sociais e a sociedade como um todo.

Esta é a dimensão que conduz os relacionamentos para uma qualidade essencialmente distinta daqueles estabelecidos em torno do sentimento de dependência, amalgamados a partir de desejos e necessidades. **A humildade e o reconhecimento dos próprios limites, vivenciados com consciência e como um processo de crescimento, e não humilhação, preparam a pessoa para o relacionamento com base no amor** e na consideração pelo outro. É quando o outro pode efetivamente ser percebido e ser importante, numa dinâmica de reciprocidade, pode complementá-lo, já que ele se aceita incompleto – sem que, com isso, se reinstale em sua experiência o conhecido dinamismo da dependência infantil.

O ciclo da alteridade é o momento por excelência do exercício da ética e do amor, embora estes já venham sendo construídos e sendo exercitados desde criança, acompanhando a construção do Eu.

4. MÉTODO

a) Objetivo

Grande parte das contribuições da psicologia no século XX, no que diz respeito ao tema das relações familiares, concentrou-se, como foi visto, prioritariamente sobre a importância da mãe no desenvolvimento psicológico da criança. Recentemente, tem crescido a produção de publicações e pesquisas em torno do tema do pai, inclusive dentro da abordagem junguiana. Mas ainda nesses casos predomina o interesse pela relação pai-filho, com a intenção de demonstrar a importância do primeiro na constituição psíquica do segundo.

Complementarmente a esses trabalhos, o foco da presente pesquisa desloca-se para a **importância da experiência de paternidade no processo de desenvolvimento psicológico do próprio homem**. De acordo com a perspectiva teórica junguiana adotada, o interesse se centra no **processo de individuação**, no caso, **do pai** e não do filho, **partindo do pressuposto de que a experiência de paternidade participa de maneira significativa desse processo**.

Levando-se em conta as transformações observadas na sociedade atual e as diferentes manifestações da paternidade diante dessa nova condição (se é que podemos assim chamar) de crise do padrão patriarcal, pelo menos como hegemônico, **o objetivo desta pesquisa é, através de depoimentos de homens que estão se tornando pais, ampliar a compreensão de como está se dando a experiência da paternidade atualmente:**

- como está sendo vivenciado pelos homens o momento de se tornar pai?
- como está se dando o desenvolvimento do papel de pai em relação à subjetividade masculina?

- o que o próprio homem espera de si como pai e como assimila as expectativas da sociedade em relação a ele?

Dito de outra forma: **qual o impacto que a entrada na experiência de paternidade vem causando no processo de desenvolvimento psicológico masculino? Trata-se de tentar se aproximar do significado atual da paternidade para os próprios homens na condição de pais.**

Permanece no horizonte a intenção de perceber de que maneira essa vivência participa do processo de individuação: em que medida a experiência de paternidade propicia o desenvolvimento psicológico, em termos de ampliação da consciência e percepção de si, bem como integração de polaridades opostas, até então fixadas em suas raízes inconscientes como incompatíveis. Entretanto, uma observação conclusiva sobre o processo de individuação não pode ser considerada um objetivo da pesquisa, já que as condições em que a mesma transcorre são insuficientes para tanto.

Pressupostos

Com base na observação clínica em atendimento de casais, e também levando em conta informações obtidas a partir de um serviço oferecido em uma clínica psicológica na forma de Plantão de Problemas Conjugais, onde se verifica uma crescente demanda por parte dos homens, mesmo não chegando a se equiparar em número à das mulheres, é possível identificar a presença de um estado de incerteza ou mesmo de angústia masculino que tem sido muitas vezes reconhecido pelos indivíduos como um problema particular. Não se dão conta, conjuntamente, do caráter coletivo das dificuldades que enfrentam, até porque os homens não se organizam como um gênero, assim como o fizeram as mulheres no

auge do movimento feminista, além de não terem o costume de compartilhar problemas particulares.

É característico de épocas de transição que dilemas, embora emergentes e espelhos de um cenário social mais amplo, sejam vivenciados de forma aguda e subjetiva, levando os sujeitos a cultivarem uma angústia pessoal, considerando que haja algo de errado consigo no plano individual.

Há um poema de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa (PESSOA, 2006, p.418-419) que, se aplicado a esta circunstância, expressa muito bem o sentimento que decorre dessa dinâmica. Reproduzo a seguir trechos do poema:

Poema em Linha Recta

Álvaro de Campos

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus amigos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,

...

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,

*Eu verifico que **não tenho par nisto tudo neste mundo.***

Toda a gente que eu conheço e fala comigo

Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxovalho,

Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana

Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;

Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!

...

*Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?*

***Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?*³⁰**

...

O poeta entra em sintonia com a dor experimentada pelo ser humano, na solidão, quando se conecta, em sua intimidade, com suas fragilidades e subjetividades. E revela, sob a forma de queixa e indignação, a falta de oportunidade para compartilhá-las com outros iguais, o que tornaria o sofrimento mais reconfortante, por ser próprio do humano.

De fato, as transformações sócio-culturais desafiam o indivíduo, ao colocá-lo frente a um novo conjunto de expectativas que recai sobre o gênero masculino e que se embaralham aos velhos padrões ainda veiculados em nossa cultura. Isso afeta pessoalmente o homem, na medida em que propõe uma reformulação de alguns aspectos que constituem hoje, em função da socialização, a identidade masculina, como, por exemplo, a expectativa de que ele seja mais afetivo, o que não se harmoniza com a suposta auto-suficiência do padrão masculino.

Enquanto essas dificuldades enfrentadas pelos homens não são expressas e compartilhadas, e não se configuram como coletivas, a psicologia, enquanto ciência e profissão, não se apropria da questão como um tema social. Acredito que já estamos devendo, nós psicólogos, assim como outros profissionais de saúde e educação, um maior envolvimento com esse tema, com a finalidade de conferir a existência ou não dessa demanda coletiva masculina – aqui apresentada como pressuposto, com base em observações parciais – para que se possa **ampliar a**

³⁰ Os grifos são meus.

compreensão do fenômeno ‘tornar-se pai’, compreensão esta que poderia dar suporte para o desenvolvimento de recursos e, se for o caso, de serviços apropriados.

Relevância do tema

O presente trabalho nasceu de uma motivação que entrelaça uma dupla intenção: pesquisa e prestação de serviço. O compromisso imediato é com a pesquisa, porém esta visa fornecer elementos que possivelmente venham a fundamentar, numa **perspectiva psicoprofilática**, uma futura prática da psicologia na forma de serviços a serem oferecidos ao homem que está em vias de se tornar pai, a fim de favorecer o desenvolvimento da paternidade e a integração dessa nova faceta em sua personalidade.

E por que não sonhar alto? Dada a **relevância social do tema** e a extensão das conseqüências a ele atreladas, **esta pesquisa tem também a intenção de contribuir para ampliar a consciência coletiva a respeito da importância das condições favoráveis à experiência participativa da paternidade desde o seu início**, com conseqüências para a qualidade de vida não só dos homens que se tornam pais, mas também das mães e dos filhos. Isso poderia estimular a elaboração de políticas públicas como, por exemplo, a ampliação da licença-paternidade, ou incentivar a criação de serviços de atendimento a grupos de homens no setor da saúde pública – como, por exemplo, a homens que estão em vias de se tornar pais – já que a maior parte dos serviços públicos de saúde oferecidos à família é destinada às mulheres e às crianças.

Certamente estes últimos vislumbres estão fora da alçada do que este projeto de pesquisa se compromete a alcançar, mas refiro-me a eles como um horizonte, porque atuam como uma visão prospectiva, já na origem, a instigar o projeto nascente, além de tornarem patente a relevância do tema. Na medida em que o caminho concreto de coleta e análise de dados vai sendo trilhado e, principalmente, a partir dos resultados, tais prospecções podem ser revistas e redirecionadas, orientando pesquisas e práticas futuras.

Assim, também estão sujeitos a serem revistos os pressupostos, abaixo retomados de forma sintética, de que:

- 1º) a angústia vivenciada individualmente por esses homens é de natureza coletiva, sendo reveladora e ao mesmo tempo fruto de uma cultura em transição;
- 2º) as desorganizações familiares experimentadas por conta das indefinições ou transições quanto aos papéis e expectativas direcionados a cada membro, bem como as novas configurações familiares distintas da família nuclear, comportam um potencial de crescimento que vai além do aparente caos resultante da desestruturação, podendo, inclusive, ser encaradas como uma “crise de crescimento”, à medida que favoreçam o processo de individuação, em longo prazo, sendo, portanto, avaliadas positivamente dentro de uma perspectiva histórica.

Tenho ainda consciência de que, se consideradas como hipóteses, as afirmações acima apresentadas, pela sua natureza e dimensão, não poderão ser na íntegra refutadas ou confirmadas no âmbito estrito da presente pesquisa, mas apenas balizadas, questionadas ou reforçadas.

Para finalizar, retomo que, com base no referencial teórico junguiano, mesmo não sendo este o objetivo com o qual me comprometo, espero poder contribuir para

uma formulação que amplie nossa compreensão a respeito de como o arquétipo paterno está se constelando no homem na sociedade atual: **qual o projeto de pai que está sendo veiculado coletivamente e vivenciado individualmente?** Por trás do objetivo de se ampliar o conhecimento acerca da experiência de paternidade atual, a pergunta mais extensa que não se pode por ora abarcar, mas que instiga a curiosidade é: **o que preparam esses homens para o futuro próximo da nossa vida social com os novos modos de sentir e de se comportar? Como se transformam a si mesmos e o que propiciam para seus filhos, assim como para todos com quem convivem?**

Espero ainda que os resultados, inevitavelmente parciais, estimulem novas pesquisas na mesma direção.

Ampliando o cenário, para que a delimitação que convém aos objetivos da pesquisa não constranja nossa visão dos dinamismos em sua complexidade, mas sem a pretensão de abarcar o fenômeno como um todo no âmbito estrito desta empreitada, apenas menciono que a experiência da paternidade pode ser compreendida em pelo menos três dimensões:

- **O que o homem busca para si**, em termos de realização pessoal, através do desempenho do papel de cuidador, associado ao desejo de ser pai. **O foco está na relação consigo mesmo**, na auto-imagem: como ele passa a se ver a partir desta experiência.
- **O que deseja propiciar para seu filho**: o que vislumbra, imagina, idealiza, em termos de desenvolvimento. **O foco está na relação com o filho**, incluindo seus projetos e desejos para ele;

- **Como se vê em relação à companheira**, agora mãe do seu filho. Inclui a ressignificação da mulher e da sua relação com ela. **O foco está no desafio de um desenvolvimento integrado entre o relacionamento conjugal e parental, ou na díade conjugalidade-parentalidade.**

Pensar na figura do pai em sua realização como pai: na relação consigo mesmo, com sua identidade masculina em transformação; na relação conjugal onde compartilha tamanho projeto criativo; na relação com o filho, exercitando e aprendendo a paternidade, desfrutando e deixando o filho desfrutar dessa paternagem – eis um tema que, por sua amplitude e importância, merece o investimento de muitas pesquisas e distintas abordagens.

b) Pesquisa de campo.

Nesta proposta de **pesquisa qualitativa**, que se caracteriza por ser um **estudo exploratório**, a coleta de dados se compõe da colaboração entre a pesquisa teórica e a pesquisa de campo.

A revisão da literatura tem uma finalidade que vai além da de obter respostas e tomar conhecimento do que já se estudou sobre o assunto. Como diz Robert Yin (2002, p.28), presta-se, mais do que isso, para estimular e desenvolver questões mais objetivas e perspicazes sobre o mesmo tópico.

O levantamento bibliográfico percorre, como demonstram os capítulos anteriores, dois caminhos de busca paralelos. Um deles visa ao **aprofundamento da abordagem teórica de Jung, onde se incluem pós-junguianos**, particularmente no que possam contribuir para a compreensão da experiência de paternidade e seus efeitos sobre a psique do próprio pai, considerando-se o processo de individuação do homem (o que difere do largo campo de interesses sobre a importância do pai na constituição psíquica do filho). O outro busca a **ampliação de conhecimentos sobre o tema da paternidade**, a partir de uma contextualização histórico-social, bem como de pesquisas recentes realizadas com preocupações comuns, mesmo quando ocorridas em outras áreas como a da psicologia social ou a partir de abordagens distintas da junguiana.

Já a pesquisa de campo propriamente dita merece uma explanação bem mais detalhada, pois entre o projeto nascente e a maneira como a coleta se deu há uma distância, fruto de transformações que se fizeram necessárias no processo de adaptação frente às limitações encontradas na realidade.

O projeto inicial previa a formação de um grupo composto por **homens que teriam em comum o fato de estarem se introduzindo na experiência da paternidade**. Esse grupo debateria sobre temas ligados a essa experiência por um período de oito encontros semanais. A idéia original era propiciar que compartilhassem entre si vivências características do **momento de transição que corresponde a ‘tornar-se pai’, por mim definido como o período que se estende desde o início da gestação da companheira até seu o primeiro filho completar um ano de idade**.

Pretendia-se, através desses encontros, fazer **um levantamento entre esses homens das vivências significativas e recorrentes, reveladoras de conteúdos emocionais mobilizados nesse período: expectativas, sentimentos, temores, desejos e projetos, apreensões e ansiedades, incertezas e toda sorte de ambivalência afetiva**. Tais conteúdos, advindos das experiências cotidianas, sonhos, dilemas e desafios que são enfrentados no processo de adaptação, poderiam evocar o **significado da paternidade para cada um, em suas várias dimensões, inclusive revelando aspectos da história e do vínculo pessoal com seu pai, ou mesmo os modelos de pai que cada um carrega**. Essa situação foi por mim idealizada como uma condição que funcionaria como fonte de dados à pesquisa e, simultaneamente, oportunidade de troca entre esses homens, capaz de favorecer a ampliação da consciência de alguns fenômenos como coletivos e não apenas individuais, além de estimular a criatividade para a busca de novas respostas individuais e sociais mais harmoniosas com a própria subjetividade – ou seja – em consonância com a individuação.

O grupo seria composto por sujeitos obtidos através da rede de saúde pública, a partir de entrevistas individuais iniciais, quando a apresentação do projeto

e a triagem seriam feitas. Entretanto, iniciados os contatos com profissionais e instituições para divulgação da proposta, deparei-me com inúmeras dificuldades, desde problemas formais e burocráticos ligados às instituições de que eu dependeria para a fonte de sujeitos – como, por exemplo, hospital público e centro de saúde – problemas estes relativos sobretudo a prazos para a aprovação do projeto que extrapolariam as condições previstas pelo mestrado, até a questão da indisponibilidade dos sujeitos para participar da pesquisa, real ou a eles atribuída, dentro da extensão proposta. Diversos profissionais que trabalham com gestantes alertaram para a falta de disponibilidade dos pais, que não costumam acompanhar o pré-natal e nem mesmo o parto, particularmente no setor da saúde pública.

Mesmo deixando em suspenso a “má vontade” atribuída aos homens de maneira generalizada, considerando este um dado que pode ser tanto real quanto preconceituoso, concluí pela necessidade de reformulação da pesquisa de campo em seu formato original, frente ao conjunto das dificuldades. Foram preservados, contudo, os objetivos essenciais acima expostos, sendo excluído deles apenas o item relativo à oportunidade para os homens compartilharem entre si suas experiências – o que não era, de fato, um objetivo específico da pesquisa.

O projeto foi redesenhado, tendo como estratégia para coleta a proposta de **uma entrevista individual com homens nas mesmas circunstâncias**, tendo-se preservado a possibilidade de uma situação final em grupo, opcional, como complemento para a coleta e, principalmente, para se observar a situação de homens compartilhando suas vivências.

O caminho de acesso aos sujeitos trouxe significativa mudança no perfil dos mesmos em relação ao que era esperado inicialmente, uma vez que a fonte se

deslocou do setor público para o privado. Para ter acesso a esses homens, entrei em contato com três **profissionais que atuam junto às gestantes: uma obstetra-ginecologista, uma fisioterapeuta e uma psicóloga**, todas trabalhando no setor privado e com autonomia para indicar seus pacientes. Apresentei meu projeto, já com a proposta reformulada para uma entrevista individual, tendo deixado aberta a possibilidade de algum complemento, como uma situação grupal. Tendo sido bem aceito o projeto, tais profissionais se prontificaram em divulgá-lo, convidando os pais interessados em participar a entrarem em contato comigo. Rapidamente obtive a disponibilidade de 12 homens, sendo 9 da forma acima descrita e três indicados por outras pessoas que, sem vínculo profissional, acompanhavam a execução da pesquisa e a divulgaram entre conhecidos.

Em seu formato final, a pesquisa se dá através dos seguintes passos:

- Um contato telefônico inicial com cada sujeito, quando o pré-requisito para participação na pesquisa é apresentado: estar se tornando pai pela primeira vez, acompanhando a gravidez da companheira ou convivendo com o filho em seu primeiro ano de vida. É feito o convite para uma entrevista de aproximadamente uma hora, que aborda, a partir de um roteiro, temas ligados à nova experiência de paternidade.³¹
- A entrevista propriamente dita, que se inicia com uma breve apresentação do projeto como uma pesquisa de mestrado em psicologia que pretende compreender como está sendo vivenciado pelos homens atualmente o momento de se tornar pai. São feitos esclarecimentos a respeito das condições em que se dá a colaboração do sujeito. Ele é convidado a participar, de forma voluntária e gratuita, tanto dessa entrevista quanto de uma possível situação grupal a ser

³¹ Ver nos anexos o 'Roteiro para Entrevista Individual'.

definida no final do conjunto das entrevistas. Preserva-se o direito ao sujeito de interromper sua participação a qualquer momento que lhe convier. Esse conjunto de informações é apresentado por escrito em um **‘Termo de Consentimento’** que é por ele assinado.³² Inclui-se também nessa introdução o pedido de autorização para que a entrevista seja gravada em fita k-7, para ser posteriormente transcrita na íntegra.

- Encontro em grupo com os sujeitos interessados, com a finalidade de compartilharem entre si alguns dos temas levantados e não desenvolvidos nas entrevistas individuais, e também como uma oportunidade de obter retorno sobre as impressões deixadas ou mobilizações ocorridas a partir das entrevistas. Esse encontro se baseia num roteiro de temas elaborado a partir das entrevistas individuais.³³
- Diário de campo, feito logo após as entrevistas e o encontro de grupo, utilizado principalmente para o registro de algumas impressões pessoais relativas ao clima presente no decorrer do relacionamento, da disponibilidade à pressa, ou referentes à percepção da postura dos sujeitos: confiante, defendido, ambivalente etc. Mas também para expressar as minhas próprias confusões, subjetividades, dúvidas ou mesmo para reter idéias que fluíam em momentos criativos ou de síntese. Este pequeno diário de campo é inspirado na proposta de diário de campo nos termos de E. Bosi (2003), que integra no instrumento os registros mais pessoais como suas dúvidas e dificuldades a fim de compartilhá-las, sendo, assim, uma estratégia disciplinar. A finalidade é a de, no momento da análise, contribuir como instrumento de ressignificação das entrevistas individuais e encontro grupal, na medida em que complementa os dados registrados nas

³² Ver nos anexos o ‘Termo de Consentimento’.

³³ Ver nos anexos ‘Roteiro para Grupo de Pais’.

transcrições, estritamente verbais, complexificando-os ao incluir elementos possivelmente dissonantes.

- Preserva-se da proposta original a figura de um observador auxiliar presente apenas na situação grupal, sendo ele um psicólogo com o papel de observar e registrar dinâmicas individuais e grupais, sem participação atuante no grupo. A função do observador auxiliar é complementar a coleta de dados feita pela pesquisadora que, na condição de participante, deixa escapar inevitavelmente aspectos que podem ser importantes, tanto da participação dos indivíduos quanto da dinâmica grupal.

Sobre essas situações de observação direta em reuniões, Robert Yin (2002, p.117,118) argumenta a favor da presença de mais de um observador para maior confiabilidade, especialmente no caso do observador participante que, na condição de não passivo, pode não ter tempo para anotações. Essa figura do observador auxiliar foi chamada de “observador total” por Ludke e André (1986, p.27), especialmente quando ele não interage com o grupo observado. O observador auxiliar tem ainda a função de balizar as impressões subjetivas do pesquisador com as próprias. Isso permite aprimorar a qualidade da coleta, tornando-a mais rigorosa e avançando, não digo em direção à objetividade, mas pelo menos da subjetividade para a intersubjetividade.

c) Tratamento dos dados

Segue-se à coleta uma fase de elaboração ou tratamento dos dados, em dois movimentos distintos: os resultados são inicialmente organizados e apresentados de forma mais descritiva, seguidos de uma análise do material coletado, onde a especulação e a interpretação se aliam a uma leitura também simbólica, com a finalidade de aprofundar sua compreensão e tornar visíveis informações veiculadas nos depoimentos de maneira pouco explícita.

Diante da proposta de construir uma interpretação coletiva – embora inevitavelmente parcial – a respeito da experiência de se tornar pai, tal como ela tem se dado atualmente, procura-se desenvolver uma **postura compreensiva que inclua a diversidade de registros vivenciais e a característica transitória dos mesmos.**

Dos depoimentos obtidos através das entrevistas individuais extraem-se os **principais temas abordados**, que sugerem maior significação coletiva e que permitem revelar um processo ao qual estão sujeitos os homens da nossa sociedade nessas circunstâncias. **Não é objetivo da presente pesquisa, portanto, aprofundar a reflexão sobre interpretações individuais**, uma vez que não se trata de estudo de caso e nem há elementos de continuidade na coleta que propiciem isso, já que com cada sujeito foi feita apenas uma entrevista (com exceção dos sujeitos que participaram de um segundo encontro, em grupo, o que também seria insuficiente).

Unindo os discursos transcritos a partir das gravações às observações registradas no diário de campo, procura-se construir uma leitura a respeito de um

processo, de algo que está em movimento e que, portanto, não se pode fixar. A proposta é **captar como está sendo vivenciada a transição de ‘virar pai’, tendo em vista uma leitura prospectiva de para onde esse movimento aponta**, fundamentada pela perspectiva teórica adotada.

Embora focado nas **experiências dos sujeitos como indivíduos, ali compartilhadas, em relação ao novo papel em fase de aquisição**, o olhar não pode perder de vista que essas experiências se dão **num cenário de transformações sociais** de onde emergem inúmeras expectativas que recaem sobre eles. O contorno social, seja ele estruturado ou mutante, inevitavelmente participa do que o indivíduo espera de si mesmo como pai e, por fim, da composição da própria auto-imagem paterna em processo de elaboração.

Assim como a existência humana está sempre em processo, a leitura também está permanentemente construindo sentidos a partir da maneira como o fenômeno está sendo vivenciado e expresso. No caso, procura-se alcançar **o significado – ou significados – da paternidade hoje para o homem que está se tornando pai**. A partir de uma realidade compartilhada, inicia-se uma construção que é de muitos e que ocorre numa situação relacional: trata-se de uma **construção simbólica, que é sempre uma leitura de fenômenos intersubjetivos**. A construção simbólica não pretende decifrar o que é devir – o que seria um paradoxo –, mas fazer uma leitura não redutora.

O junguiano Samuels oferece uma preciosa contribuição nesse sentido quando se dirige às questões metodológicas, a partir da maneira como ele descreve sua abordagem e postura. **Enfatizando o papel da metáfora** na elucidação dos processos psicológicos, Samuels (1992) estabelece um modelo pluralista para o desenvolvimento da personalidade. Apresenta o **pluralismo** como “uma **abordagem**

do conflito que tenta reconciliar as diferenças, sem lhes impor uma falsa síntese e, sobretudo, sem perder de vista o valor particular e a verdade de cada elemento no conflito”. Assim, o pluralismo “busca manter unidade e diversidade em equilíbrio, assegurando que a diversidade não precisa ser base para um cisma” (p.11). Pode-se discorrer sobre as diferenças sem enveredar para as comparações, e sem forçar a síntese. Em suas palavras: “Nesse livro mostro como o pluralismo pode ser usado como instrumento para garantir que a diversidade não tem inevitavelmente de conduzir a rupturas” (SAMUELS, 1992, p.11).

O que me atrai particularmente nessa postura é a profunda sintonia entre forma e conteúdo, entre o modo de trabalhar e o referencial teórico adotado, pois o método é regido – em suas características básicas – pelo mesmo dinamismo de alteridade que está sendo observado e simultaneamente proposto como a etapa do desenvolvimento que vem favorecer as vivências associadas à paternidade, em função da forma como o arquétipo de pai vem sendo constelado atualmente, e das demandas internas dos próprios homens – a serviço da auto-regulação psíquica.

Nessa concepção dinâmica de pesquisa, **não há separação estanque entre coleta e interpretação**. O que ocorre, na realidade, é um entrelaçamento dos dois movimentos desde o início. Isso pode ser observado concretamente ao longo de uma entrevista aberta, como é o caso, onde não há um questionário pré-fixado, mas um roteiro que orienta, de maneira flexível, a conversa em direção a alguns temas. Sendo assim, a própria coleta fica sujeita a variações em função de como se compreende, no momento, o que é mais importante para aquele sujeito. É o que a antropóloga mexicana Elsie Rockwell (1986, p.50) chama de “**processo aberto e artesanal**”, onde observar e interpretar impulsionam um ao outro. Segundo ela,

o registro de campo não chega à objetividade, mas conduz à objetivação (ROCKWELL, 1982). Também a antropóloga Alba Zaluar (1986), em análise feita a partir de sua própria experiência em pesquisa de campo, demonstra que coleta e análise não são divididas de forma estanque. Claro que após a fase de coleta, que tem prazo pré-determinado para ser concluída, prossegue-se com a análise interpretativa, que não termina nem mesmo com o fim da dissertação. Isso significa assumir que a presente pesquisa não almeja chegar a conclusões definitivas.

Comportamentos, sentimentos ou temas que se manifestam com acentuada frequência não recebem qualquer tratamento numa perspectiva quantitativa, pois a natureza da pesquisa não permite a construção de formulações explicativas em termos numéricos passíveis de generalização, até porque não se propõe a isso.

Espera-se, contudo, alcançar uma **generalização analítica no plano do significado**, mas não estatística. Como diz Robert Yin (2002, p.29), estudos de caso são generalizáveis a proposições teóricas, mas não a populações ou universos, pois não representam uma “amostragem”. O objetivo desses estudos é expandir e generalizar teorias, fazer uma análise “generalizante” e não “particularizante”.

De outra maneira, Geertz (1989) também contribui para fundamentar essa prática, propondo o que ele chama de “descrição densa” (1989, p.15) a partir do que é “microscópico” (1989, p.31). Também ele prefere elucidar pequenos detalhes que estão embebidos de significação humana profunda, do que fazer grandes comparações. Assim como, para apresentar suas interpretações e teorias, prefere o ensaio como gênero aos tratados sistemáticos. Faz inclusive uma analogia com trabalhos em psicologia profunda, em especial a inferência clínica (GEERTZ, 1989, p.36), cujo objetivo é **tirar grandes conclusões a partir de pequenos fatos**,

densamente entrelaçados (1989, p.38). E ainda defende que assim ficam claras as conexões entre teoria e prática, entre as formulações teóricas e as interpretações descritivas. Vale lembrar que para ele, assim como para Rockwell, não há descrição puramente objetiva, preferindo chamá-las sempre de “ficções”, no sentido de “modeladas” (GEERTZ, 1989, p.25). De outra maneira, embora com o mesmo sentido, Rockwell (1982) afirma que a descrição é sempre uma construção: conceitua-se para poder observar. Encontramos a mesma posição muito antes em Malinowski (1986[1953]), quando define o autor como um cronista.

Voltando ao tratamento dos dados propriamente dito, a reincidência, assim como a dissonância entre os conteúdos expostos, são observadas tendo em conta a intensidade emocional ali mobilizada ou a conotação que sugerem, sempre em busca da aproximação do significado da experiência, contribuindo assim para a análise qualitativa. Embora não se trate de estudos de caso ou inferências clínicas, os exemplos dos autores acima são citados apenas como analogias que reforçam a possibilidade de se construir uma compreensão de fenômenos coletivos a partir de experiências singulares.

Algumas informações mais objetivas são também coletadas e organizadas de modo a se delinear um quadro coletivo a respeito do perfil dos sujeitos. Informações como faixa etária (pai jovem ou maduro; gravidez precoce ou tardia), classe social, nacionalidade, nível de instrução, ocupação profissional, estado civil, circunstância em que a gravidez ocorreu (planejada ou acidental, e no caso de desejada, se obtida com facilidade ou após tratamento) fazem parte da coleta propriamente dita, pois, quando relacionadas a outros conteúdos dos depoimentos, podem, em algumas circunstâncias, se tornar significativas e auxiliares na tarefa de compreender o significado da experiência ali exposta.

Quanto ao conteúdo das entrevistas de forma mais extensa, dentre os temas que se destacam como os mais abordados, apenas dois são selecionados para sobre eles se proceder a uma análise mais detida, como categorias. Cada sujeito é apresentado em suas características principais e através de algumas de suas falas, consideradas representativas dos dinamismos psicológicos por eles revelados e que, de alguma maneira, contribuam para a compreensão de **como se transforma a psique masculina à luz da experiência da paternidade.**

Finalmente, cabe reforçar que, dada a diferença de natureza dessa pesquisa em relação ao que se entende por 'estudo de caso', nada se pode ou mesmo interessa afirmar de maneira conclusiva sobre a individualidade dos sujeitos que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. A leitura interpretativa, que conta com o recurso do olhar clínico, está a serviço de uma maior compreensão de dinâmicas do coletivo de que são porta-vozes os sujeitos, e não a serviço de qualquer interpretação psicológica individual. Além do anonimato que já os protege, estão assim também individualmente protegidos de qualquer apreciação generalizante que este estudo se arrisca a fazer, na forma de sugestão.

5. RESULTADOS

a) Caracterização dos sujeitos: perfil coletivo

Os 12 sujeitos entrevistados atenderam ao pré-requisito de estar se tornando pai pela primeira vez, seja na condição de quem acompanha a gestação de sua companheira, seja convivendo com o seu primeiro(a) filho(a) durante o primeiro ano de vida. Este largo período, que antecede e sucede ao nascimento da criança, está sendo considerado como uma etapa da vida em que se processam tanto as transformações relacionadas com a adaptação aos novos papéis e a maneira de incorporá-los, quanto as elaborações pessoais mais profundas que interferem na auto-imagem do homem, **podendo este processo como um todo constituir-se em um movimento de reconfiguração da identidade.**

Meu contato com os sujeitos originou-se de fontes diversas, como já foi mencionado no capítulo sobre pesquisa de campo. Sendo todos eles desconhecidos por mim até o momento da entrevista, foram-me indicados em sua maioria por profissionais que trabalham com gestantes: uma ginecologista-obstetra (quatro sujeitos), uma fisioterapeuta que desenvolve trabalho corporal durante a gravidez (três sujeitos), e uma psicóloga que faz um trabalho de grupo vivencial e informativo com mulheres nessas condições (dois sujeitos). As três profissionais costumam ter algum contato com os maridos, quando eles acompanham, pontual ou regularmente o trabalho. Duas destas profissionais optaram por consultá-los previamente, só me passando seus nomes e telefones após eles manifestarem sua disposição para participar da pesquisa. Os critérios de indicação foram diversos e alguns, honestamente, me escapam. Mais de uma vez ouvi os seguintes comentários

dessas colaboradoras, tendo sido meu contato com elas preponderantemente telefônico: *“Este pai é muito legal, você vai ver”*. Ou: *“Ele está muito envolvido, é uma pessoa muito disponível”*. Ou ainda: *“Acho que vai ser interessante pela diferença de idade entre o casal”*. Ou pode não ter havido critérios, estes seriam simplesmente os pais que aceitaram.

A outra profissional preferiu me convidar a estar presente antes do início de um grupo de gestantes, para que eu mesma apresentasse a pesquisa. Sendo assim, eu teria que primeiro ser aceita pelas mães, que então transmitiriam a proposta aos maridos. Os que se interessaram me enviaram seus telefones. Houve, finalmente, por parte de pessoas conhecidas que estavam acompanhando a confecção da pesquisa, a indicação de três pessoas de suas redes de conhecimento – mas não da minha – na condição de pais de primeira viagem.

Através de contato telefônico com os homens que se dispuseram a participar da pesquisa, foram facilmente agendadas as entrevistas individuais, sendo quase todas no período de uma semana. Devo admitir que me causou estranhamento, depois de ter ouvido outros tantos profissionais que trabalham com essa população enfatizarem a pouca ou até total falta de disponibilidade dos homens em geral. Havia anteriormente colecionado comentários e informações como:

“O marido não vai ao hospital nem para assinar o termo de consentimento para as esposas que querem amarrar as trompas”;

“Eles não se interessam pelos cursinhos preparatórios para o parto ou puericultura, só as mulheres estão envolvidas”; *“Marido só quer pagar a conta e olhe lá!”*

Vale lembrar, no entanto, que essas afirmações foram feitas no contexto da rede de saúde pública, a partir de onde eu intencionava obter os sujeitos inicialmente. E que as circunstâncias conduziram finalmente ao acesso a uma população de classe média-alta, sendo todos com nível universitário, perfil tão diferente do imaginado por mim inicialmente.

Entretanto, a condição sócio-econômica, por si só, não me parece ser um fator suficiente para justificar tal distinção na disponibilidade dos homens em participar de uma pesquisa sobre paternidade. Posso até considerar a diferença de autonomia para administrar os próprios horários como um dado objetivo, já que muitos dos entrevistados são profissionais autônomos. Ainda assim, interferiria na viabilidade, e não no desejo. Não tenho elementos para especular sobre o fato da diversidade cultural entre classes sociais ser responsável pela possível diferença de disponibilidade.

O que interessa, de fato, comentar desde já a respeito desse primeiro contato é sobre a **vontade manifesta de participar da entrevista**, como se não estivessem apenas me fazendo um favor. Mesmo que eu não tenha qualquer comentário conclusivo a fazer sobre isso, foi um dado já coletado ao telefone e que, certamente, fez alguma diferença na maneira como a entrevista transcorreu. Havia alguma motivação por parte desses novos pais em participar da conversa sobre paternidade, não posso afirmar se por mera curiosidade, se pela oportunidade de falarem da sua experiência para alguém, ou se para ouvirem a si mesmos. O fato é que duas ou três vezes ouvi comentários: *“Até que enfim alguém se interessou pela gente”*, *“Alguém pensou na gente”*. Um deles inclusive disse que até se queixara com a obstetra:

“Você pede tantos exames pra minha mulher, e nenhum pra mim? Nem sequer um exame de sangue?!”

É possível que o suposto desinteresse de um pai, a suposta ou concreta falta de disponibilidade observada por tantos profissionais, mais do que preconceito, reflita também a forma como o próprio pai interpreta o convite que recebe para participar: é chamado para compreender melhor o que se passa com a mulher e com o bebê, e para ajudá-los, já que ambos vão precisar muito dele. É um fato. Mas me parece que pesa na balança – e na emotividade do pai, reverberando em sua capacidade para a generosidade, ou seu ressentimento e defesas – a regular, para não dizer sistemática omissão quanto à percepção, por parte dos que lhe pedem colaboração, das necessidades do próprio pai, que está também vivendo profundas transformações em si mesmo, ainda que não sejam visíveis em seu corpo. Ao ser visto apenas como o ‘companheiro’ da grávida, forte e provedor, e não sendo levados em conta seus aspectos humanos e subjetivos, recua do que identifica como cobranças.

Estas são apenas algumas especulações iniciais, mas seja como for, deve-se ter claro que estamos já tocando num ponto bem complexo, que leva a um impasse, porque se sabe, como demonstram alguns autores citados nos primeiros capítulos, que não é nada simples para o homem, em geral, admitir que tem dificuldades e que precisa de ajuda. Quando estivermos trabalhando com o material coletado de forma mais extensa, voltaremos ao tema.

Algumas categorias mais objetivas podem ajudar na caracterização do perfil coletivo deste grupo de pais. Com relação à **faixa etária**, a idade média dos pais é de 35 anos, sendo que se encontram dois na casa dos 20 anos, sete na casa dos 30

e três na casa dos 40. De um modo geral não se verificou grande disparidade de idade entre os parceiros, apenas com duas exceções, sendo em um caso o homem e no outro a mulher mais de 10 anos mais velhos. A faixa etária das mães não é significativa para o nosso estudo, mas o dado foi também coletado, apenas para compor o quadro. Aliás, só depois de coletado, podemos saber se ele é ou não importante. A idade média das mães é de 32 anos, sendo que a maioria (oito) se encontra nessa casa. Apenas uma delas tem mais de 40 anos e as outras três estão na faixa dos 20.

Todos os casais moram juntos e a esta condição me refiro como ‘casados’. Todos os **relacionamentos** podem ser chamados de duradouros, incluindo o período de namoro, com duração variando de 19 anos até os dois relacionamentos que coincidem com os dois pais mais jovens, cujas relações não chegam a dois anos. Como veremos mais adiante, estes foram os dois únicos casos em que a gravidez ocorreu acidentalmente, durante o namoro, com implicações distintas, embora nos dois casos assumidas. A duração média dos relacionamentos é de sete anos.

Uma casualidade foi o equilíbrio no resultado que diz respeito ao momento de transição “virar pai”, pois seis deles estavam acompanhando a gravidez, e os outros seis estavam já com o bebê em casa, todos com menos de um ano de idade. Esta foi uma coincidência interessante para a coleta, pois garantiu a diversidade com relação às etapas do processo. A idade gestacional e a dos filhos são bem variadas e de menor importância em cada caso específico.

A **nacionalidade** dos sujeitos é quase na sua totalidade brasileira, sendo que apenas dois nasceram no exterior, mas cresceram no Brasil. Um levantamento geral sobre a ascendência revelou uma diversidade que não difere da que encontramos

entre os moradores de São Paulo: italiana, portuguesa, judeus, mineiros, nordestinos, e também a presença pontual da Rússia, Estados Unidos, França, a marca germânica, romena, e do leste europeu. Nada a elaborar a partir disso, apenas uma maneira de situá-los como sujeitos concretos com suas histórias e culturas díspares. Numa pesquisa muito mais extensa, este dado poderia ser levado em conta, com a observação aberta para se captar marcas culturais que viessem a se revelar significativas na definição do papel de pai. A julgar pela importância atribuída pelos sujeitos às famílias de origem, somadas às impressões deixadas sobre a forma como nasce dentro de cada sujeito um modo peculiar de ser e sentir-se pai, mesmo sem ter tido a oportunidade de aprofundar sobre isso, deixo aberta, uma sugestão para que novas pesquisas sejam feitas, dentro mesmo da abordagem junguiana, com vistas a levantar uma possível diversidade de constelações do arquétipo paterno em função da herança cultural.

Uma informação interessante na construção do perfil do grupo é o **grau de instrução**, acompanhado da **formação e prática profissionais**. Como já fora mencionado, todos têm formação universitária, sendo que apenas dois não concluíram a faculdade, não por acaso os dois mais jovens. Não há, entretanto, associação direta entre o abandono dos cursos e a gravidez. Outro equilíbrio colhido ao acaso está na distribuição entre as áreas profissionais: enquanto seis se concentram na área empresarial, onde prevalece a formação em engenharia, mas também em direito, economia e marketing, muitos deles com foco em administração, a outra metade dos sujeitos se distribui nas áreas humanas e artísticas: música, literatura, cinema, vídeo, TV, fotografia, dança e circo.

As **circunstâncias em que a gestação ocorreu** trouxeram uma diversidade de informações interessantes, especialmente por revelarem dinamismos psíquicos presentes tanto no relacionamento do casal, quanto relativos ao universo das emoções do próprio homem. Por conta de tantas nuances, não é tão simples, neste caso, trabalhar com os dados dentro desta perspectiva de traçar um perfil coletivo. Ainda assim vale um esforço, e os aspectos que não forem contemplados neste item poderão ser retomados na análise das entrevistas.

Quando foi perguntado se era a primeira vez que engravidavam alguém, apenas dois sujeitos narraram situações antigas de gravidez indesejada, seguida de aborto, tendo ocorrido as duas em relacionamentos anteriores: uma num namoro adolescente, e, no outro caso, num casamento anterior onde a mulher era radicalmente contra a idéia de ter filho, postura com a qual ele acabou se afinando e, segundo ele, radicalizando ainda mais. Só que neste caso, por razões por mim desconhecidas, mas no mínimo intrigantes, foram feitos inúmeros abortos. No caso do namoro adolescente, o pai fez questão de ressaltar que seus valores na época eram muito diferentes, e que não seria nada simples hoje tomar a mesma decisão da forma “leve” como ocorrera, fazendo inclusive autocrítica ao utilizar palavras como “egoísta” e “irresponsável”. Aprofundando um pouco mais, acabou admitindo que na época o episódio o marcou bastante, mas que se viu muito mais afetado por este fato antigo num passado recente, quando, já no relacionamento atual, esteve acompanhando o difícil e longo processo de tratamento por que passara a esposa, que não conseguia engravidar. Concluiu que esta vivência o levou a ressignificar o aborto que optara por fazer no passado.

Ainda com relação à pergunta sobre a primeira vez, em dois casos aquela era a segunda gravidez com a mesma mulher, já que na primeira ocorrera perda

involuntária. Um dos pais da primeira dupla (que fez aborto) coincide com a da segunda (perda espontânea), portanto para os nove pais restantes, aquela era efetivamente a primeira vez que engravidavam alguém.

Estes dois casos de perda dentro do casamento foram bastante distintos entre si, porque uma gravidez era desejada pelos dois e fora de fato buscada, enquanto a outra foi considerada acidente pelo pai que acusava a mulher de *“marcação dela”*. O desejo não era compartilhado inicialmente, sendo assumido apenas pela mulher. O episódio gerou uma crise no casal, que se separou. Mas o pai, segundo seu próprio depoimento, sofrera uma profunda transformação que o levou a buscar a mulher novamente e a assumir o filho. Sendo assim, quando ocorreu a interrupção no terceiro mês, esta foi sentida por ambos como uma perda. Depois disso, se dispuseram juntos a ter filho, de modo que quando veio a segunda gravidez, esta já foi compartilhada.

Ainda sobre o primeiro caso, o pai fez um comentário que me chamou atenção: como a gravidez havia sido conseguida tão logo combinaram entre si que estava chegando a hora de terem um filho, em meio à euforia com a conquista, permanecia no pai um sentimento de precipitação quase inconsciente (não admitido na época). Com a perda, depois da tristeza veio o planejamento e perceberam que faltava preparo, até em aspectos práticos, como plano de saúde, mas não só. Refizeram escolhas sobre a forma de compartilhar com a família para preservarem mais a privacidade do casal e, no fim das contas, o pai avaliou este adiamento como uma oportunidade de amadurecimento. A segunda gravidez veio, segundo ele, *“com muita emoção, mas com mais tranquilidade”*.

Dentre os outros nove casos, duas gestações ocorreram acidentalmente, durante um namoro. Também aqui as duas situações são bastante distintas, por que

em uma delas o casal já estava planejando conceber um filho no ano seguinte, logo após se casarem. Então, embora a gravidez tenha sido uma surpresa, este já era um fato muito desejado, pelo menos sob a forma de tema sobre o qual costumavam conversar. Assim, apesar do susto imenso que, segundo ele, *“levou nove meses para ser digerido”*, houve concomitantemente uma aceitação imediata de sua parte, com grande alegria e envolvimento. Tanto que ele preferiu nomear a gravidez como *“antecipação”* do que como *“acidente”*. Porque *“só não estava no nosso cronograma, mas era um desejo total! E a gente abraçou”*.

No outro caso, era um início de namoro, sendo ele bem jovem, e ela quase 12 anos mais velha que ele. Não havia intenção de ter filho, nem mesmo para o futuro, não se falava sobre isso. Portanto, a atitude do pai diante do fato consumado é, segundo ele, *“uma questão de conformação mesmo, porque é uma coisa que você não tem como reverter, quer dizer, até teria, mas eu não sou de acordo”*. Comenta que estava viajando a trabalho quando recebeu a notícia:

“Essa semaninha que eu passei sozinho foi crucial para eu chegar aqui e não falar besteira. Foi o tempo que tive para poder me acostumar de fato com a idéia, com o choque... Depois veio a curiosidade, e também o envolvimento”.

Ainda dentre os nove pais que engravidaram pela primeira vez, cinco conseguiram a gravidez muito rapidamente, na primeira ou segunda tentativas, o que em alguns casos gerou uma certa surpresa e a sensação de terem sido pegos desprevenidos. Outros três pais, incluindo dois de primeira viagem e um que já fizera aborto, enfrentaram a difícil e prolongada espera em meio a exames e tratamentos,

alguns bastante sofridos. E finalmente houve ainda dois casos, um em sua segunda tentativa e outro depois de já ter engravidado várias vezes, que passaram pela espera de pouco mais de seis meses até obter a gravidez desejada.

Foi possível observar não há situação ideal, pois a presteza em se conseguir o que deseja pode deixar o pai feliz, mas também desconcertado. Se por um lado há a escolha consciente e racional, compartilhada com a companheira, seguida até do gesto da interrupção do uso de anticoncepcionais, muitas vezes o homem não se sente ainda completamente pronto para 'casar com a idéia de virar pai', com a qual estava ainda apenas 'namorando'. No outro extremo temos a insegurança e a ansiedade geradas por uma espera prolongada, a produzir as incontroláveis fantasias em torno de ter filhos com problemas ou mesmo a fantasia da infertilidade. Isso sem contar os casos de ameaça real, onde a possível infertilidade está sendo driblada por tratamentos, em geral, nada suaves e repletos de conseqüências, tanto físicas quanto emocionais.

Apresento de maneira mais clara, em termos numéricos, essas informações, organizadas numa pequena tabela.

1ª Gest.	2ª Gest.	Várias Gest.	Desejada	Sem Planos	Acidental	1ª ou 2ª tentativa	Mais de 6 meses	Tratamento
9	2	1	11	1	2	5	2	3

Para finalizar, apenas alguns breves comentários com relação a um último item: a **motivação para ter filho, ou para ser pai** (o que ganha distintas conotações, segundo vários depoimentos). O tema será desenvolvido na análise de cada sujeito, mas há um aspecto que merece destaque no plano coletivo. Diz

respeito a desde quando eles identificaram em si essa vontade. Surpreendi-me com o fato de que muitos deles já pensavam nisso desde muito cedo, alguns mesmo quando crianças já se viam como pais no futuro, e outros, de maneira muito forte, passaram a pensar nisso desde a primeira namorada. Por conta da nossa cultura, costumamos enxergar com mais clareza o desejo das meninas, já que elas brincam de casinha, mãe e filho etc, o papel de mãe sendo treinado desde cedo. Essa é uma informação que, tomada de maneira global, merece atenção porque pode já apontar para algumas das mudanças que se pretende observar na maneira de se configurar hoje a vivência da paternidade. No entanto, gera perguntas: será esta efetivamente uma novidade na vivência dos homens-rapazes-meninos? Ou estará o novo apenas no fato desse desejo estar podendo ser reconhecido, assumido e expresso?

b) ENTREVISTAS: principais temas.

Foram realizadas 12 entrevistas semi-dirigidas com duração média de uma hora, tendo sido 11 gravadas em fita K-7 e integralmente transcritas, e apenas uma registrada por escrito durante a conversa, por escolha do próprio sujeito que, logo no início, manifestou que preferia que não fosse gravado. Apresentei como alternativa o registro simultâneo por escrito, implicando numa duração de tempo um pouco maior para a entrevista, o que foi aceito.

A grande maioria das entrevistas foi realizada em meu consultório, tendo havido exceção em dois casos. Em um deles o sujeito se encontrava com problema físico para locomover-se, passando por uma séria crise de hérnia de disco e já há 15 dias trabalhando em sua residência, sem perspectiva de prazo para sua recuperação. Sua disponibilidade para participar da pesquisa, aliada às condições de privacidade necessárias para a entrevista que seu ambiente oferecia, sem a interferência de terceiros, me fizeram optar pela exceção. Mas nem tudo pode ser controlado, e como a entrevista acabou sendo mais longa, por não ter sido gravada, antes de se encerrar, sua esposa chegou do trabalho e acabou participando do final. Esta circunstância está descrita no registro e será comentada no momento oportuno da análise da entrevista.

No segundo caso, o sujeito não podia deixar o seu local de trabalho, mas insistiu na disponibilidade para conceder a entrevista, garantindo uma sala com privacidade. Algum interesse pesou no meu aceite, pois este sujeito diferenciava-se dos demais por ser bem mais jovem que todos os outros, oportunidade que eu não quis perder. Em ambas as situações, avaliei que a diferença de circunstância não interferiu significativamente.

Em todos os casos o roteiro da entrevista foi o norteador da conversa, mas por se tratar de uma entrevista aberta, a ordem dos temas sofreu constantes alterações, em função de adaptações que foram sendo feitas no fluxo das conversas. A espontaneidade dos depoimentos foi decisiva na definição dos distintos rumos que tomaram, embora sempre balizados pelas questões previamente eleitas. Em diversas situações, o sujeito antecipava algum tema que seria abordado mais adiante, e nesses casos eu preferia explorá-los imediatamente, aproveitando sua motivação.

De qualquer forma, a essência do roteiro foi preservada, sendo ele composto muito mais de temas do que de perguntas. Isto me permitiu, em cada situação, ir desdobrando-os em duas ou três perguntas quando necessário, em função do que era exposto ou omitido. Alguns assuntos foram espontaneamente incluídos por eles, o que foi muito rico, uma vez que o meu objetivo era acolher as diferentes manifestações da paternidade, tal como está se dando hoje, muito mais do que confirmar hipóteses.

De um modo geral, a disponibilidade encontrada foi surpreendente em relação à minha expectativa. É certo que só recebi o telefone daqueles que já tinham sido previamente contatados e se mostrado dispostos a participar da pesquisa. Mesmo assim, chamou a atenção o fato de não ter encontrado qualquer empecilho de ordem prática, como limites de horário por motivo de trabalho. Assim também o interesse com que de fato participaram da entrevista: em diversos casos eu tive a oportunidade de fazer apenas poucas perguntas porque, ao expor o tema, dispunham-se a falar longamente, contando histórias do passado e do presente, inclusive espontaneamente desdobrando suas falas de um tema para outro, poupando-me de apresentar os novos temas. Fica assim evidente por que a ordem

do roteiro não foi respeitada. Em várias situações, eles pareciam realmente estar gostando da oportunidade de falar da própria experiência.

Essa observação não se harmoniza com os já mencionados comentários ouvidos a partir de vários profissionais na área de saúde. Retomo a já anunciada hipótese de que nas situações presenciadas por esses profissionais, o foco de interesse dos mesmos está invariavelmente na gestante e no bebê, sendo o homem solicitado a participar sempre como um 'ajudante', e não como alguém que está se iniciando na experiência, que desperta interesse ou, muito menos, cuidados. Retomo também, paradoxalmente, a já citada suposição de que, considerando traços da nossa cultura patriarcal e mesmo machista, a maioria dos homens não gostaria de ser identificado com uma pessoa inexperiente e que precisa de ajuda ou orientação. Mas ressalto que essa atitude que resiste a assumir as fragilidades, mesmo sendo coletiva, não nos permite inferir que não exista a carência: de cuidados, de orientação ou, simplesmente, de serem ouvidos e humanamente percebidos. Alguns homens manifestaram surpresa pelo fato da figura deles ter despertado interesse e ser objeto de pesquisa. Era uma surpresa boa, visivelmente gerava prazer, o que sugere estar suprimindo uma falta.

Os principais temas que se destacaram no conjunto das entrevistas e que mais mobilizaram os depoimentos foram:

- **Desejo de ser pai.** Histórico: desde quando identificou em si a motivação para ter filho / ser pai, e como esse desejo foi se transformando ao longo do tempo. Houve oportunidades de treino / ensaio / preparação para o novo papel? A natureza e o sentido dessa motivação atual.

- **Modelos de pai.** Família de origem: o próprio pai, ou outras referências. Relação com o pai. Como esses modelos se fazem presente na maneira de construir a própria identidade paterna, seja em seus aspectos positivos, ou naqueles a serem evitados.
- **Expectativas:** confronto entre as externas (da sociedade) e as próprias.
Ao me tornar pai, o que esperam de mim? Definição de papéis.
E o que eu espero de mim como pai? Desejos, fantasias, projetos.
- **A vivência da paternidade** propriamente dita: frente à notícia da gravidez; no momento do nascimento; na convivência com o filho.
Desafios enfrentados: temores, dificuldades, apreensões. Emoções, prazeres.
- **Mudanças a partir da paternidade:** desdobramentos mais importantes na relação com o trabalho; no relacionamento conjugal.
- Análises sociais, reflexões críticas sobre o papel do pai na sociedade. Tema não previsto no roteiro – comentários mais amplos, temas do coletivo, valores e posturas (ocasionais, para alguns sujeitos; de maior peso para outros).

A análise se concentra nos dois primeiros temas, em torno dos quais os depoimentos são apresentados, de forma seletiva.

c) GRUPO: Temas principais

Proponho-me aqui a descrever como foram feitos os contatos para a formação do grupo, as dificuldades encontradas, o agendamento de dois grupos e a realização de um só.

No final das entrevistas individuais, todos foram informados da possibilidade de serem convidados a participar de um segundo encontro, dessa vez em grupo, e todos se colocaram em princípio disponíveis, sendo que apenas um fez a seguinte objeção: *“só se for uma única vez”*. Um pai mostrou-se particularmente interessado e inclusive defendeu a idéia, dizendo que seria muito rico para ele também, porque *“às vezes não me expresso bem e, pela fala do outro, acabo tendo mais clareza com relação ao que eu queria dizer, aos meus próprios pensamentos e sentimentos”*.

Aproximadamente dois meses depois, retomei o contato com os 12 sujeitos, reapresentando a proposta desse novo encontro, em grupo, e já com a oferta de alguns horários alternativos. Não consegui falar com apenas um deles, para quem deixei dois recados, mas não houve retorno. Três sujeitos se colocaram indisponíveis no momento por motivos de trabalho, mas anunciaram que se houvesse uma nova oportunidade seria possível participar, e que eu entrasse em contato. Os oito sujeitos disponíveis chegaram a oferecer alternativas de horário, mas conciliar não era uma tarefa fácil. Consegui marcar encontro com um grupo de quatro sujeitos, dos quais compareceram três, sendo que o que faltou telefonou dois dias depois se desculpando e reiterando a disponibilidade, caso organizasse outro grupo.

Contei com a ajuda de uma auxiliar de pesquisa que permaneceu ouvindo, observando e registrando. No final, trocamos impressões e ela me passou seu

registro, mas pondero que o seu papel e sua colaboração como observador auxiliar seriam mais significativos no caso de um grupo maior, quando é mais provável que várias dinâmicas ocorram ao mesmo tempo. No caso, o grupo foi super organizado e mesmo contido na sua forma de participação, principalmente no começo, quando os membros combinaram espontaneamente entre eles uma ordem onde se revezavam: *“quem começa dessa vez?”* Mesmo assim foi interessante ter com quem compartilhar impressões em torno das dinâmicas ocorridas, pois as observações foram complementares, trazendo mais segurança para o trabalho de análise, em grande parte de natureza tão solitária.

O encontro durou uma hora e meia, conforme o previsto. A dinâmica do grupo, no entanto, foi bem diferente do que eu imaginara. Minha intenção era propiciar uma situação onde se desenrolasse um debate entre aqueles homens, mas revelou-se ingênua. Durante a primeira parte do encontro não houve quase debate, apenas cada um respondia à sua vez. Alguns se expuseram mais, outros bem menos do que na entrevista individual, onde, a meu ver, o aparecimento dos ‘pontos fracos’ era menos ameaçador. Compreendi que também são material de análise: as defesas masculinas, as dificuldades para admitir fragilidade principalmente frente a outros homens, a necessidade de dar conta de si e não precisar de ajuda.

Como vários dos pais que não vieram tinham alegado problema com o horário estabelecido e se ‘declararam disponíveis’, tentei agendar um segundo grupo. Neste segundo turno, cinco se colocaram em princípio disponíveis, a depender do horário. Na hora de viabilizar, só foi possível marcar um encontro que conciliasse a presença de três deles. Mas, surpreendentemente, o que ocorreu foi que na hora nenhum apareceu e nem avisou. Não há como negar a decepção, a espera me fazia refletir

sobre todas as possibilidades de falha na proposta. De qualquer forma, havia garantido no roteiro da entrevista individual as informações que julgara mais relevantes, deixando para o grupo a oportunidade de observá-los em sua dinâmica de comunicação, até porque eu não sabia se eles iriam voltar.

Comparando-se a disponibilidade inicial para as entrevistas com esse segundo momento, verifica-se que os compromissos profissionais se tornaram, oficialmente, o empecilho para a participação no grupo. Mas é possível supor que outros fatores tenham participado dessa dificuldade. O discurso de disponibilidade era o mesmo, mas não a atitude concreta: ninguém afirmou não querer participar, apenas alegavam dificuldades de horário, enquanto eram gentis em me estimular a tentar novas alternativas. Diante disso, levanto algumas hipóteses. A primeira, mais objetiva, é a de que é certamente mais fácil agendar uma entrevista do que um grupo, devido à necessidade conciliar os horários de várias pessoas. Mas esse argumento me parece insuficiente. Outro ponto a ser considerado me leva a uma afirmação mais delicada de ser feita, porque depende de uma percepção mais sutil: a própria disponibilidade declarada por telefone me pareceu mais formal. Mesmo com cuidado, é um dado a ser considerado, por ter sido registrado no diário de campo como uma percepção na época. Uma hipótese é a de que, se fizera parte da motivação inicial e da facilidade para viabilizar as entrevistas uma certa dose de curiosidade, esta já estaria saciada.

Outro aspecto que não pode ser ignorado é a diferença de qualidade entre uma relação estabelecida numa entrevista e num grupo. Enquanto a situação individual focaliza a atenção no sujeito e favorece, pela privacidade, pelo menos em tese, confiança para se expor – como de fato ocorreu nas entrevistas –, na situação grupal há um elemento bastante incontrolável: os outros. Esse coletivo pode

mobilizar comportamentos-padrão presentes no universo masculino da nossa cultura, já tão descritos nos primeiros capítulos: há uma expectativa social de desempenho fomentada pela socialização masculina que, freqüentemente, leva os homens a compararem-se uns com os outros, e mesmo a competirem entre si, gerando assim pouca ou nenhuma disponibilidade para revelar fragilidades. Nesse contexto, o encontro grupal se tornaria muito desinteressante.

Esse aspecto pode ajudar a compreender, mais do que a ausência da maioria, também a forma como o encontro do grupo se desenrolou: todos muito cordiais, mas visivelmente menos dispostos à exposição de intimidades do que nas entrevistas. Mas essa afirmação não pode ser generalizada, pois houve uma participação diferenciada entre os elementos do grupo, principalmente depois de passada uma fase de aquecimento, quando foram ficando gradativamente mais à vontade e a participação foi crescendo. No final, mostraram-se animados para compartilhar especialmente fatos relativos aos filhos (assunto externo ao roteiro).

Finalmente, há ainda uma alternativa a ser considerada e que não pode ser testada: a de que poderia haver menor disponibilidade ou maior resistência para se marcar um segundo encontro, independente deste ser em grupo ou individual, como uma reação à mobilização ocorrida a partir da entrevista – que em alguns casos foi intensa e, em nenhum deles indiferente.

O encontro foi, mesmo com os limites, uma situação rica que propiciou a retomada de alguns temas, a inserção de novos, com a oportunidade de se obter novas informações e, principalmente, um retorno sobre a experiência de ter participado da entrevista inicial.

Abordaram diversos temas como amadurecimento do homem, signos de masculinidade, mudanças na sexualidade, afetividade e sensibilidade intensificadas, prazer com a intimidade, todos em relação à paternidade. Mas vou deter-me, no momento, em dois temas que marcaram o início e o fechamento do encontro, com o intuito de confrontá-los.

Diante da pergunta inicial de como havia sido para cada um deles ter participado da entrevista, referiram-se àquela experiência como:

“... uma oportunidade super interessante, achei legal, acho que é a chance de contar e ordenar a própria história, como um texto autobiográfico. De repente você dá aquela parada e recupera uma porção de coisas que você passou, num momento em que tudo muda...” Carlos.

“... importante porque nem sempre conseguimos falar tão abertamente”, e a situação “permitiu introspecção e reflexão sobre o real significado disso que estamos vivendo”. Murilo.

O terceiro participante contou que fora estimulante a ponto de tê-lo feito retomar o hábito de escrever um diário sobre a sua vida com a filha, prática interrompida desde quando aquele diário tinha sido roubado numa viagem. Falar o fez retomar o gosto por contar a própria história. E agora havia um desafio a mais de recuperar o perdido, transformando-o também em um “*diário meio retroativo*”:

“Quando minha filha nasceu, eu tinha começado a escrever um diário, tudo que ela ia fazendo a cada dia, e acabava escrevendo aquilo que

eu estava pensando, que eu estava sentindo... Esse diário foi roubado... Fiquei muito chateado... pois já tinha escrito lá umas cento e poucas páginas, daí eu fiquei meio puto da vida e parei. Depois que eu fiz a entrevista eu continuei, quer dizer, comecei de novo, estou fazendo um diário meio retroativo... Eu fico imaginando ela daqui a vinte anos lendo esse negócio, ela provavelmente vai perguntar: em que momento da vida vocês estavam quando eu nasci?” Fernando.

Essas respostas, entretanto, contrastaram com a maioria dos comentários finais, onde emitiam suas opiniões sobre o interesse e a importância de se criar serviços destinados aos homens que se tornam pai, a serem oferecidos na forma de atendimentos, grupos de informação ou para se compartilhar experiências comuns. A idéia de um espaço voltado para as necessidades do homem de um modo geral não foi bem aceita, o que soou realmente como um paradoxo, uma vez que haviam se referido à entrevista como uma experiência pessoal muito positiva. Contudo, vale ressaltar que não vieram em busca de um serviço, pelo contrário, vieram como voluntários participar de uma pesquisa. Tirar um bom proveito da experiência não é suficiente para caracterizá-los como necessitados de um serviço. Creio que este tenha sido o ponto decisivo. Vejamos seus argumentos:

“Não senti falta desse lugar, isso é mais importante para a mulher... O homem gosta de vencer desafios, encontrar os próprios caminhos, por exemplo, quando está perdido numa cidade, enquanto a mulher já quer perguntar em cada esquina”. Murilo.

Em seus argumentos, generaliza como uma característica masculina *“gostar de se arriscar e de descobrir sozinho”*. Outra fala surge na mesma direção, embora com argumentos diferentes:

“A experiência é muito maior do que um curso, um texto”, alegando que cada um “tem que desenvolver a própria intuição... Cada situação é tão única que você precisa muitas vezes botar o seu instinto na frente ali, porque não há bibliografia, não há teoria que possa dar conta”. Carlos.

Essas posições só foram relativizadas pelo terceiro comentário: *“Pra mim não faria sentido, mas pensando socialmente, talvez fosse interessante para pais de outras classes sociais”*. Também considerou que talvez para pais mais jovens fosse proveitoso. O comentário que realmente se diferenciou dos anteriores foi feito por esse mesmo sujeito a respeito da expectativa social que recai sobre o homem: *“Espera-se que o homem, mesmo sem saber o que fazer, finja saber – Seja homem, você tem que saber! – pois não é permitido ao homem ser frágil. E buscar ajuda revelaria sua ignorância e fragilidade”*. Esse mesmo pai, em outro momento fez a sugestão de que deveria haver informações sobre paternidade e sexualidade no Ensino Médio, alegando que *“muita gente vira pai antes de atingir a maturidade”*, só que *“na hora, a procura não seria grande”*.

Finalmente, os três pais se queixaram, cada um à sua maneira, das informações contraditórias que se obtém de diferentes fontes, assim como também *“das coisas que não são ditas”* e que os surpreendem no meio das situações. Este comentário, tendo sido compartilhado pelos três como um consenso, baseado nas próprias experiências e na falta que fez algumas informações, torna, no fim das

contas, a mensagem geral de que não seria útil oferecer serviços aos homens ainda mais paradoxal e surpreendente, constituindo-se em um desafio a ser melhor compreendido, mesmo que já diante de um possível caminho explicativo, através dos argumentos expostos a respeito da “*necessidade do homem ser auto-suficiente*”.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Há um depoimento que obtive na fase preliminar à coleta de dados, quando ouvi, a título de aquecimento, alguns homens que haviam se tornado pai recentemente, mesmo não sendo aquela obrigatoriamente a primeira vez. Reproduzo aqui a fala de um jovem pai de duas crianças pequenas (uma com três meses e outra com dois anos) que expressa de uma forma simples e direta, suas dificuldades e mesmo perplexidade diante de um conjunto de contradições a que se vê exposto e que vivencia como um impasse. Ele diz:

*“Minha mulher diz que não quer de mim um pai como foi o pai dela, durão; ela **quer um cara sensível, afetivo, que cuide junto**, sentimental como ela. Mas na hora dos problemas **ela quer que eu seja o mais forte**, que tome as decisões, que bote o limite – e ainda (é claro!) que eu seja o provedor, já que prá ela, com criança pequena, fica difícil trabalhar”.*

Ele falava em tripla – e não em dupla – jornada de trabalho, porque tinha o emprego propriamente dito, tinha que dividir as tarefas da casa e os cuidados com as crianças e tinha, finalmente, que cuidar da mulher que, afinal, esperava dele uma fonte de atenção e carinho, como um alimento para equilibrar-se e dar conta de ser doadora durante o dia todo com os filhos. Com a agravante que ela, segundo ele, se encontrava também angustiada por ter tido que se afastar de seu trabalho, o que ainda **tornava o marido-pai objeto de inveja**, já que ele podia sair de casa, ir para o mundo, trabalhar, e ela não! Com suas palavras: *“Eu estou acabado e ela me inveja!”*

Esse depoimento me motivou muito para a pesquisa e me ajudou a formatá-la, confirmando minha impressão de que **não temos a prática de ver e ouvir os homens em seu mundo interno – o que eles sentem?** –, até porque eles mesmos estão mais acostumados a ‘emitir opiniões’ do que a compartilhar suas vivências e revelar o que de fato sentem.

Sobre esse *ethos* masculino característico do padrão patriarcal, Seidler (2000) desenvolve uma reflexão onde demonstra **os paradoxos dessa opção pela ‘imparcialidade’ como signo de ‘homem respeitável e responsável, que tem controle sobre suas emoções’**. Contrapõe a isso a idéia de que respeitar o ser humano é considerá-lo em seus sentimentos, e não omitir sua personalidade (p.167-170). O jovem citado encontra-se diante desse dilema: ser sensível e afetivo, mas também ser o mais forte e assertivo: integração desejável, mas não favorecida pela socialização.

Também Lyra (1998) e Medrado (1998) fazem referência às dificuldades encontradas para se efetivar na prática e no interior das famílias as transformações sociais relativas a gênero, observando-se no campo da intimidade resistências bem maiores para se vivenciar os papéis de pai e mãe de formas renovadas em direção à maior igualdade, prevalecendo a atribuição de papéis parentais distintos, em descompasso com o ritmo das transformações culturais anunciadas nos discursos e pelas estruturas sociais, que aproximaram tanto nos últimos tempos os papéis de homem e mulher na sociedade ocidental contemporânea.

Diante do vasto leque de material coletado, tive que fazer a opção por uma análise mais detida de apenas quatro sujeitos, cujos discursos são trabalhados também de forma restrita, atendo-me, preferencialmente, aos dois temas já

anunciados para efeito de análise dos dados, a saber, o **‘desejo de ser pai’** e **‘modelos de pai’**. Os conteúdos expressos ao longo das entrevistas em torno dos outros temas poderão ser eventualmente aproveitados, na medida em que façam referência a, ou tragam, elementos que auxiliem na compreensão desses dois primeiros.

Há um terceiro aspecto que recebeu significativo destaque nos depoimentos e que merece atenção especial – o da **afetividade paterna e masculina** –, mas será tratado não como uma terceira categoria, e sim como um elemento emergente em transformação, que se faz presente de maneira central na vivência masculina atual, possivelmente como definidor dessa transição. Sendo assim, será trabalhado em diálogo com e no interior dos temas eleitos, a partir de suas manifestações.

Quanto aos demais sujeitos, com relação a dois deles, é feita a apresentação de um breve resumo dos seus depoimentos através de uma seleção de frases, consideradas as mais expressivas a respeito dos temas em destaque, apenas para que não se perca a riqueza do material, mas sem a possibilidade de analisá-los no momento. O restante das entrevistas será aproveitado de forma explícita numa outra oportunidade, embora se faça também presente como pano de fundo neste processo de análise.

Passo a compartilhar alguns assuntos e questões abordados nas entrevistas, assim como posturas reveladas a partir de uma seleção de falas em torno dos temas. Procurei ouvi-los a partir dos seus desejos, sentimentos, motivações, bem como suas apreensões e dificuldades enfrentadas, além das observações feitas a respeito das transformações que eles identificam em suas vidas.

Sendo assim, **o foco está na singularidade: recai sobre a experiência subjetiva de quem está se tornando pai.** A partir de depoimentos pessoais e subjetivos, a tentativa é a de me aproximar do **significado – psicológico, emocional, afetivo, identitário – que a experiência de paternidade está adquirindo para cada um desses homens,** tendo no horizonte a esperança de **captar algo que seja expressivo do plano coletivo.** Pois ao ouvi-los, mesmo em suas singularidades, creio ser possível também **percebê-los como representantes de sua época, de seu tempo, sua cultura. Sofrem conseqüências dos fenômenos históricos que lhes antecederam, mesmo quando não têm consciência deles, e atuam – inevitavelmente em rede – num cenário coletivo, mesmo quando se sentem únicos, como de fato são.**

Proponho-me a comentar, inicialmente, o tema do **desejo masculino de ter filhos,** expresso de forma pouco usual na nossa cultura, talvez por ser considerado, de forma preconceituosa, um tema mais feminino, cultivado por elas e para elas ao longo do processo de socialização. Cabe um paralelo com o que ocorre também com o tema do casamento. A respeito da paternidade comenta Lyra (1998) que, a julgar pela falta de pesquisas sobre o assunto, negligencia-se o desejo do homem.

Uma revelação interessante foi a distinção que grande número dos sujeitos fez entre o **‘desejo de ter filho’** e o **‘desejo de se tornar pai’.** As duas expressões estavam presentes na formulação inicial de uma questão que fazia parte do roteiro, mas eu as utilizava inocentemente como sinônimas, até que as respostas foram pontuando suas diferenças de tonalidade e motivação.

Em seguida são apresentados, na análise, os comentários feitos em relação aos **modelos de pai que, de alguma maneira, exerceram, segundo esses**

homens, influência sobre eles, tendo sido, em sua maioria, os modelos extraídos da relação com o próprio pai. Nem sempre considerados positivos a ponto de desejarem reproduzi-los, tais modelos permaneceram como referência, mesmo quando na condição de anti-modelos. Em algumas poucas situações, outros modelos foram citados: padrasto (entendido como novos parceiros da mãe), avô, e também distintas figuras masculinas cujo caráter da relação nem sempre era pessoal, como autores, poetas, professores, nesses casos nitidamente representando valores ou princípios a serem seguidos.

CIRO

“Eu já há muitos anos queria ter filho, só não tinha encontrado ninguém, a mulher...”

“Desde o começo eu queria ter participação total no parto”.

“A gente nunca teve essa intimidade... ele (meu pai) foi sempre muito fechado mesmo”.

“Até você virar pai, você pode ser um pouco irresponsável... Antes eu vivia exclusivamente pra mim... Agora sou três pessoas”.

DESEJO DE SER PAI

Ciro tem 28 anos e é pai de uma menina de um mês e meio. A gravidez não fora planejada, tendo engravidado a namorada quando o relacionamento tinha quase um ano. No entanto, já compartilhavam esse desejo, que vinha inclusive sendo planejado para o ano seguinte, quando iriam se casar.

Revela que seu **desejo de ter filho** o acompanhava desde muito cedo, sempre associado ao relacionamento amoroso.

*“Já na adolescência eu lembro que aquela coisa de ficar a fim de uma menina, apaixonar, sempre tinha alguma relação com imaginar lá na frente como seria viver junto, ter filho... Tudo vinha junto, e esse tipo de associação durou até hoje. Toda relação que eu tinha com alguma menina, **eu decidia sobre a continuidade ou não da relação, baseado nessa previsão de ter filhos**”.*

Mais adiante fala: *“Eu já há muitos anos **queria ter filho**, só não tinha encontrado ninguém, a mulher, nem me sentia no momento para ter criança”.*

Este foi o primeiro depoimento que ouvi nesse sentido de ver o homem assumindo e cultivando seu desejo de ter filho numa idade muito anterior à possibilidade de realizá-lo, e me surpreendeu, por ser um pensamento tão conhecidamente feminino na nossa cultura. Dei-me conta de um enorme preconceito a esse respeito, provavelmente alimentado também pelo silêncio masculino, enquanto as mulheres, desde meninas, compartilham fantasias e brincadeiras em que exercitam o cuidado materno de muitas formas. Fica claro, entretanto, que tais fantasias não são prerrogativas das mulheres, inclusive a esse respeito falaram Layland (1986) e Maldonado, Nahoum e Dickstein (1985, p.9), estes últimos afirmando que as relações pais-bebês começam na própria infância e adolescência desses pais, através das fantasias projetadas para a futura paternagem.

Chamou minha atenção particularmente a **prioridade dada ao relacionamento parental sobre o conjugal**, já que, como ele diz, *“já sabia que queria ter filho, só não tinha encontrado a mulher”, e “decidia sobre a continuidade ou não da relação baseado nessa previsão de ter filhos”*. Também esse comentário soou pouco comum, especialmente por ter sido feito por um homem, enquanto afirmações semelhantes são, na nossa sociedade, freqüentemente feitas por mulheres e meninas.

Ciro conta que com 10 anos os pais se separaram e a partir daí, a maior parte do tempo morou com o pai. Quando tinha 20 anos ganhou uma irmã caçula, que hoje já tem sete anos, e que esse contato mais direto com um nenê em casa alimentou o seu já antigo desejo de ter filho. Com suas palavras: *“Achei muito legal e firmei na minha cabeça que eu **queria ser pai algum dia**. Na época eu pensava:*

‘Puxa, isso aqui é tão gostoso que eu quero muito ser pai um dia’, mas eu podia esperar”.

Esse é o primeiro momento em que ele usa a expressão ‘ser pai’ e não ‘ter filho’, cuja diferença parece revelar uma **internalização desse fato, que passa a interferir na própria auto-imagem.**

Diante da pergunta sobre como ele recebeu a notícia da gravidez, conta:

“Quando eu soube foi um choque natural. Porque, é claro, a gente não esperava a gravidez naquele momento... então teve aqueles minutos ou horas de quase falta de reação, de não saber o que fazer, ficar completamente confuso, perdido... Foi um susto”.

Teve que, segundo ele, se *“acostumar com a idéia de que ia **ser pai**”*, o que levou alguns meses,

“... porque o pai não tem nenhum sinal físico nele, a não ser o conhecimento de que é pai pra ficar na gente... Então por muito tempo tinha momentos que eu esquecia completamente, de repente voltava e vinha um choque de novo. (ri). Então era uma coisa bem confusa nesses primeiros meses”.

Disse, brincando, que esse estado de susto durou até um pouco antes do parto. Sua narrativa parece dizer que toda sua prolongada experiência de cultivar o desejo não se confunde com uma prontidão para realizá-lo. No entanto, colaborou para que sua reação fosse favorável frente à surpresa, e para a boa vontade em

aprontar-se. Em meio ao susto, encontrou também em si abertura, receptividade e prazer com a nova situação. Com suas palavras: *“Não estava no nosso cronograma, mas já era um desejo total. E como aconteceu, a gente abraçou”*.

B ³⁴– “Como foi quando o nenê nasceu?”

*“Foi uma loucura. Até porque nasceu em casa. O parto foi eu, minha esposa e a parteira... Foi parto domiciliar e teve participação total minha! Mas nos meus planos era pra eu ter mais participação ainda, porque o plano era que eu pegasse a nenê saindo, mas como não deu tempo de chegar o obstetra, estava só eu e a parteira, eu tive que segurar minha esposa na posição de cócoras sustentada, que é meio de pé acocorada, e daí a parteira pegou a nenê. Mas **desde o começo eu queria ter participação total no parto**”*.

B – “E como foi para você ‘estar virando pai?’”

“De novo outro choque, porque até então a nenê estava sossegadinha, dentro do ventre, bonitinha. Mas de repente, de uma hora pra outra, e nesse caso quase mesmo de uma hora pra outra porque foi muito rápido, estava lá a nenê no colo da minha esposa. E foi aquela emoção absurda. Eu olhava pra nenê, chorava, não acreditava. Na primeira semana, o tempo todo, a gente olhava pra ela, chorava mais um pouquinho. Não sei, foi uma emoção muito forte”.

³⁴ A letra B designa a inicial da entrevistadora.

O anseio de participação total foi tema abordado por alguns autores como Colman e Colman (1990), Maldonado, Nahoum e Dickstein (1985) e This (1987). A tradicional exclusão do pai apontada por This tem sido enfrentada hoje de diversas maneiras, dentro e fora dos hospitais. Mas a expressão ‘participação total no parto’ foi ouvida nesta pesquisa sempre por pais que buscaram o parto domiciliar como uma promessa nesse sentido. Colman e Colman (1990, p.190) alertaram para uma possibilidade que vai além dos aspectos saudáveis que estão presentes nessa busca de participação: é quando o homem, em busca de uma identificação com o processo criativo, imagina realizá-lo através de uma igualdade de participação no parto, o que inevitavelmente o leva à frustração. Sugerem que a dor estaria em conscientizar-se dos limites de seu papel criador (p.186).

No caso de Ciro, sua frustração foi expressa, pois queria ‘participar mais’: sentiu-se limitado por ter segurado a mulher em vez de ter acolhido o bebê no momento de sua saída. Conforme compreendi, foi como se isso o retirasse do eixo central da relação – o vínculo primário, fonte de vida, em contato direto com o ato do nascimento – colocando-o na posição de ‘ajudante da mulher’. Entretanto, seu depoimento revela intensa participação emocional e grande envolvimento.

A seguinte fala demonstra como a integração na consciência da condição de paternidade é lenta e gradual: durante a gravidez deve-se, segundo ele, à falta de concretude na experiência do homem, por não ter a oportunidade de vivenciar transformação corporal. Mesmo depois do nascimento, como ele diz, “vai entrando aos poucos”.

“... Antes era ‘vou ser pai’. Na primeira semana era ‘Caramba! Tá aqui a coisinha’. Imagino que na segunda semana foi

realmente quando caiu a ficha. De verdade mudou tudo e ‘eu sou pai’, agora mudou minha vida de verdade. A primeira semana foi pra me acostumar com a idéia, acho que na segunda foi que entrou mesmo”.

*“O que a paternidade significa pra mim... Acho que até engravidar, eu era mais independente, tinha minha própria vida, fazia as coisas mais pra mim. Depois de ser pai, eu acabo ficando quase que em segundo lugar, agora é tudo pra minha filha... **Antes eu vivia exclusivamente pra mim. Agora vivo pra mim, pra minha mulher e pra minha filha. Entra o sentimento mesmo da família, não sou mais completamente sozinho, agora eu sou três pessoas**, então não posso mais pensar em mim... Em mim, exclusivamente... Tenho que me adaptar muito mais a essa vida do que o contrário, porque tem uma coisinha lá em casa que exige muito de mim. Então tive que rever tudo, meus horários de trabalho, lazer, investimentos pessoais”.*

Essa fala retrata bem o momento em que o sujeito confere de maneira concreta no seu cotidiano o efeito da **inversão de prioridades** que ele mesmo realiza com a chegada de seu primeiro filho: o valor da independência é transferido para o vínculo; da prioridade a si mesmo para a valorização do outro – o filho. No entanto, cabe uma reflexão sobre a afirmação: **“Antes eu vivia exclusivamente pra mim. Agora vivo pra mim, pra minha mulher e pra minha filha”**. Fica a impressão de que se pulou a etapa da conjugalidade, verificando-se a passagem direta do ‘ser sozinho’ para ‘ser três’. Embora fale com intensidade sobre o relacionamento com a companheira, atribuindo-lhe grande valor e referindo-se a essa relação como uma

experiência de cumplicidade, seu depoimento não revela a experiência de ter se sentido vinculado, de ‘ser dois’, ser um casal. Também chama atenção a maneira radical como descreve: “... *não posso mais pensar em mim...*”, como se atribuísse a essa vivência uma conotação de perda da individualidade.

A esse respeito fala Velásquez (2004), que aponta a **renúncia à autonomia individual** como uma das características que marca a passagem para a vida adulta no caso do homem, a partir da paternidade. No caso de Ciro, seu comentário não adquire o peso de uma queixa, talvez devido a um outro aspecto também citado por Velásquez: o fato de que, atrelado a essa renúncia, está a própria **necessidade de estabelecer vínculos**, que, devido ao envolvimento emocional, se converte numa experiência de prazer e realização pessoal, apesar do custo.

Este parece ser um tema vivenciado por Ciro de forma ambivalente, pois há perdas e ganhos. Mais do que o vínculo com a filha, a experiência de ‘fazer uma família’ parece ser bastante significativa para ele. Arrisco uma hipótese de que esse fato venha compensar uma falta de vivência familiar durante a adolescência, já que, conforme contou, sua mãe foi morar em outro país quando ele tinha 13 anos. Mesmo mantendo muito contato telefônico, a convivência cotidiana se deu realmente com o pai.

MODELOS DE PAI

Frente à pergunta sobre **modelos de pai** que o tenham influenciado e que ele identifique como presentes hoje na sua maneira de ser pai, Ciro responde em duas etapas:

“Meus pais me influenciam muito, eu tive uma educação que eu sinto como muito privilegiada, pais compreensivos, mais liberais, não violentos, nunca apanhei na minha vida e espero também nunca ter que levantar a voz nem nada pra minha filha... Sinto que eles me educaram para ter uma compreensão melhor do mundo, compreensão social, cultural. Eu acabo tendo eles como bons modelos”.

Em seguida completou a resposta mencionando valores com os quais conviveu e que são referências, segundo ele, como modelos de educação, mesmo não estando vinculados a pessoas em particular: *“São filosofias, visões espirituais, opções medicinais... essas coisas todas acabam influenciando, imagino, meu modo de ser pai... Isso também é fortíssimo”.*

Mas foi quando pedi que falasse um pouco da relação com seu pai e dele como um modelo a ser seguido ou não, que se revelou mais pessoalmente:

*“Tem coisas muito boas, mas, por exemplo, **a gente nunca foi muito aberto um com o outro, nunca foi muito de conversar sobre sentimentos**, sobre o que está acontecendo. Então **a gente nunca teve essa intimidade**. Nem com minha mãe. Na verdade, **nunca tive muita intimidade com ninguém, sempre fui uma pessoa muito fechada**. Só tentei mudar isso nos últimos anos, quando percebi que não dava pra viver tão bem desse jeito”.*

B – “Você sente que faz falta?”

G – ***“É. Mas essa é uma das poucas coisas que eu mudaria no estilo do que é o meu pai comigo. Com minha mãe eu ainda tentava conversar mais, mas com meu pai não, ele foi sempre muito fechado mesmo”.***

B – “Você fala de um limite na intimidade. E o que você diria em relação à afetividade, no quanto ela pode ser expressa ou não?”

G – *“Ele era bem afetivo. Suficientemente afetivo. Não era aquela coisa super afetiva, mas também não era frio nem nada. Acho que ele acabava equilibrando. Mas eu, sim, acabei crescendo não muito afetivo, sempre tive muita dificuldade de expressar minhas emoções, e tenho até hoje”.*

“No meu projeto de pai eu quero ser muito mais afetivo com ela (minha filha), conversar mais e tentar desenvolver uma intimidade maior, uma cumplicidade maior... É uma meta, vamos ver se eu consigo cumprir... Eu quero que reflita na minha paternidade, e na minha filha também”.

Sua fala mescla a valorização do modelo paterno à necessidade de diferenciação, numa busca de superar o pai. Revela a carência de intimidade com o pai e o desejo de maior afetividade expressa, bem como o reconhecimento da própria dificuldade de expressão emocional. As críticas ao pai são feitas com muita cautela, na intenção de preservá-lo. Assume como uma meta desenvolver-se pessoalmente: ser mais afetivo, menos fechado, para ser um pai melhor. O sentimento de responsabilidade pela filha faz com que ele se preocupe com “a maneira como ela vai ser” e que não herde suas falhas.

De acordo com Layland (1986), as expectativas de um homem em relação à sua experiência de paternidade têm algo a dizer de sua relação com seu pai, invariavelmente marcada por satisfações e insatisfações. Corneau (1991) fala, por exemplo, da impessoalidade como uma forma de ausência: um pai que não é pessoal, é um pai em falta. Ambos os autores ressaltam a importância da afetividade e da pessoalidade paterna, na figura do 'pai cuidador', como uma potencialidade masculina a ser desenvolvida.

Quando eu pergunto como ele percebe as expectativas que a sociedade tem hoje de um pai, e o que ele sente que estão esperando dele, Ciro coloca-se de forma bastante crítica, dessa vez sem a cautela anterior:

“Eu sinto que a sociedade continua ultra conservadora e ultra machista. O pai continua tendo a imagem do cara que sustenta, que tem que ganhar todo o dinheiro e garantir tudo, o ‘leitinho’ da criança. Então, obviamente eu ouvi muito, durante a gravidez, pessoas que viravam pra mim e me perguntavam: ‘E aí, agora que você vai ser pai, você vai continuar só trabalhando no circo?’ Fora isso, tem um preconceito também contra ser artista ...As pessoas não botam muita fé que uma pessoa, vivendo de arte, possa sustentar uma paternidade. Essa é a pressão que eu senti e continuo sentindo. E aí, o que isso influencia em mim, não é que eu preciso arrumar um monte de coisa pra fazer pra ganhar dinheiro. Não, agora eu preciso realmente provar pra todo mundo que ser artista vale a pena, que a arte pode ser um meio de sustento. Arte não é hobby, arte é profissão. Cultura é um negócio que a

sociedade precisa, uma sociedade não vive sem, não existe sem cultura”.

Ciro, como muitos outros pais, resiste à idéia de se ver meramente como um pai provedor. Ou, na linguagem de Colman e Colman (1990), como um pai-céu. Seu anseio de participação no parto é expressão da atração por ocupar o lugar de pai-terra. A participação efetiva na vida do lar, incluindo os aspectos corporais, revelou-se para ele como uma fonte de prazer desde quando presenciou a chegada da irmãzinha. Desde então, parece ter ansiado por uma participação maior.

Na condição de artista circense, sente-se pressionado pelo preconceito da sociedade, segundo ele, contra sua opção profissional, encarada como ‘não séria’ e pueril. Reunindo forças, procura transformar o que seria um conflito decorrente da pressão que sofre, em um estimulante desafio, um projeto, uma missão: a reafirmação dos valores e crenças que dão suporte à sua opção profissional, na intenção de provar sua viabilidade.

Retomo a pergunta anterior, mas dessa vez voltando-a para ele mesmo:

B – *“E você, o que espera de si mesmo como pai? O que você espera vivenciar, como pai? Que oportunidades isso te traz?”*

“O que eu espero de mim... não sei... talvez essa coisa de me tornar mais responsável. Até você virar pai, você pode ser um pouco irresponsável, afinal, qualquer coisa, eu não vou morrer de fome, eu me garanto de algum jeito, posso me virar com uma atividade aqui, posso até voltar pra casa do meu pai. Mas agora que eu sou pai, tenho uma responsabilidade. Não preciso

*garantir tudo em casa, mesmo porque tenho uma esposa que também trabalha e ganha normalmente mais que eu... **Mas espero também de mim é trabalhar todas essas dificuldades que eu sempre tive de relacionamento, de expressar emoções...** não sei o que mais, fico meio perdido nessa hora”.*

“... Eu ainda estou entendendo o que é tudo isso, estou processando...”

“Minha expectativa é a de ser um pai bom, presente – não ser um pai ausente –, carinhoso, afetivo, e de conseguir educar minha filha pra ser uma pessoa bacana também. Ser bem compreensivo”.

*“...Não deixar que a minha vida pessoal e profissional se afete... Tentar me influenciar o menos possível pelo que vem de fora, para **aqui dentro eu conseguir ser o mais fiel ao que eu quero** (profissionalmente)”.*

Nesse momento Ciro revela suas ambigüidades: de fato, não é só a sociedade que espera dele que seja responsável. E admite que, de acordo com a sua própria concepção, a irresponsabilidade é de alguma forma concedida até a fase pré-pai, enquanto prevalece o papel de filho. Sugere, assim, que **o homem pode permanecer como um adolescente até virar pai.**

Reconhece-se em processo, é tudo muito novo, acolhe suas próprias dúvidas. Mas além da questão profissional, preocupa-se também em desenvolver-se como pessoa, enfrentando dificuldades antigas e aprimorando-se para ser um bom pai, tendo em vista conseguir se respeitar a partir da sua interioridade.

Ainda com relação ao trabalho, mostra-se imerso nas próprias ambigüidades, oscilando em definir o que é prioridade hoje:

“Muitas vezes (o trabalho) acaba se tornando a nossa vida. Antes era tudo bem, eu podia me dedicar muito, é o meu trabalho, mas hoje em dia é o contrário, eu me dedico à minha família e o trabalho é um detalhe. Eu tenho que ser muito mais flexível, não posso virar a noite, me dedicar 100% ao trabalho, e eles entendem que eu não posso mais me dedicar integralmente”.

Mas em seguida, tentando definir suas principais apreensões, retoma:

*“O desafio é mais na vida profissional mesmo... Eu realmente, durante a gravidez toda carreguei muito esse medo: **‘será que eu vou conseguir me sustentar e sustentar minha família?’** Acredito que agora é realmente o meu maior desafio. Junto com eu ser um bom pai, agora eu tenho que conseguir valorizar o meu trabalho, tanto no mundo profissional, quanto no mundo pessoal, por exemplo, com pessoas que me rodeiam, a família, a família dela especialmente”.*

Ciro, mesmo tentando se contrapor aos padrões da cultura patriarcal, não está livre das próprias cobranças em relação ao seu desempenho e à sua inserção no mundo definitivamente adulto. Algumas vezes parece difícil para ele discernir entre as próprias expectativas e as da sociedade que recaem sobre ele, assim como entre conflitos a serem vivenciados na arena social e os conflitos próprios do seu

mundo interno. O tema da estabilidade profissional e financeira do pai, como signo de competência, de maturidade e de responsabilidade não o abandona.

EDUARDO

*“Via que eu ia **ter um filho**, mas não que eu ia **ser um pai**”.*

“Vou tentar ficar mais infantil, ligado às coisas mais primitivas... a quantidade do trabalho vai me incomodar mais”.

*“Meu pai era muito afetivo. Mas **prevaleciam suas opiniões, não se alteravam**”.*

DESEJO DE SER PAI

Eduardo tem 37 anos. Após quatro anos de relacionamento (incluindo um ano de namoro), Eduardo e sua mulher decidem ter um filho e em seguida ela engravida. No momento da entrevista, a gravidez está no sexto mês. Conta que *“foi uma gravidez buscada e logo conseguida, intencional”*, e que quando soube da gravidez sentiu *“uma mistura de alegria com surpresa, pelo encadeamento de eventos que virão: É uma mudança definitiva!”* Admite-se diante da incerteza, mas enfatiza que a apreensão *“não é o que prevalece, pois tem o componente da novidade, incerteza, mas é uma novidade prazerosa”*. Com relação ao desejo:

*“Sempre imaginei, desde adolescente, que eu gostaria de ter filho, mas quando fosse mais velho. Quando a gente começa a namorar, o relacionamento provoca esse tipo de conversa... Via que eu ia **ter um filho**, mas não que eu ia **ser um pai**. Eu gostaria de reproduzir. Já o desejo mesmo de ser pai é mais recente, antes era distante.”*

Pergunto quando ele passou a se identificar com essa figura ‘*ser pai*’, e ele diz que há 10 anos. Em outra situação, conta que o pai faleceu há dez anos. Observo, só depois da entrevista, essa coincidência de datas. Mas, tenha ele se dado conta ou não dessa convergência, de qualquer maneira, associou o ‘tornar-se pai’ com “*uma troca de posições, um ciclo nítido de amadurecimento...* (onde) *um dos componentes é envelhecer*”. Em seguida conta: “*Meu pai faleceu há 10 anos*”. E completa: “***Sempre tive um pai, agora eu sou pai***”.

Esta fala soou muito forte e carregada de significado para ele, parecendo indicar um movimento na direção de **recuperar o pai dentro de si**.

Embora tenha associado com “*envelhecimento*”, paradoxalmente, quando pergunto o que espera que mude em sua vida ao se tornar pai, diz:

“Vou tentar ficar mais infantil, ligado às coisas mais primitivas... aguardo ansiosamente a possibilidade de brincar, trazer de volta esse lado infantil, pois há muito tempo que não faço isso. Vou querer mais tempo livre, a quantidade do trabalho vai me incomodar mais”.

Mas não perde o pé da realidade e em seguida completa: “*Mas sei também que vou ter que trabalhar mais, em busca de mais controle, de uma condição mais estável*”.

Sobre o futuro relacionamento com a filha, revela seu anseio por uma grande intensidade e intimidade:

“É fantástico esse trânsito com alguém tão perto... Com alguns poetas e escritores você consegue um nível de intimidade

muito forte... Quero tentar construir isso ao longo da relação com o filho, deixar que um interfira no outro, e você não é mais totalmente você, nem ele totalmente ele...”.

Finalmente pondera: *“Talvez nem seja possível...”*. Esse movimento de voltar à realidade parece se repetir.

Considerando outros comentários sobre seu relacionamento com a mulher e com o pai, parece que, de fato, a qualidade depositada na relação que busca com a filha é marcadamente distinta da que caracteriza suas relações na vida real, onde não parece cultivar muita intimidade, sugerindo, assim, certa dose de idealização. Este recurso costuma desempenhar uma função que tem um caráter de **compensação, no caso, frente às qualidades de relação pessoal que ele não costuma ter**, assim como pode ser **reparador em relação a aspectos da infância e da história de sua relação com o pai**, que, parece, **deseja simbólica e afetivamente recuperar**.

Em conjunto com a intenção de reproduzir, inicialmente declarada, esses são alguns dos significados revelados que dizem respeito ao seu desejo de ser pai. Fica clara a sugestão de um significado reparador no modo como a realização desse desejo participa da sua dinâmica de desenvolvimento pessoal.

MODELOS DE PAI

Frente à pergunta sobre modelos de pai, e se agora, ao se tornar pai, o seu pai seria uma referência para ele, responde positivamente: *“Sem dúvida. Nesse*

sentido, ser pai é a busca de um vínculo de amizade. Eu tive uma amizade bem interessante com ele, quero ser semelhante”. Conta que, sendo o pai estrangeiro neste país, sempre tinha histórias para contar ao filho. Para melhor definir a ligação que vê entre o pai que teve e o pai que ele agora se torna, destaca: **“A educação. Contar histórias, ele contava muito. Morou em muitos países, tinha um universo amplo, e eu nasci no interior... então era muito diferente, coisa nova. Trazer um pouco do mundo para a relação”.**

No esforço de análise dos dados, é importante o cruzamento entre as informações, pois não passa despercebida a coincidência entre datas: 10 anos fazem que o pai faleceu, também 10 anos que Eduardo internalizou a noção de que um dia viria a ‘ser pai’. Como ele diz: *“(Antes) via que eu ia **ter um filho**, mas não que eu ia **ser um pai**”.* 10 anos para elaborar essa *“troca de posições”*, como ele mesmo chamou, e sentir-se pronto para desfrutar agora desse *“ciclo de amadurecimento”*. Tempo de preparar essa prontidão para **ocupar o lugar do outro, e recuperá-lo, agora dentro de si**, na forma como seu pai ficou retido em sua pessoa. Recuperá-lo, mesmo que transformado. Se já a análise do **‘Desejo de ser pai’** apontou para a **recuperação do próprio pai dentro de si**, ficaria agora impossível separá-la da análise do **‘Modelo de pai’**, uma vez que o que está em pauta é **o mesmo sentido de reaproximação e identificação com o pai, em meio à necessidade de algumas diferenciações bem definidas por ele.**

Nota-se que a relação com o pai está preservada na memória como uma referência positiva, pelo vínculo de amizade que tiveram, que ele valoriza e quer reproduzir. E também pela função que o pai desempenhava de incluir o mundo

externo e mais amplo, através de suas histórias, no âmbito restrito do contexto doméstico. Parece referir-se a aspectos concretos que embasam uma relação saudável, desejável segundo ele, para dali projetar-se como pai – o que confirma o próprio pai como seu modelo.

Entretanto, na tentativa de definir ‘o que é ser pai para si mesmo’, ficou difícil escapar de uma resposta um tanto vaga, onde mescla **indefinições e idealizações**, até por ser uma experiência ainda por se realizar, ou em fase de preparação. Segue trecho da entrevista que é ilustrativo desses aspectos:

B – “O que é ser pai pra você?”

E – *“É uma pergunta longa... Está envolvido com o aspecto da criação. A gente se esforça no cotidiano para ter elementos de criação, e essa é uma coisa muito forte, até porque fisicamente. É **uma criação definitiva**. Um vínculo longo. Uma parte. Um sentimento derivado desse **entusiasmo**. Um ânimo. **Traz uma coisa muito primitiva**. Tenho lido sobre isso, **procuro estudar: Deleuze, Guattari, o Antiédipo, Guimarães Rosa, Machado de Assis**”.*

B – “Você vai se alimentando na cultura. Você fala de uma experiência individual, muito pessoal, mas busca (referências) no coletivo: na arte, na cultura, no estudo”.

E – *“As criações se dão pelo duplo, **é difícil filosofar sozinho. É uma modificação pelo duplo, meu filho que vai nascer. Filha! Linda, possivelmente. É necessário o diálogo, é fantástico esse trânsito com alguém tão perto. Tão difícil criar essa possibilidade da dupla na cultura. Com alguns poetas você consegue um nível de intimidade muito forte. Tentar construir isso ao longo da relação com o filho. Deixar que um interfira no outro, e você não é mais totalmente você,***

nem ele totalmente ele. Eventualmente isso nem é possível porque as naturezas são diversas. Mas que haja uma **criação contínua**”.

Se já não é tarefa simples discernir, do que se preserva de um pai querido e ausente há tanto tempo, o que seria idealização, o que pode ser memória e o que é emoção, já que nessa esfera quase tudo é subjetividade, a mesma ou maior dificuldade se enfrenta quando se tenta compreender o que é projeção e o que é percepção, num discurso que pretende descrever o que ainda está sendo preparado, como uma experiência por se dar. Mesmo assim, sem a pretensão de se chegar a uma análise definitiva, pode-se observar a presença de alguma **idealização**, seguida de **racionalização**, quando Eduardo se refere à vivência de paternidade e à sua relação com a filha.

O **intenso envolvimento emocional** anunciado nas expressões “*essa é uma coisa muito forte*”, “*um vínculo longo*” e “*entusiasmo*”, que o disponibilizam para as **experiências mais primitivas**, como está expresso em “*até porque fisicamente*”, são em seguida substituídos pela disposição para racionalizar. Através do recurso intelectual, passa a citar autores clássicos na intenção de compreender e estruturar uma vivência que poderia conduzi-lo para um perigoso relacionamento mais indiferenciado. A motivação inconsciente que fica aí sugerida é a de **defesa no sentido de se autocontrolar** e ‘esfriar’, **recuperando o discernimento** do ‘eu sou eu e você é você’.

A imagem criada pela expressão “*Deixar que um interfira no outro, e você não é mais totalmente você, nem ele totalmente ele*” revela, num descuido, o anseio pelo modo simbiótico de se conectar com alguém, de vivenciar **a intimidade tão**

desejada e ao mesmo tempo **tão evitada**, ao que tudo indica, na vida real, se se levar em conta seu modo de vida, como quem resiste à sedução.

A facilidade que ele apresenta para se tornar íntimo dos poetas, dos grandes autores, ou mesmo da filha que ainda não nasceu talvez faça falta em seus relacionamentos pessoais e concretos, como faltou com o pai, e talvez falte mesmo com a esposa. Pelo menos durante a entrevista, em nenhum momento fez referência ao relacionamento conjugal. E quando lhe foi perguntado “o que acha que vai mudar no relacionamento entre vocês pelo fato de virarem pai e mãe?”, respondeu:

“Pode trazer um pouco mais de conflito, para decidir, por exemplo, escola. Por enquanto tem mais espaço para cada um fazer o que quer. Com a filha, vai ter mais concessão, pode trazer conflito, o que cada um deseja para o seu filho”.

Sobrepôs-se à conjugalidade, a idéia de que cada um tem “o seu filho”. Essa fala deixa a impressão de que, até então, as duas individualidades estão cautelosamente preservadas, como talvez convenha a um relacionamento reticente que teme a conjugalidade. Mas a presença de filho os colocará certamente, segundo ele, ‘em relação’, tendo que compartilhar suas posições e, eventualmente, suas diferenças.

A segunda parte da resposta soou impessoal, reforçando a impressão de que ele tende a evitar intimidade nas relações concretas: *“Acho que aprofundamento do vínculo, espécie de respeito que tem uma diferença. Um certo cuidado em relação à pessoa”.*

Com relação ao pai, mesmo valorizando-o, assume com mais facilidade e clareza sua disposição para diferenciar-se dele, em aspectos que critica. Identifica-os como autoritarismo e algumas formalidades que o incomodavam, sem, contudo, deixar de preservar a afetividade. Vejamos isso em sua fala:

E – *“Ele é um modelo. Mas não integral. Tenho ele também como antimodelo em outras coisas..”*.

B – “Pensando no seu pai, o que você não reproduziria?”

E – *“Um pouco de **autoritarismo**, mas não exatamente. Algumas **formalidades** que, dentro da amizade, **eu gostaria de estar mais no mesmo nível**. Talvez na prática você vá perceber que ser igual, igualdade não é possível. Eu exerceria essa autoridade de uma maneira um pouco diferente”*.

B – “Considerando a amizade mais o formalismo, o que estava impedido ali?”

E – *“Fazer as coisas... O equilíbrio entre o que ele deseja fazer e o que você deseja. Prevalece o dele”*.

B – “Você queria, como filho, ter sido mais ouvido?”

E – *“Ter mais influência nas decisões”*.

B – “Interferir mais. E a afetividade?”

E – *“Ele era muito afetivo. Mas **prevaleciam suas opiniões, não se alteravam**”*.

Em outro momento, quando pergunto se há outras pessoas que tenham funcionado para ele como modelos de pai, responde novamente com autores:

“Borges, Goethe... Borges, por exemplo, é uma leitura que me afetou muito”.

Comento que são pessoas, mas não vínculos pessoais, quando então ele

acrescenta: *“Alguns professores talvez. Amigos. **Estados de amizade são referências**, esse exercício de amizade. Mas não figura de pai. **Valores sim**”.*

Tais respostas sugerem que ele está mais aberto para se emocionar e para se deixar afetar em relacionamentos indiretos, não pessoais. **As figuras apontadas representam valores, idéias ou princípios, mais do que relacionamentos concretos, vivências pessoais compartilhadas e recíprocas.** Vale lembrar que os tais autores não foram, obviamente, afetados por ele da mesma maneira, e que essa reciprocidade faz falta numa relação para que a pessoa se sinta incluída e valorizada. Inclusive os *“amigos”* cedem lugar para a expressão *“estados de amizade”*, o que recebe mais destaque do que a pessoa do amigo em si.

Nessa situação foi possível observar que, mais uma vez, no lugar de uma vivência concreta e muito íntima, prefere citar grandes autores, através do recurso da **intelectualização, tornando rarefeitos os relacionamentos concretos onde provavelmente essas qualidades foram experimentadas.** Permanece insondável sua disponibilidade para se vincular efetivamente – digo, afetivamente – ao outro, a um igual, onde se arriscaria a essa experiência de proximidade e de interferência recíproca: afetar e ser afetado.

Partindo desse depoimento, é possível inferir alguns sentimentos do filho em relação ao seu pai, que teria se posicionado na relação com ele com alguma dose de rigor e discernimento, não se pode afirmar que propriamente distante, mas recuado, o que pode ser entendido como uma postura ‘bem definida’ com base no modelo patriarcal, que se caracteriza por uma forma de autoridade paterna que visa obter respeito, temor ou confiança através de sua firmeza no desempenho dos papéis: clareza dos **posicionamentos hierárquicos, pequena disponibilidade para mudar de opinião**, comedimento nas manifestações afetivas.

De acordo com Corneau (1991), este seria, no registro emocional do filho, um pai considerado ausente, porque faltou pessoalizar-se com ele. Solo favorável para produzir um filho carente e defendido afetivamente, com a mesma dificuldade para se colocar pessoalmente.

A julgar pelo seu **anseio de intensidade emocional e de intimidade**, e pela forma como este é **projetado para a nova relação que se inicia**, em contraste com a impressão deixada de **parcimônia na disposição para pessoalizar as relações concretas que tem**, pode-se levantar a hipótese de que um pouco mais de proximidade, ou até mesmo um pouco de confusão com o outro – no caso, com o pai – fizeram falta, provocando desejo e medo. Com sua atitude ponderada afetivamente, reticente e levemente formal, **defende-se dessa ‘fome antiga de simbiose’**, possivelmente sentida como perigosa pelo seu aspecto regressivo.

Próximo a essa dinâmica, mas já com algum nível de diferenciação conquistado, pode-se fazer também um paralelo com o **anseio de igualdade por ele manifesto na relação com seu pai**, sua **demandas por um relacionamento mais horizontal** – o que seria improvável dentro do padrão patriarcal. Parece desejar melhores condições para que sua identificação com o pai se expanda, em diálogo com seus valores atuais. Ao que tudo indica, faltou a ele um modelo de amizade não hierarquizada.

Levanto a hipótese de uma **ambivalência emocional** presente no cuidado com que Eduardo comunica, talvez a si mesmo, os limites observados na relação com seu pai.

Não parece simples admitir qualquer imperfeição, seja no relacionamento com o pai, na relação nascente com a filha, que idealiza, ou ainda em si mesmo. No caso da maneira como se refere ao pai, pode não se tratar apenas de idealização, mas

ser movido pela preservação: não convém fixá-lo agora num lugar autoritário ou pouco afetivo, mesmo que ele, porventura, com seu formalismo, tivesse alguma dificuldade para ser afetivo, ou mesmo para ver e ouvir o filho e para considerá-lo. Tudo isso, entretanto, chega, de alguma forma, a ser expresso. Transparece o incômodo por terem se presentificado tais sentimentos. Prevalece a ambivalência emocional.

Paradoxalmente, se a imperfeição tanto o incomoda, Eduardo se vê, no momento, obrigado a enfrentar uma limitação corporal, pois se encontra “*em repouso*” há 15 dias devido a uma crise de hérnia de disco. Quando o corpo adoece, a pessoa se sente chamada, com veemência, para dar atenção ao concreto. A dor se impõe e é preciso se cuidar. Se, em outras situações, foi possível observar o uso de recursos, como racionalização e idealização, como forma de ter distância e controle sobre as emoções, nesse caso, a doença é concreta e traz a mensagem de que há um lado que não se pode controlar.

Concretizar, para Eduardo, em várias circunstâncias parece difícil. Isso, certamente, não de forma isolada, mas como parte de uma dinâmica, pode torná-lo mais vulnerável a somatizações, recurso inconsciente e simbólico que se destina a promover as compensações necessárias ao psiquismo, levando a pessoa a cuidar simbolicamente do que estava abandonado, através do lado material, da corporeidade. E pode ser o caso do seu problema de coluna que, toma neste momento de vida específico, esta forma de crise, exigindo dele repouso quase absoluto, como cabe tantas vezes às gestantes. Com isso, tem que se haver com seu ser limitado, condição contra a qual sua poesia nada pode fazer.

A doença provoca o mal-estar, a dor, a paralisia. A imobilidade e o repouso, além de propiciar a Eduardo a experiência do recolhimento (até certo ponto invejável

– como se fosse um privilégio das mulheres), possivelmente promovem também a oportunidade da interioridade tão necessária para dar-se conta da profundidade e da revolução que essa fase transitória prepara em sua vida. Esse conjunto de observações torna a somatização uma hipótese viável, embora permaneça como hipótese.

Tal restrição tem também colocado Eduardo muito mais em contato com a vida doméstica, o que pode corresponder ao seu desejo de não viver exclusivamente para o trabalho, equilibrando mais sua divisão do tempo.

Devido à sua impossibilidade de locomoção, a entrevista teve que ocorrer em sua casa e isso trouxe a presença da sua mulher no final da conversa. Tomei a decisão de incluí-la dirigindo-lhe uma pergunta, com a intenção de assumir sua interferência, que então deixava de ser passiva. E como o tema lhe dizia respeito, considerei um bom momento. Ele falava sobre mudanças que poderiam ocorrer no relacionamento do casal com a chegada da criança. Ela disse que passaria a dividir seu tempo e sua atenção também com o filho: *“Acho que isso influi bastante no relacionamento, eu não vou estar tão disponível para ele”*.

Interessante foi que, mesmo ela trazendo o tema do relacionamento entre os dois para o foco, ainda assim ele não assumiu que este ocupasse algum espaço significativo, redirecionando seu interesse para a relação com a filha: *“vejo mais como um tempo único em família... agora a filha é que faz falta”*.

Observa-se, nesse caso, a impessoalidade e o afastamento afetivo na comunicação, tão característicos de um determinado modelo masculino da nossa cultura, já extensamente discutido neste trabalho.

Deve-se atentar ao fato de que, muitas vezes, o ‘modelo de pai’ não indica apenas o que a pessoa seleciona conscientemente e quer realizar ou desenvolver em si, mas também o padrão que assimilou inconscientemente, ou até mesmo ao qual se vê aprisionado. No caso, deixa a impressão de que seu modelo de pai – que hoje o guia – traz a marca de um ‘padrão de abstinência afetiva’, extraído da relação com o pai. **Sua ‘fome’, talvez maior do a que de afeto, seja a de espontaneidade.** Porque deixa claro que percebia seu pai como afetivo, ou seja: sabia decodificar e reconhecer, mesmo a partir de suas formalidades e postura hierarquizada, sua afetividade. Algumas situações o favoreciam, como, por exemplo, quando contava histórias. Eduardo hoje se revela como uma pessoa muito afetuosa, com grande potencial e anseio para vivenciar isso com alguém, mas com pouca ‘permissão’ para fazê-lo. Em seus relacionamentos reais parece haver comedimento, de muitas formas.

O tema da afetividade é o grande tema: destaca-se pela importância que dá, pelo anseio que expressa, pelo impedimento em vivenciá-la com espontaneidade.

GUSTAVO

“Já cheguei a me imaginar, várias vezes, sendo pai nessas circunstâncias, jovem e por um acaso”.

*“Você só vai conseguir **compreender seus pais** quando você tiver um filho, **essa é a principal razão pra você ter um filho**”.*

*“Sentir-se pai é uma questão principalmente de auto-percepção, **você saber o que é que você tem que deixar de lado para poder de fato ser pai...**”*

DESEJO

Gustavo foi o pai mais jovem que eu entrevistei, e o único que realmente não desejava a gravidez, que aconteceu acidentalmente num namoro ainda inicial, com uma mulher 12 anos mais velha. Era, segundo ele, um relacionamento recente e sem planos de futuro – pelo menos da sua parte. Na época da entrevista sua filha tinha 11 meses e ele 21 anos, mas no início da gravidez tinha apenas 19 anos.

Conta que foi surpreendido com a notícia da gravidez por telefone, enquanto viajava a trabalho, e disse: *“Eu tive uma semaninha lá, sozinho, pra poder digerir a idéia... e foi crucial pra eu me acostumar com o choque”.*

Quando perguntei como havia se sentido diante da notícia, e se em algum momento lhe ocorrera o sentimento de desejar ter o filho ou não, respondeu:

“É questão de conformação mesmo... porque é uma coisa que você não tem como reverter. Até teria, mas eu não sou de acordo e ela tampouco. A gente se conforma quase que instantaneamente e foi cabendo. E aí a curiosidade acaba

nascendo a partir disto,... são nove meses pra gente ficar imaginando, idealizando... mas é tudo bobagem..."

Ao perguntar se ele já tinha se imaginado, em alguma outra época de sua vida, sendo pai, disse: *"Eu lembro, eu já **cheguei a me imaginar, várias vezes, sendo pai nessas circunstâncias, jovem e por um acaso**, mas sempre no campo da pura fantasia".*

Ou seja, Gustavo admite que era uma fantasia recorrente, mas ele não conotou como desejo. Inclusive, em seguida banalizou a informação que acabara de transmitir: *"É, imagino, como já me imaginei tendo um acidente de carro. Eu imagino tudo. Mas de fato, passar a acreditar, é um grande salto".*

Procurei focar mais nos seus sentimentos durante essa primeira semana, e foi quando ele revelou:

"Era uma confusão, um misto de felicidade e alegria, chorava, não sabia se... era uma confusão emocional gigantesca..."

*"Num primeiro momento só me vinha '**Eu tenho um filho**'... (porque) a questão da paternidade, de **ser pai em si**, pode ser que até agora não esteja caído no seu devido arquivo, aqui na minha cabeça. É um negócio que vai indo todo dia..."*

Continuando:

*"Acho fundamental essa idéia de **ir virando pai**, porque eu acho que **a mãe... vai tendo as mudanças físicas dela durante***

nove meses e aquilo ali faz com que ela vá se acostumando com a idéia de ser mãe. Ela olha para ela e se conforma com aquilo. Já o pai não, não acontece nada, parece que a mulher está engordando, você não sente as mudanças... Agora, depois que o bebê nasce, é que de fato começa a mudança, o choro, o sono às 4 horas da manhã... É nesse período que começa de fato 'cair a ficha' pro pai."... "Por isso que eu acho que a relação do pai, não sei se é mais superficial, mas é mais em cima disso. Enquanto a da mãe é mais carnal, né? Por causa do leite... Quem acaba se apegando mais é a mãe, enquanto para o pai é impossível estar presente todo dia, inclusive pelo trabalho."

Para Gustavo, muito mais importante do que falar do desejo (que me pareceu um tema bastante complicado naquele momento de sua vida, até certo ponto insondável), foi diferenciar entre **ter um filho** e **sentir-se pai**. A idéia de que se tornar pai pode ser entendido como um processo pareceu soar reconfortante para ele, acolhendo sua própria experiência de só gradativamente ir se dando conta da dimensão das mudanças que tal fato acarretava em sua vida.

A ambivalência parece estar sendo a característica predominante de sua experiência emocional, dificultando a ele defini-la. Emociona-se e se envolve ao mesmo tempo em que gostaria de se livrar do ônus que acarreta em sua vida. Com dificuldade de abraçar o fato que não fora planejado e que atropela seus projetos pessoais, e com igual dificuldade de não abraçá-lo, procura pautar-se pelo modelo de correção e caráter oferecido pelo seu pai, pessoa admirada por Gustavo. A impossibilidade, porém, de reproduzir o pai em seus valores e atitudes é fonte de conflito e sentimento de culpa, que procura driblar com pensamentos positivos,

segundo ele, que diz ter consciência de suas dificuldades para lidar com o real:

“Tendo a imaginar que tudo vai ser sempre muito bonito, muito fácil”.

Ao tentar explicar a diferença de significado entre **ter um filho** e **sentir-se pai**, expõe tanto o lado prazeroso, quanto o custo que essa vivência está adquirindo para ele:

*“Ter um filho, qualquer um pode ter, vai lá e faz. Sentir-se pai é uma questão acho que principalmente de **auto-percepção**, **você saber o que é que você tem que deixar de lado para poder de fato ser pai...** Pra mim, eu acho que **o ponto principal que mudou foi a questão da doação, principalmente do tempo.** O tempo que você deixa de se doar é principalmente o **desprendimento das suas próprias vontades**, em função de um ser que é uma parte de você. Isso é ser pai... Como jovem, você vai querendo fazer as suas próprias coisas... **eu ainda queria viver um período de auto-investimento, estudar, ... mas minha mulher ia ficar um caco se tivesse que cuidar sozinha do nenê.** Além disso, **cuidar é prazeroso**, por exemplo, dar um banho no neném, e essas coisas vão fazendo você se dar conta que novas responsabilidades vão surgindo a cada dia. Pessoalmente, digo, o egoísmo, é uma questão que vai se esvaindo com o tempo, conforme você vai amadurecendo.*

Parece que **o que demarca os territórios é a disponibilidade para o envolvimento, implicando-se numa relação com esse filho.** Mais adiante ele fala

sobre como a experiência de ‘ter um ser que depende de você’ trouxe para ele a **consciência mais ampla da interdependência:**

*“Antes de virar pai, você acha que as pessoas vivem suas vidas independentes de você, o que talvez não seja verdade. Mesmo alheio às vontades dos outros, você muda as pessoas que estão à sua volta. **O filho, eu acho que traz essa noção, de que você é capaz de realmente mudar o meio em que você vive**”.*

Seidler (2000) aborda esse assunto quando se refere ao mito da auto-suficiência, bastante cultivado como um valor na cultura patriarcal, como se a independência em relação aos outros representasse alguma espécie de ‘força’ ou ‘poder’. Contrapondo-se a isso, Gustavo parece captar, a partir de sua experiência, o lado positivo da vulnerabilidade, a capacidade das pessoas interferirem umas nas outras, o que torna todos expostos a uma espécie de fragilidade que os humaniza. Sua fala traz essa conotação e revela que ele se encanta com isso, como uma descoberta.

MODELOS DE PAI

Desde muito cedo (11 anos), Gustavo trabalha com o pai e se refere a ele com muita admiração. Quando eu pergunto sobre pessoas que representem modelos de pai e que tenham se tornado uma referência para ele na hora de ser pai, demonstra sua forte vinculação com o pai:

“Em relação ao meu pai, eu não posso reclamar em hipótese alguma. Admiro, gostaria de poder copiá-lo como pai. Vejo que as circunstâncias diferentes dificultam um pouco, quero dizer, ele, muito ‘caxias’, teve um filho na hora que quis ter um filho, depois que se casou e se mudou lá para casa, tudo bem certinho, por uma educação, na medida do possível, bem certinho. Ele foi impecável na hora de tentar transmitir os valores que tinha para mim, que não são poucos. Eu, talvez pela idade, talvez não tenha tantos valores quanto ele que eu possa transmiti-los para minha filha, mas se tem um modelo de pai que eu admiro, acho que é o meu, e não é por falta de conhecer os pais dos outros”.

Assume seu pai como modelo, mas tem dúvidas sobre a sua possibilidade real de reproduzi-lo, destacando as circunstâncias tão distintas: *“meu pai fez quando e como ele quis e comigo aconteceu!”*

Gustavo encontra-se frente à conjunção de mudanças simultâneas que vem enfrentando: sair da casa dos pais e passar da condição de solteiro para casado; ver-se como pai e ter alguém que depende dele materialmente; sustentar-se e sustentar sua nova família; ter o compromisso de educar alguém; investir numa profissão visando o ganha-pão (precocemente, segundo os padrões de sua classe social) e não a realização pessoal, deixando para segundo plano o que ele chama de *“necessidade de um período de auto-investimento”*, onde atenderia a outras demandas internas como estudar e se desenvolver na profissão por ele escolhida (diferente da que exerce com o pai), ou ainda disporia de seu tempo para necessidades pessoais *“como criatividade e sono”*. Sua situação é conflitante e isso

o leva a definir “o que é ser pai para você, pensando na experiência que você está tendo?”, conforme perguntei: *“É uma pergunta difícil, mas eu acho que é principalmente o **desprendimento das suas próprias vontades**, em função de um ser que é uma parte de você”.*

Velázquez verificou em sua pesquisa que a paternidade é frequentemente identificada como uma fase de maior responsabilidade, que implica em priorizar vínculos que a partir de então se estabelecem, comprometendo assim o investimento nos interesses individuais. Isso pode adquirir conotações diversas em função do momento de vida da pessoa. No caso de Gustavo, isso pode representar um peso, especialmente por ter que abrir mão de atender a necessidades pessoais sem que esse fato tenha sido uma escolha.

Pensa um pouco mais e, como em vários outros momentos da entrevista, desenvolve um argumento na linha da ‘**conformação**’, termo também utilizado por ele: *“Alias, pensando bem agora... analisando... mas você **dar tempo para o seu filho não deixa de ser você dar tempo para você, afinal de contas ele é uma parte de você.**”*

Este comentário parece revelar, paradoxalmente, uma disposição favorável para superar as inevitáveis frustrações, por um lado, procurando lidar de uma maneira ‘elevada’ com elas através do desapego; mas também demonstra, por outro, sua disponibilidade para ver-se confundido com o filho e – porque não? – talvez também com o próprio pai, o que fica mais claramente sugerido na continuidade do depoimento, como veremos a seguir. Se o caráter simbiótico na relação com o filho pode ser compreendido em função da idade do mesmo, ainda

bebê, já a sua preservação no vínculo com o pai sugere alguma indiscriminação e desperta outro tipo de avaliação. Ficam apenas indicadas, como sugestão, tanto a postura do ‘despojamento’ quanto a hipótese da ‘despersonalização’.

No mesmo sentido de ‘conformar-se’ com a sua nova condição, acrescenta o seguinte comentário:

*“Outro dia estava lendo num jornal como Vinicius de Moraes convenceu um desenhista a ter um filho. Dizia: ‘**Você só vai conseguir compreender seus pais quando você tiver um filho, essa é a principal razão pra você ter um filho**’, e em cima desse argumento o desenhista se rendeu. Essa foi a frase mais certa que eu ouvi com relação a isso.”*

O que chama atenção particularmente nessa fala é a **valorização do vínculo com o pai**, tendo este **prioridade em relação à própria experiência de paternidade**, podendo **extrair, do estreitamento da relação com o pai, um sentido para o relacionamento com o filho**. Ou seja, a relação, por si mesma, com o filho ainda não é suficiente para sustentar um projeto, e por isso está tão difícil assimilar a experiência de ter se tornado pai. Já a relação com o pai é carregada de valor e merece o investimento, com a finalidade de apropriar-se mais dela e, quem sabe, por fim compreendê-lo. Concluindo, **ter um filho poderia estar a serviço do fortalecimento dos vínculos de aliança com o próprio pai**.

Também em outros contextos **a relação com o pai/pais sobrepõe-se emocionalmente, em intensidade, à relação com a filha**. Frente à pergunta sobre a ‘afetividade do pai’, como ele vê hoje e como já foi na nossa cultura, direciona sua

resposta para o próprio sentimento e afetividade, comparando o que ele sentia pelos pais com o que sente hoje pela filha. Um exemplo é quando fala da saudade que sentia na infância quando viajava com a escola ou quando era deixado pelos pais que viajavam a trabalho, tão diferente dos ambivalentes sentimentos que experimenta agora quando ele próprio, como freqüentemente o faz, viaja a trabalho – com o pai – por longos períodos, como um mês. Entretanto, embora essa comparação tenha partido de sua iniciativa, não se pode deixar de observar que, nesse caso, há outros fatores envolvidos, como o próprio processo de amadurecimento e diferenciação, oferecendo distintos recursos emocionais para se lidar com o sentimento de falta.

*“Eu posso falar pela minha experiência bem pessoal: **eu sinto quando passo uma semana longe da minha filha que existe saudade, mas não é algo intenso**, assim como eu tinha quando eu era pequeno e saía de casa por uma semana, nas férias, e eu sentia saudades dos meus pais. **Hoje é uma saudade tênue ainda e você passa muito bem...**”*

*“A saudade que eu tinha pelos meus pais era forte, era uma saudade intensa... **você é muito pequeno, ficar longe dos pais você sente uma coisa que te transtorna!** Quando eu passo uma semana, um mês longe da minha filha, como foi agora o caso, eu sinto uma saudade, mas não é nada que me tire dos eixos. Só que quando você chega em casa, e vê o nenenzinho, de braços abertos, é tão emocionante... **Aí, você fica dividido: quando você está junto com o nenê é ótimo, é maravilhoso, mas não é ruim quando está sem.**”*

Percebe-se, no depoimento, que ele é afetivo com a filha (no sentido de deixar-se afetar por ela), mas que o vínculo está ainda em construção, sujeito a mudanças, inclusive em função das revelações que a própria filha vai fazendo dos seus sentimentos por ele, na medida em que desenvolve seu potencial para interação. Ele mesmo admite:

“Isso eu acho que é uma coisa que vai se transformando. Antes eu não achava tão bom quando estava junto com a minha filha. Quando era prematura [ato falho], digo, recém nascida, ela era ainda aquele ‘ratinho’, eu não conseguia... não pode tocar aqui, ali... hoje eu pego à vontade, viro de ponta-cabeça, abraço e então começa a ser mais divertido. Ela dá sorrisos pra mim quando eu faço uma brincadeira...”

O ato falho não passa despercebido, embora ele tenha prontamente se auto corrigido. Parece fazer menção ao fato – este sim efetivamente prematuro – dele mesmo ter se tornado pai. Assim, prematura é a sua experiência de paternidade e daí advém os sentimentos de ‘não achar tão bom’ e de ‘não conseguir’. **A precocidade seria responsável pelo seu investimento estar tendo que se dirigir à outra pessoa, e não a si próprio.**

Nesse contexto das viagens a trabalho se insere um outro comentário diferenciando o valor de pai e mãe, que deu margem para novas explorações sobre seu vínculo com os pais:

“É engraçado, uma coisa que me alertavam muito e que eu não senti é a questão do ciúme da mãe com a filha... A única coisa que pude perceber é que quando eu volto de viagem, e isso é uma coisa evidente, quando chego perto da minha mulher, minha filha começa a chorar, ela sim tem muitos ciúmes da mãe...”

*“...porque surge certa insegurança. **Você chega e ela não se apegava ao pai, que pode ser que suma no dia seguinte, de novo.** Porque eu fico mais de um mês. Então ela fica cheia de reticências, mas da parte da mãe...”*

Nesse momento confirmo sua abertura para perceber os sentimentos da filha frente à falta de uma estabilidade, mas retorno à sua relação com seu pai:

B – “Você compreende um sentimento dela, como se ela pensasse que você pode sumir. **E você, consegue lembrar se também você sentia que seu pai ‘sumia’? E como você se via em relação a isso?”**

Ele prontamente confirma, mas protege o pai de qualquer ressentimento de sua parte, reafirmando seus “valores impecáveis” conforme nomeara no início:

***“Ah, sim, direto. Antes de eu começar a tocar com ele, ele viajava muito! Muito!** Muitas vezes com a minha mãe, muitas vezes não. **Ele sempre tentava me levar junto, quando possível.** Eu perdia muitas aulas no colégio... É uma coisa que ele preza muito. Ele até hoje em dia sempre fala que **ele não gosta que eu trabalhe demais e não fique com a minha filha.** Uma coisa que ele preza é o tempo dedicado à filha principalmente nesse começo, e ele fala, porque é isso que ele fazia. Na concepção dele,*

conforme o tempo vai passando você pode ir se desvencilhando, e a criança vai ficando mais sozinha.”

*“... Ele preza muito a dedicação dos dois, mas principalmente da mãe, no caso. (Ri, insinuando proteção paterna) Na verdade... **no meu caso, como sou filho dele, ele gostaria que eu não trabalhasse só para ganhar dinheiro para sustentar. Ele gostaria que eu estudasse, é natural... que eu estivesse investindo...**”*

Outro exemplo que também revela ambivalência de sentimentos surge quando pergunto sobre mudanças que ele observa na sua relação com o trabalho em função do fato de ter virado pai:

*“Eu acho que caiu uma ‘bomba’... Quando você tem um filho, aí cai a ficha de vez que você de fato tem que agir, porque se você não age, as coisas não acontecem... Porque **você tem que correr atrás do trabalho, aquela passa a ser a sua preocupação.** Isso é bom, por um lado, porque afinal de contas eu vou, ainda jovem, se tudo correr bem, estar consolidado no mercado..., vou conseguir ter uma obra, isso em relação à idade... Ainda tem uma parte boa que é eu poder começar, de fato, a me envolver a sério com o trabalho. Porém, isso é uma faca de dois gumes, **isso é o principal nó na relação que eu tenho com a minha filha**, porque é o **que me evita de ter que ver ela todo dia,** porque eu tenho que trabalhar. O fato de eu ter que trabalhar me **impossibilita de poder dedicar** o tempo necessário para a minha filha”.*

A construção da linguagem, especialmente a multiplicação dos verbos “*me evita de ter que ver ela todo dia*” reforçou a mensagem de conflito, sugerindo a idéia ambivalente de que, muito além de estar impedido do prazer de conviver em função dos compromissos profissionais, tais **obrigações o poupavam, de alguma forma, do desgaste da convivência**. É mais fácil dizer ‘não posso estar com ela o tempo todo’ do que assumir ‘não quero estar com ela o tempo todo’, porque, embora o desejo tenha realmente um limite, paradoxalmente cultiva a convivência com a filha como um valor, especialmente herdado de seu pai. Poderia ter dito simplesmente ‘o trabalho me **impede** de vê-la todo dia’, caso isso fosse um problema ou mesmo uma frustração, mas não um conflito. A expressão “*ter que ver*” denunciara o tom de obrigação. Para esclarecer sobre a existência e a forma desse conflito, perguntei:

B – “Você **sente falta**, pessoalmente, de ter mais tempo pra ficar com ela? Ou você acha que **deveria** estar mais tempo em casa? O que pega mais quando você fala dessa ‘faca de dois gumes’?”

E ele responde:

*“Por enquanto, cada vez menos, eu tenho me pegado mais pelo lado racional da coisa, pelo compromisso em si, imposto, eu tenho que estar lá, presente. Mas, como eu falei, **ser pai é uma coisa progressiva, o relacionamento afetivo com a criança vai surgindo a partir do momento que nasce, ele vai crescendo.** Cada vez menos vem se tornando um compromisso formal, e **mais um compromisso afetivo.** Mas por enquanto, eu ainda posso dizer que existe um equilíbrio. E falando bem sinceramente: eu estou*

*viajando e **existe um misto de saudades com alívio, porque eu descanso, porque eu posso dedicar 100% do meu dia às coisas que eu quero fazer e que 'dão na minha telha'...** Que a minha mulher não saiba disso, mas que é verdade, é..."*

Em seguida comenta o que teve oportunidade de observar entre colegas de trabalho que também tiveram filho, no sentido de, assim, não se ver como o único com essas dificuldades:

*"Porque **no começo**, você não se acorda mesmo, **está lá o nenê, ele nem gosta de você, ele só quer saber do peito da sua mulher...** Acho **que esse colega ficou tão perturbado com o negócio, que ele não agüentou a bucha**, definitivamente, a ponto de montar uma cabana lá na empresa, e dormia lá várias vezes dizendo que estava economizando gasolina, mas como eu era o único pai entre os outros ali, eu de fato sabia que isso não tinha nada a ver, isso da gasolina, você sabe que **ele não queria voltar para casa porque queria poder dormir uma noite inteira**, porque ele quer fazer as coisas dele, é evidente, você não tenha dúvida..."*

*"Eu já tinha a minha experiência, já sabia do que se **tratava**. E foi acontecendo assim, passo a passo, o que eu falei: **no começo da gravidez, o relacionamento com a mulher se desgastava**, porque as mudanças hormonais mudavam o humor dela. Depois quando chegava **no terceiro mês depois do nascimento, daí as coisas degradingolavam de vez**, por que **era um horror aquela história de ficar acordando toda noite...** Foi passo a passo, tudo o que eu falei para ele, aconteceu..."*

Essa fala espontânea demonstra suas dificuldades, seu sofrimento, seu despreparo para enfrentar demandas tão concretas e mesmo corporais. Não admira o colega, mas se identifica com ele; mira-se no pai, mas nem sempre pode reproduzi-lo. Quando pergunto o que espera de si como pai, revela a **consciência que tem de sua dificuldade em assumir o real**, muitas vezes **tendendo a idealizar, fantasiar**:

*“Acho que as esperanças que tenho em relação a mim mesmo, não fogem daquele mesmo processo que eu vivi durante a gravidez, de **imaginar que tudo vai ser sempre muito bonito, muito fácil**. Mas não é por isso que eu vou deixar de acreditar que é possível. Não sei se me imagino um tipo de pai. **Mas tenho vontade de ser um pai companheiro, de ser um amigo da minha filha, de poder, assim como meu pai, transmitir aquilo que eu penso, os meus valores e, sobretudo... as coisas que eu gosto e que eu não gosto**. Tenho vontade que ela seja crítica, tenha um senso crítico das coisas e não seja uma pessoa ‘bum-bum’ (risos).”*

Frente à pergunta sobre que apreensões estariam por trás da sua dificuldade de assumir o real, que temores teriam sido evitados e com que fantasias, responde:

*Eu creio que **os temores começam a ser suplantados por visões, por vislumbres que são fantasiosos**. Acho que é uma **saída da psique da gente, para não se desesperar**, porque se eu naquela época fosse capaz de ter uma noção concreta – isso é engraçado, minha mãe falou, mas eu não acreditei, mas agora eu*

vejo que é verdade –, se eu soubesse naquela época o quão trabalhoso seria cuidar de um bebê, e está sendo e vai ser cada vez mais, eu teria desistido: “não, não quero isso!” Naquela época, você vai criando outras imagens na sua cabeça, você acha que vai pegar um emprego e não vai ter que se preocupar em ganhar dinheiro. Que vai voltar feliz pra casa todo dia, vai ver sua filha, vai dar banho, vai ser sempre tudo muito legal. Você nunca vai esperar que depois de um ano, sua filha não durma de noite. Você não consegue se imaginar, depois de um mês, sem dormir. É difícil o estado que você fica. Mas existem momentos de aflição, apesar disso, principalmente no começo.

Conversando sobre a clássica figura do ‘pai ausente’ na nossa cultura e as transformações a que temos assistido na estrutura familiar e no papel de pai, Gustavo evita se comparar com seu pai e parece preservá-lo de críticas, mas inclui a figura do sogro, deixando implícita uma reflexão sobre as mudanças no papel do homem, onde a crítica se distribui entre o papel antigamente atribuído ao homem e o caráter e intenção do sujeito que o desempenha:

*“Meu sogro tem quase oitenta anos. Minha mulher me conta muito que **ele não pegava nela, quando ela era bebê... só depois de um ano.** Não trocava uma fralda, não fazia absolutamente nada. **A minha sogra diz que ele tinha medo. Eu acho muito fácil, o sujeito fica fumando charuto o dia inteiro...** Ele não gostaria de fato de ter o trabalho de trocar a criança. É uma marca forte. Mas isso é de certa forma aceito e foi passando pelo tempo. E aí isso acabou tomando uma outra figura, outra cara. (Hoje) não se preocupam*

mais com os que querem de fato estar ali junto e não podem, porque têm que trabalhar (risos, numa clara menção a si)."

Esta última frase se relaciona com uma crítica que fizera, em outro momento da entrevista, dirigida às mulheres em geral, frente à pergunta sobre o que a sociedade espera de um pai. Ressentido com a falta de reconhecimento por parte delas quanto ao seu esforço, de certa forma responsabiliza homens como seu sogro pela fama que o gênero masculino hoje carrega:

*"Uma coisa que eu poderia me queixar, que, de certa forma vem me incomodando em meu relacionamento social quanto ao fato de ser pai, é... como se fosse **um preconceito que as mulheres têm de que os maridos não ajudam as suas esposas...** Por exemplo, minha mulher teve um desmaio e quando eu comentava isso com os homens, eles perguntavam 'mas ela está bem?' Já as mulheres tinham uma tendência absurda de achar que a culpa foi minha, que eu não fui solidário o suficiente com ela a ponto de ter evitado que ela se exaurisse dessa forma: 'Você não ajuda ela?'"*

Nesse grupo de mulheres incluí suas amigas, a mãe, as mulheres mais próximas. Não espera ser compreendido ou valorizado por elas. Já quando se refere aos homens, encontra reciprocidade, assim como a relação com o pai incluí a confiança numa reciprocidade que o permite orgulhar-se do pai e percebê-lo orgulhando-se dele, tanto baseado em suas atitudes atuais como nas recordações. **Reforça mais uma vez o vínculo com seu pai referindo-se à capacidade que o**

filho tem de interferir no processo de transformação do pai e como só pôde tomar consciência disso por se tornar também ele pai:

“É uma turbulência de fatos que você vai se recordando... dá para você analisar a mudança que ele teve enquanto pai... eu vou me lembrando dos meus 5, 6 anos de idade e aí eu monto um quebra-cabeça de pequenas atitudes que eu vejo que foram se transformando ao longo do tempo. Por exemplo, meu pai é um sujeito explosivo, mas eu notava nele um estranho constrangimento de ficar nervoso na minha frente, e isso foi mudando drasticamente, hoje você não vê ele levantar a voz por nada no mundo, graças a Deus... e você vê que o seu pai não faria por qualquer outra pessoa se não fosse o seu filho, ele só toma aquela atitude porque você é filho dele...”

Mais adiante, completa:

“Se eu não fosse pai, eu nunca me daria conta disso, e creio que isso vá num crescendo, porque minha filha tem um ano, e você vai percebendo isso, e ainda vão ter os próximos 20 anos para eu perceber a relação que meu pai teve comigo nesses 20 anos... Ele mudou em função do filho!”

Conclui dizendo que ele também pretende saber fazer isso pela sua filha: “... talvez a primeira delas seja eu poder dedicar cada vez mais tempo. **Poder dedicar! Porque não basta você ter tempo, você tem que mudar na sua cabeça que aquele tempo tem que ser dado para a sua filha”.**

Um momento importante da entrevista é quando Gustavo **assume a própria ambivalência** ao admitir “um misto de saudade com alívio” que vivencia nas situações de viagem a trabalho. Apesar do sentimento de culpa que provoca, alguma **intimidade consigo está preservada**. É o que permite a ele compreender o que se passa com o colega “perturbado”, como ele diz, numa espécie de cumplicidade.

Entretanto, não há complacência: poupa o pai, mas critica o colega, o sogro e as mulheres. No tom irônico com que desmascara o colega, agressivo e impaciente com que se refere ao sogro e ressentido com a incompreensão das mulheres, deixa transparecer o sentimento incômodo que permanece com ele, possivelmente na forma de um sentimento de culpa, denunciando que seus mais sinceros sentimentos não se harmonizam com o que ele acharia mais ‘louvável’ sentir.

Contrapondo-se a esse desconforto, Gustavo revela, através de diversos comentários, o lugar que parece o mais confortável de ocupar: o de filho. Talvez mais significativa que a polarização por ele inicialmente apontada entre ‘ter filho’ e ‘sentir-se pai’, esteja a polaridade ‘ter filho’ versus ‘ser filho’, expressiva do conflito que ele enfrenta. Tendo recebido, ao que tudo indica, grande investimento afetivo por parte do pai – ao contrário do padrão de ‘pai ausente’ comentado por Corneau, que marca com sua falta, mesmo quando presente fisicamente, por não se pessoalizar na relação com o filho –, esta parece ter se tornado uma situação também complexa: trata-se de um pai que se fez excessivamente presente na vida do filho, por tê-lo valorizado e apostado nele a tal ponto que, como diz Gustavo: **“eu não posso reclamar em hipótese alguma. Admiro, gostaria de poder copiá-lo**

como pai". Tal benefício, entretanto, parece transformar-se numa **dívida impagável**, porque um pai considerado "*impecável*" – em seus valores, comportamentos e caráter – não revela sua falha, contrariando o 'destino' de todos os pais, que é o de ser superado pelos filhos. A gratidão por parte do filho é tamanha que fica difícil diferenciar-se desse pai, opor-se a ele, sob o risco de contrariá-lo, frustrá-lo, ficando assim, o filho, aquém da possibilidade de realizar-se.

É possível que o filho se sinta enredado nessa teia familiar que deu para ele 'o melhor': um pai que se orgulha dele, mas que, paradoxalmente, sem o perceber, suprime-lhe o básico: a liberdade para trilhar o próprio caminho. Mesmo cheio de qualidades, talvez Gustavo se encontre, em alguma medida, capturado pelas expectativas do pai, como se faltasse a ele ainda recursos internos para assumir um movimento contra a corrente, sem sucumbir à culpa.

Stein (1978) alerta para os perigos de uma relação idealizada com o pai, quando este não se descola da dimensão arquetípica aos olhos do filho. A admiração, preservada nesse nível, não favorece a humanização e cria resistências à passagem de fase. Essa dinâmica dificulta o crescimento pessoal ao fixar o filho, complementarmente, no papel de filho. Essa, como qualquer outra fixação, dificulta a conquista da postura de alteridade, que precisa contar sempre com flexibilidade para poder descobrir a pessoa do outro.

A busca de relacionamento amoroso com mulher bem mais velha pode confluir na mesma direção, de fixar, também por outro lado, o papel de filho. Isso sugere, embora faltem elementos para aprofundar essa hipótese, de que o filho está enredado também com a mãe.

Para concluir, quero comentar sua última frase, reforçando a mesma interpretação. Sente-se de tal maneira orgulhoso pelo fato do pai ter se mudado por ele – o filho –, que este parece ser o maior presente que a paternidade lhe deu: descobrir-se tão importante para o pai. Isso parece fechar o ciclo, na medida em que virar pai o torna ainda mais orgulhoso da condição de filho.

MARCELO

“Pai tem que ser a figura mais forte do mundo”

“Eu quero ser um ídolo pro meu filho, não quero que meu filho me sinta como uma pessoa fraca”.

“Até hoje sinto falta de um direcionamento que vem do pai como figura maior”.

DESEJO DE TER FILHO

Marcelo tem 34 anos e um relacionamento de 8 anos com sua companheira, sendo casado a 7 anos. Tendo havido dificuldade para engravidar, enfrentaram um tratamento que foi abandonado depois de oferecer sérios riscos de vida à mulher. Surpreendentemente, tempos depois a gravidez ocorreu e, no momento da entrevista, aguardava o nascimento do seu filho para os 15 dias seguintes.

Marcelo trabalha com o pai, de quem tem muitas e antigas queixas: um relacionamento distante, sem intimidade, que não lhe propiciou um reconhecimento pessoal e não ofereceu a segurança esperada. Um pai inseguro, na sua opinião, muito aquém do “ídolo” que ele espera da figura de um pai.

Com relação à motivação para ter filho, conta que esse desejo é cultivado com a companheira desde a fase do namoro, em fantasias muito positivas:

“Desde que nos conhecemos, sempre escolhemos nomes pros nossos filhos, mas nunca olhando eu como pai”.

*“Gosto muito de crianças, sou ligado nos sobrinhos, palpitava como pai. **Mas não me imaginava como ‘pai’, sempre***

me senti criança, até hoje. Mas eu curtia ao mesmo tempo a idéia:
‘Um dia eu vou ter um filho’.

O desejo de ter filho é expresso, compartilhado com a parceira e, portanto, assumido há bastante tempo. Há uma cumplicidade dentro da conjugalidade, em torno desse projeto de futuro. Não fica claro, ao longo da entrevista, se Marcelo cultivou em outros momentos de sua vida, consigo mesmo ou em fantasia compartilhada com outras pessoas, o desejo de ter filhos, fora dessa relação, mas comenta que gosta muito de criança e que é *“ligado nos sobrinhos”*, o que já extrapola este relacionamento. Entretanto, por alguma razão, parece ‘namorar’ essa idéia de ter um filho como uma espécie de ficção, como se não a deixasse encorpar, tomar forma. Não sendo internalizada, não semeia, ou melhor, **adia um processo de transformação de sua auto-imagem que faria surgir, a partir de dentro, a figura de um pai com o seu perfil**. O que se pode ver mais adiante nesse depoimento, especialmente quando ele fala do seu modelo de pai e de suas próprias expectativas como pai, é que **enquanto não nasce em si próprio a identidade de um pai, a paternidade arrisca-se a de ser reduzida a um conjunto de papéis e idealizações** definidos a partir de condicionantes ou expectativas externos.

“Não me via como pai... (Esses confrontos) só estou fazendo agora”.
“Tenho que cuidar de alguém, dar educação...”

Seu discurso vai permitindo que se construa a idéia de que a falta de um modelo positivo o leva ou a não se ver como pai, ou a idealizar demais esse lugar – o que pode dar no mesmo ponto.

Embora profissionalmente Marcelo ocupe um cargo importante numa empresa, onde trabalha com o pai, do ponto de vista emocional considera-se, como ele diz, *“uma criança”*. *“Sempre me vi como um menino”*. Esse é um aspecto que vai se manifestar em vários momentos da entrevista, especialmente – a meu ver – naqueles onde aparece sua forte tendência à idealização da figura de pai, quando revela sua dificuldade de encarar concretamente as mudanças que já se anunciam tão proximamente. Frente à pergunta se ele acha que isso pode mudar quando ele se tornar pai:

“Eu pretendo continuar com o meu lado criança, apesar de (no trabalho) eu ser muito responsável. Acho que até extrapolo e preciso tomar cuidado porque posso esquecer um pouco esse ‘lado criança’. Quero tentar conciliar isso e tentar ser o ‘mais criança’ possível com ela... (a filha) pra ela aproveitar esse meu lado, e acho que isso vai me ajudar muito e a ela também”.

“Eu quero as duas coisas: ser a referência, e ser responsável, mas também ser aberto e ser criança. Será que eu vou conseguir? É o que eu busco e eu vou tentar me policiar nesse sentido”.

Observa-se, no entanto, que essa qualificação de si mesmo como *“criança”* alterna de valor conotativo conforme a situação: é positivo quando afirma que vai preservar seu ‘lado criança’ para se relacionar com sua filha, mas negativo quando se queixa do pai que até hoje ainda o vê como criança: *“Meu pai até hoje tem dificuldade de reconhecer que eu sou um adulto”*.

Há um tom paradoxal na maneira como ele busca, ao mesmo tempo, leveza e abertura para preservar-se ‘criança’ – *“não quero perder esse ‘lado criança’, eu quero brincar!”* – mas propõe-se a tentar consegui-lo através de um ‘auto-policimento’, recurso que não parece harmonizar-se com o ‘relaxamento’ característico do ‘espírito criança’. O potencial para a sensibilidade, que tem a flexibilidade como um valor, a abertura para o novo e para a despreocupação, parece submeter-se à disciplina, ao endurecimento, ao ‘policimento’. **A sensibilidade contracena com a sua rigidez.** Como se a partir disso, o valor ‘ser criança’ se tornasse uma regra e estivesse assim, sujeito a um endurecimento. Aliás, Marcelo tem consciência da sua rigidez e explicita isso mais adiante, quando se refere ao seu papel de educar: *“Eu sou rígido e preciso tomar cuidado um pouco com essa rigidez... E contar com minha mulher pra me ajudar a não ser muito assim. Quero achar a medida certa”*.

Foi uma gravidez muito desejada, mas também muito difícil. O tratamento, depois de levar a mulher à UTI, foi interrompido *“porque ela sair com vida era a vitória”...* *“Eu achei que provavelmente não teríamos mais essa chance. A gravidez foi surpresa. Veio esse presente!”*

Ainda sobre o desejo, em outro momento comenta: *“Havia muita pressão da família, queriam muito. Acho que isso afetou ela”*. No caso, refere-se à interferência – não positiva – do desejo por parte dos outros, segundo ele. Comunica a idéia de um desejo alheio e invasivo.

Um comentário breve sugeriu a idéia de que haveria de sua parte preferência por um filho do sexo masculino, mas isso não foi assumido:

*“Não vejo a hora de conhecer a Joana e começar essa relação. Me vejo muito feliz. Acho que vai ser muito bom ela ser uma menina porque **eu vou poder exercer tudo aquilo que eu gostaria de ter e dar para um filho, com uma menina**, que eu acho que é a mesma coisa. Talvez não tenha a mesma relação – que eu não tive – e acho que a mãe dela vai ter que fazer esse papel, a meu ver. Esse papel da intimidade entre mulheres”.*

A preferência por um dos sexos é um aspecto interessante para se observar, pois a depender do peso que tem esse elemento na constituição do desejo do homem de se tornar pai, pode ajudar significativamente na compreensão do **sentido** que a participação no ato de procriar, tão universal, adquire no contexto de vida daquela pessoa. Subjetivamente, ter um filho menino pode representar para este pai a oportunidade de, **compensatoriamente, desenvolver com ele o relacionamento íntimo que não teve com o seu pai** e assim, finalmente, **satisfazer-se em um desejo antigo**, que é o da ‘**relação de intimidade entre pai e filho**’, mesmo que agora com as posições invertidas. Entretanto, sua declaração vai além de sugerir essa preferência, pois parece ter a intenção de transmitir sua pronta disposição para se alegrar também com a filha, transferindo para ela tudo o que gostaria, em seu desejo genuíno, de realizar com um filho, com quem ele teria provavelmente mais facilidade para se identificar. Ao que tudo indica, não pode se ver, como homem, tendo intimidade com uma filha, mas consegue imaginar-se assistindo a intimidade de sua esposa com sua filha, o que já lhe propicia algum prazer.

Verifica-se um duplo deslocamento: na ‘relação pai-filho’ – dele como filho para ele como pai; da ‘relação pai-filho’ para a ‘relação mãe-filha’, a qual ele poderia assistir com intimidade, por estar tão próximo e por consentir: é uma forma de participação. Ambos os deslocamentos solicitam do sujeito alguma **maturidade para poder desfrutar dessa outra forma de prazer, fora do idealizado**. E contam também com a presença de um elemento fundamental sem o qual uma pessoa não tem **prazer com o prazer do outro: a generosidade**. Interessante observar tais características no discurso de um sujeito que se vê como criança. Pois sua fala, em vez de passar a idéia de alguém que ‘se conforma’ com a filha, como se ela fosse uma imperfeição, sugere uma riqueza de recursos internos, própria de quem vivencia uma multiplicidade de faces de um desejo, a complexidade dos nossos lados mais profundos, mesmo que isso não seja consciente. Fica aqui uma sugestão de que, **apesar dele se ver como ‘criança’** e em, alguns momentos, revelar tendência à idealizar, **há aspectos de maturidade emocional que também compõem sua forma de vivenciar essa transição para a paternidade**.

Essa questão da preferência inicial por um sexo e os desdobramentos acima apresentados, são hipóteses levantadas a partir do fato de Marcelo ter comentado longamente durante a entrevista sobre as **dificuldades de relacionamento com seu pai**, chegando a dizer que apreciava a admiração com que outros meninos olhavam o próprio pai.

“Faltou, pra mim, poder olhar pra ele como se ele fosse meu ídolo. Meu pai... não estava próximo, não sabia se o filho estava indo bem ou não na escola. Não tive conversas mais íntimas. E o que eu não tive, eu quero tentar...”

*“Eu quero ser uma referência, como pai. **Não quero que meu filho me sinta como uma pessoa fraca... Eu quero ser um ídolo pro meu filho**”.*

*“**Quero que meu filho saia pra correr comigo, eu daria todas as oportunidades pra ele ser um esportista**”.*

A ênfase dada às dificuldades enfrentadas historicamente na relação com seu pai – e que se prolongam até o presente – nos permite perceber que **essa experiência de agora ‘trocar os papéis’ carrega uma intenção reparadora em relação à própria infância**: *“Quero ser diferente do meu pai, fazer o que não fizeram comigo”.*

Até mesmo pequenos exemplos como a disponibilidade para apoiar o filho nos esportes, podem ter um significado dentro desta dinâmica. É uma hipótese que levanto a partir da informação de que Marcelo iniciara a faculdade de Educação Física, mas abandonara para cursar outra que o habilitou para o seu trabalho atual, junto ao pai. Estaria, dessa forma, compensando desejos não realizados, projetos que não levou adiante.

Sendo assim, o **desejo de ter um filho parece associar-se a uma busca de refazer um caminho esburacado, reparar a lacuna, voltar ao ponto original e curar uma ferida**, que também se prolonga no tempo. Essa ferida, segundo ele resultante de atitudes básicas do pai, se desdobra hoje em muitas circunstâncias. Com suas palavras: *“**Mesmo com a minha idade, não ter tido isso** (essa intimidade e essa segurança) **atrapalha em muitas coisas**.”... “**Até hoje sinto falta de um direcionamento que vem do pai como figura maior**”.*

No conjunto, mesmo em meio a todo o seu envolvimento declarado, observa-se a presença de ambigüidade no desejo: de um lado, é reconhecido, antigo e mobiliza fantasias prazerosas; de outro, gera conflito e ansiedade por faltar um sentimento de prontidão. Levanta-se a hipótese de uma relação entre a não prontidão identificada pelo sujeito, associada à sua auto-imagem como 'criança', e as questões emocionais não resolvidas com o pai. Essa idéia se vê fortalecida ante a observação de Layland (1986) de que é a relação original com o pai que prepara o pai amoroso que o homem vai poder ser.

MODELOS DE PAI

Na análise das entrevistas tenho percebido que, de um modo geral, os depoimentos sobre o **desejo de ter filho** já apontam para os **modelos de pai** ali presentes, embora em alguns sujeitos isto seja mais visível e até mais fundamental do que em outros. Neste caso isso foi evidente, tornando até certo ponto difícil separar a análise das duas categorias.

A questão sobre os possíveis **modelos de pai** que estiveram presentes em sua infância ou mais adiante, e quais efeitos poderiam estar gerando em sua pessoa nesse momento de se tornar pai, interferindo na **forma de configurar seu novo papel**, trouxe inicialmente um conjunto de afirmações fortes e mesmo categóricas, mesclando lembranças, mágoas e expectativas projetadas para o seu futuro. As reflexões mais cuidadosas e em busca de um pensamento mais flexível ficaram para um segundo momento.

B – “Puxando pela memória, fale um pouco dos modelos de pai que você teve, quer tenham se baseado em seu pai, seu avô, pai de amigo ou qualquer outra pessoa. Como você vê os modelos de pai que teve, e que relação eles têm com o pai que você quer ser?”

“Começando pelo meu pai que é o que eu posso tirar de mais profundo... essas coisas de proximidade eu acho que faltaram pra mim, e traz conseqüências pra todo mundo.”

*“Tenho ótima relação com meu pai... mas **ele não estava próximo...** Não é que meu pai não estivesse presente, ele estava sempre ali, mas **a relação íntima faltou, aquela coisa de conversar com o filho**”.*

“(Hoje) eu sou bloqueado totalmente, sou fechado com ele em alguns assuntos como, por exemplo, mulher. Porque faltou quando eu precisava formar a minha facilidade de lidar com esses assuntos com ele, eu não tive... Então hoje somos dois adultos, mas eu continuo sendo filho dele...”

Marcelo, com seu depoimento, ilustra com muita exatidão as reflexões de Corneau (1991), quando fala da ausência paterna como sinônimo de impessoalidade: um pai que não se relaciona de maneira pessoal é um pai que falta. Pode até desempenhar um papel paterno, mas não se torna especial, já que os papéis são substituíveis. Os sentimentos que pessoalizam as relações são também o que as tornam únicas e singulares. Marcelo continua:

“Eu vejo um modelo de pai assim, é uma referência”.

“Pai tem que ser a figura mais forte do mundo, a maior, pra que o filho possa seguir. Eu não tive isso”.

“Eu queria ter meu pai como o meu ídolo, o cara mais forte do mundo... (mas) ele não se impôs muito”.

“Eu quero ser um ídolo pro meu filho, não quero que meu filho me sinta como uma pessoa fraca”.

Quanto mais ausente, mais idealizado é o pai: essa é a constatação de vários autores citados: Stein (1978), Corneau (1991), Faria (2003), Colman e Colman (1990), Samuels (1986). As conseqüências se multiplicam quando a idealização, por não ter sido confrontada, se cristaliza e é transferida para outras relações. Verifica-se, no caso, a transferência para si mesmo, na condição de pai. Isso se revela na resposta seguinte, quando apresenta suas expectativas como pai:

“Ser pai é estar totalmente do lado de alguém o tempo todo e aproveitar ao máximo as chances de crescer com essa pessoa que vem, ser amigo, parceiro”.

“A expectativa é a de estar em todas as situações: desde trocar fraldas, acordar de madrugada, fazer tudo com prazer...”

“Dizem que tem hora que eu vou querer jogar pela janela, mas não!”

Tais comentários revelam sua tendência a idealizações, sendo em certos casos uma função visivelmente compensatória em relação às próprias experiências. Pois afirma: *“Quero ser diferente do meu pai, fazer o que não fizeram comigo”... “O que eu não tive, eu quero tentar...”*

Stein mostra os perigos do apego aos papéis arquetípicos, enquanto se evita a humanização. Marcelo não se conforma com os ‘defeitos’ do pai, como se só pudesse admirar um ‘pai-herói’. Paradoxalmente, convive cotidianamente com o pai, com quem escolheu trabalhar e de quem só destaca as imperfeições. É uma convivência que não satisfaz, embora possa estar tentando inconscientemente reparar a falta do passado. Mas os papéis cristalizados impedem a transformação da qualidade da relação. Marcelo programa para si mesmo ser o herói que seu pai não soube ser.

Em outro momento da entrevista Marcelo declara não se ver pronto para o novo papel, apesar de o filho estar para nascer. Talvez em função mesmo do tamanho de suas expectativas, aliado às dúvidas sobre a possibilidade de satisfazê-las, o sentimento de prontidão vai sendo adiado. As primeiras respostas revelam com moderação tal dificuldade:

B – *“Como está sendo agora se ver como pai?”*

M – *“Comecei muito distante, achei maravilha, mas **não me via como pai**”.*

(Esse confronto) “só estou fazendo agora”. “Tenho que cuidar de alguém, dar educação...”

Mas à medida que a conversa foi avançando, pôde ir além dos comentários genéricos e se expor mais pessoalmente, após a pergunta:

B – “O que você acha que muda na sua vida pelo fato de você virar pai? Você acha que muda sua **auto-imagem** quando você inclui esse papel na sua vida? Ou não chega a mudar?”

“Não consigo discernir... me colocar nessa posição agora... Como que eu vou me olhar, sendo pai? **Hoje eu não me olho com essa imagem – ‘eu sou pai’** –, apesar dela estar aí. É uma pergunta que eu me faço também...”

“**Não consigo sentir isso, não consigo**”... “Logo, daqui a um mês, você poderia perguntar...”

“Dizem que quando você vê o seu filho, o sentimento vem, a sua vida muda! Quero ver se na hora que eu vir meu filho, eu vou ter algum sentimento tão diferenciado como falam. Você adora criança... seus sobrinhos te adoram... mas quando é o seu filho, é diferente – é o que dizem. Eu quero entender isto”.

Como não identifica mudanças já ocorridas, nem consegue perceber-se em processo, manifesta uma expectativa de transformação ‘mágica’. Passa a conjecturas:

“Talvez eu tenha que me preocupar até mais comigo – coisa que não faço hoje – depois de eu ter alguém, um filho, para que eu possa dar pra essa pessoa o máximo de tempo possível... **Lógico que as prioridades mudam** e você começa a olhar pras coisas considerando – como posso dizer? – o futuro de alguém, não é? Que chegou ali...”

Sua fala revela a dificuldade de entrar efetivamente em contato com esse fato de ‘estar virando pai’, como uma realidade que transforma a sua vida e, possivelmente, a si mesmo. E as conjecturas não parecem cumprir a função de aproximá-lo de si e suas circunstâncias, na medida em que recorre a frases ‘clichês’ que o fixam nas generalidades: ‘*dar o máximo de tempo*’; ‘*as prioridades mudam*’; ‘*o futuro de alguém*’. Inclusive tais colocações, em seguida, vão colidir com outras que surgem como expressão mais próxima de seus dilemas atuais.

Percebe-se uma ansiedade decorrente da contradição entre as idealizações – grandiosas, na linha do amor incondicional e da dedicação total – projetadas para um futuro próximo a respeito da relação que espera ter com o filho, e a imensa dificuldade até então expressa de abrir espaço para o novo na sua vida, considerando a inevitável revisão que exigiria do seu cotidiano já estabelecido, particularmente no que afeta a sua relação com o trabalho que vem sendo, segundo ele, sua grande prioridade. Isso fica claro quando eu pergunto:

B – “Você acha que alguma coisa muda na sua relação com o trabalho por você se tornar pai?”

*“Isso me preocupa. Eu acho que não, mas eu acho que **necessariamente vai ter que mudar...** O que eu dõo no trabalho já está extrapolando, fico das 7 às 20h todo dia. E vou ter que continuar assim... Mas acho que o certo é eu mudar minha maneira de ser em relação ao trabalho... estabelecer prioridades e limites... Tenho dificuldades e não estou buscando mudar por enquanto... sei que não é a melhor forma de ser, mas vou esperar ela chegar.” ...*

*“Não estou dizendo que eu vá sair da maternidade pra ir trabalhar, pelo amor de Deus! Mas ao mesmo tempo será que eu não vou dar uma passadinha no escritório, resolver as coisas e depois ir? **Estou me perguntando o que vou fazer com o trabalho...**”*

Parece que enquanto seu filho não se impõe com sua presença, não consegue penetrar no significado concreto da sua própria frase: *“lógico que as prioridades mudam”*. Suas preocupações com um possível futuro alto nível de demanda familiar que possa vir a roubá-lo do mundo do trabalho sugerem que ele não se encontra disponível para a convivência cotidiana. Pensando nas declarações feitas na primeira parte da entrevista, quando valoriza o modelo de pai que é um ídolo para seu filho e que tem sua imagem de ‘forte’ preservada, fica fácil compreender essa indisponibilidade, pois anseia ser admirado – como se fossem incompatíveis. Por certo, refere-se a uma admiração idealizada, como a que cobiçou: a de um herói. Esse tipo de ‘herói’ não resiste às ‘pequenezes’ do cotidiano. Soa como se Marcelo temesse viver a passagem do pai arquetípico para o pai pessoal, de que fala Stein (1978) e Samuels (1986). Teme por não perceber o quanto isso o libertaria para ser ele mesmo.

Acompanhando suas oscilações: tenta acreditar na não mudança da rotina, mas não consegue sustentar. Ao mesmo tempo, acha quase inviável conseguir mudar no trabalho, mas honestamente incorreto não mudar. Transmite a clara sensação de cilada, incluindo todo sofrimento que isso implica: como ser correto em todos os lugares, segundo seus padrões de auto-exigência? É como se, dentro dos *scripts* por ele programados, dois de seus papéis entrassem definitivamente em

choque. Se retomarmos algumas de suas falas iniciais, a contradição fica muito clara:

“Quero estar em todos os momentos” - versus - mesmo no dia do parto: “será que eu não vou dar uma passadinha no escritório?”

Talvez este venha a ser o seu primeiro ‘choque de realidade’ a enfrentar uma de suas idealizações. A conversa pareceu ter sido mobilizadora e gerou nele, espontaneamente, a vontade de compartilhar a experiência que estava tendo durante a entrevista:

“É engraçado porque algumas coisas que eu te falei aqui, eu não posso, eu não tenho com quem falar...”

“É interessante porque eu consigo falar e daí me espelhar nisso: ouvindo a minha voz e falando o que eu penso, eu consigo remeter para o que eu quero evoluir. Porque é uma evolução, não é? Eu acho. É assim que eu vejo”.

São comentários que revelam um misto de confusão, ansiedade e descoberta, espelhando alguém que se vê em um processo do qual sente não ter o controle. Sabemos que o sofrimento propicia a humanização, como tantas vezes observamos na vida em geral e no trabalho clínico particularmente. No caso desse depoimento, temos a oportunidade de acompanhar como a riqueza, própria do mundo interno de quem entra em contato com suas ambivalências, vai penetrando o discurso do sujeito à medida que ele abre mão de suas defesas – no caso,

basicamente as idealizações e as certezas – e permite que outros lados concomitantemente se revelem, ainda que pague por isto com o preço da dúvida.

Falando sobre mudanças que observa na sociedade que estão gerando novas expectativas em relação ao pai atual, Marcelo comenta: *“Vejo o pai muito mais atuante na paternidade, o pai fazendo parte da maternidade. Eu vejo o pai mais próximo do que era antes, do que foi comigo”*.

Misturando os conceitos de paternidade com maternidade, como quem preserva a característica do **envolvimento como uma qualidade do materno**, Marcelo se vê diante do desafio de desenvolver em si atitudes que não estiveram presentes no seu modelo de pai; inventar em si o que não aprendeu; propiciar ao outro o que a ele faltou. É um propósito conscientemente generoso, mas não fica claro o quanto tem consciência de que está doando também a si mesmo, ao vivenciar esse processo, enquanto se propõe a doar para a filha.

Diferente da dor da mágoa, presente no início e em boa parte do seu depoimento, na qual Marcelo se vitimiza e não precisa crescer, nessa nova postura a dor o impulsiona para frente porque agora ele está em dúvida consigo mesmo, com o que pretende frente ao que valoriza, e envolvido numa busca ativa. Pode-se observar abaixo como ele elabora o impasse entre sua necessidade de *“representar segurança”* sendo *“o pai que baliza e direciona as atitudes (do filho)”* e a possibilidade de encontrar-se, em algumas circunstâncias, realmente em dúvida:

“Eu quero ter um relacionamento tão aberto com ela (filha), que eu possa dizer que tenho dúvidas... que me dê um tempo... Quero ter a transparência de dizer ‘Não sei, preciso pensar’, acho que isso vai passar muito mais segurança”...

“Eu quero poder discutir as coisas, porque a minha opinião não necessariamente é a certa. Eu acho que a pessoa que é uma figura maior e é uma referência, ela não necessariamente precisa ser intocável... Ele pode ter suas fraquezas, mas tem que ter abertura pra falar... Ser maior não significa saber tudo, eu acho”.

“Não adianta alguém se colocar na posição de maior, mas não ser e – o que é pior – o filho perceber... Eu tive isso... Meu pai não aceita, mas ele é muito frágil... Daí ele sofre... Meu pai é inseguro e não assume... Acho que é uma coisa machista”.

“Ele em vez de me passar a segurança, tipo ‘vem pra cá que você vai sair dessa’, não, ele absorve o problema, e ele cai, e é inseguro”.

Ao expor sua preocupação com o desempenho do seu novo papel de educador, mostra-se aberto para refletir diante de suas ambivalências, e para receber ajuda:

“O que mais me preocupa é se eu vou conseguir educar ela da forma como eu acho correto, do ponto de vista meu e da minha mulher. Eu sou um pouco rígido com as coisas, eu não quero deixar de ser, mas também não quero ser radical com meus pensamentos. Quando eu começar com esse meu papel de educar, eu quero trocar idéias com a minha mulher principalmente, e com as pessoas à nossa volta, pra não colocar um modelo que só eu ache certo, porque a gente sabe que não existe o certo, o modelo exato... A gente não pode extrapolar achando que o que a gente pensa é o único que vai funcionar”.

Verifica-se um paradoxo entre a idealização exigente em relação ao próprio pai como a figura maior, passando segurança, e a flexibilidade ora apresentada, onde não existe o certo... **Em busca de uma síntese entre o ídolo e o pai pessoal que deseja ser**, o herói e o humano, o ‘forte’ que ele admira e o ‘frágil’ que também existe dentro de si e com o qual ele aprende a conviver, Marcelo procura um caminho que o diferencie do seu pai, que perseguiu a ‘perfeição’ e que teria ficado prisioneiro do papel a que ele se impôs. Tendo em vista sua própria verdade, diz:

*“Minha força está na minha conduta, em eu realmente acreditar no que eu estiver colocando pra minha filha... A pessoa se faz respeitar, não é?... **O respeito meu para com ela é de eu abrir o jogo com ela**”. “Sabe, é isso que eu quero. Eu vou lutar por isto, porque eu já estou me conscientizando disso agora”.*

E conclui demonstrando uma atitude, favorável ao processo de individuação, de quem sabe que precisa contar consigo mesmo no seu processo de transformação: **“Eu quero usar toda a minha experiência, o que eu sinto dentro de mim, e o que eu poderia ter tido mais, e tentar passar pra ela** (minha filha)”.

A autoconfiança encontrada nessas últimas falas se distingue de outras tantas que expressam, por exemplo, seu apego às idealizações. Aqui vale mencionar o que ele conta de sua relação com o avô, após ter apresentado o pai com muita insatisfação, quando eu pergunto se alguma outra pessoa teria ocupado esse lugar para ele:

“Eu tive uma relação com o meu avô paterno muito legal, muito forte que se deu assim nos últimos 15 anos, quando eu passei a cuidar das coisas dele, pagar contas, aposentadoria etc. Ele já morreu faz 5 anos, mas até hoje sou para minha avó a pessoa de confiança que cuida dessas coisas. Então com meu avô velhinho, tivemos uma relação de amizade muito legal! ... é uma relação bonita que eu tive. E meu avô é uma pessoa que eu admirava muito, mas ele não faz esse papel de pai, não, mais de amigo”.

Posso supor que ter tido essa experiência de conviver com uma pessoa mais velha e querida que **confiou nele**, tenha feito grande diferença em sua vida e estruturação pessoal. E, mais do que uma relação de amizade e confiança, a **oportunidade de cuidar de alguém**, já que esse avô não fez, como ele mesmo diz, o papel de pai, pois precisava ser cuidado, pode ter propiciado a ele uma espécie de treino, dando-lhe a consciência do seu potencial, e, portanto, a base de sua autoconfiança. Aliás, com relação a esse tema da oportunidade para cuidar do outro, referiu-se também quando contou da mulher na UTI: *“eu me tornei a referência pra ela, porque ela só se sentia segura quando me via, eu acho que eu exercitei um pouquinho essa coisa com ela”.*

Marcelo, ao mesmo tempo em que teme não dar conta das demandas que possam recair sobre ele como pai, demonstra, através desses exemplos, o prazer que extrai das situações nas quais é exigido amorosamente, quando a solicitação decorre da confiança que depositam nele. Mesmo com suas dificuldades, próprias de um Puer – que se sente como uma criança – revela seu potencial para

desenvolver-se abraçando o seu papel de pai – uma verdadeira oportunidade para cuidar do outro e conhecer sua força.

HÉLIO (resumo)

“Acho que existe uma gestação psicológica importante pro pai”.

“O pai não quer se sentir um mero objeto de reprodução (a serviço) da vontade feminina”.

“...não sobra nada pro pai, porque todas as atenções são direcionadas pra criança e pra mulher. Eu acho que o pai fica com as migalhas de tudo isso”.

DESEJO DE SER PAI

Hélio tem 33 anos e quando concedeu a entrevista, sua mulher estava no quarto mês de gestação. Reproduzo a seguir parte do seu depoimento a respeito do seu desejo de ter filho:

“A gente já queria ter filho, estamos juntos há 3 anos, mas na primeira tentativa ela engravidou e também logo perdeu. Isso gerou uma série de medos e inseguranças, mas no final acho que foi bom porque a idéia amadureceu, a gente se estruturou do ponto de vista prático... e depois de uns 7 meses ela engravidou de novo”.

“Da segunda vez, quando eu soube, foi uma sensação de euforia, medo alegria, entusiasmo. Uma sensação deliciosa, mas também cercada de inseguranças: e agora? E medo... uma sensação ambígua. Da primeira vez a gente saiu contando pra todo mundo, comemorando. Mas parece que existe hoje, na minha geração, uma certa carência desse tipo de notícia, as pessoas vêm com suas carências afetivas, já te vêem como pai. Senti uma certa invasão. A barriga nem cresceu, você ainda nem se conscientizou,

não sabe ainda como vai lidar e já tem que estar assumindo! Existe uma ansiedade alheia enorme da família, todo mundo quer ajudar, mas a gente tem um tempo pra se habituar com a nova situação”.

“O fato de ser pai está aos poucos sendo absorvido. É um processo interessante e acho que os nove meses é um bom tempo pra você gestar essa paternidade. Acho que existe uma gestação psicológica importante pro pai”.

“É uma grande revisão da sua infância, existe uma necessidade de retomar como eram algumas coisas, e o que eu quero ao ser pai”.

Conversando sobre a motivação para se tornar pai, perguntei se ele tinha lembrança de situações em que se imaginara no futuro tendo filho. Então conta:

“Eu sempre gostei de criança, meu pai também, minha mãe é educadora, cresci cercado de crianças, depois vieram os irmãos quando eu já tinha 7 anos. Acho que a criança traz alegria, traz um monte de coisa”.

“Desde quando eu era moleque e adolescente, tinha na minha cabeça que eu ia ter filho aos 27 anos. Quando cheguei nessa idade... percebi não estava a fim de ser pai ainda, estava namorando, mas não era o momento mesmo. Eu queria ainda curtir a relação a dois, sentir que a nossa relação estava madura... Mas não fluía mais porque isso passou a ser, não uma curtição, mas um fantasma. Como se fosse uma coisa que ela está preparada e eu estou despreparado”.

Refere-se a uma assimetria que o desagrada, um espírito de competição e superioridade, segundo ele, trazido pela mulher. Nesse momento, passa do particular para o coletivo, falando na posição de porta-voz de sua geração:

*“Eu acho que hoje os homens da minha geração sofrem de um problema que é a ansiedade da mulher. Aos 30 anos elas começam a entrar nesse desespero de ser mãe. Então começa a existir uma **ansiedade da parte da mulher que até anula a sua vontade eminente de ser pai**. Porque parece que estou aceitando (cedendo a) uma vontade da mulher, como se ela estivesse preparada e eu não! Isso é uma coisa muito complicada especialmente pro pai, **ele não quer se sentir um mero objeto de reprodução (a serviço) da vontade feminina**. Acho que isso é uma crise pela qual vários homens da minha idade passam, alguns amigos meus já se separaram por causa disso. E eu também... Se existia alguma vontade de ter filho, ela foi anulada por essa ansiedade, esse desespero da mulher de querer ter filho”.*

Voltando a falar em nome próprio e sobre o seu relacionamento atual:

*“Falei pra minha mulher: ‘Quero primeiro me sentir seguro de que você gosta de mim, que a nossa relação tem muito desejo, que está madura. Eu não quero sentir que a gente está se relacionando sexualmente pra ter filho, é uma sensação muito ruim e que deve ser muito boa. **Não quero me sentir usado, na hora que for pra gente ter filho**, quero que essa centelha de vida venha*

*num momento de plenitude, de prazer, de intensidade, e não que a gente está aqui agora porque **você** quer engravidar”.*

Novamente, sua fala se transforma num comentário que se propõe a dar conta não apenas de sua experiência pessoal, mas que, segundo ele, é geral. Num tom crítico, acusa os jovens de sua geração de individualistas, e as mulheres de pretendentes a ‘onipotentes’, ambas atitudes nada favoráveis à realização da paternidade e maternidade:

*“E não é só isso: a mulher quer ter filho, ela quer trabalhar, ela quer ser independente, ter o dinheiro dela, **ela quer tudo**, sabe, ao mesmo tempo! E aí, às vezes, o fato dela estar trabalhando, independente, faz com que ela tenha dificuldade de engravidar mesmo. Porque aí é tanta ansiedade, quer ser uma super mulher, que perde a capacidade, perde a fertilidade. Eu tenho várias amigas que estão há um ou dois anos tentando engravidar, e não têm nada”.*

Continuando, sugere, com ironia, o retorno das ‘amazonas’:

*“Os jovens que vejo hoje são todos muito independentes, se sustentam sozinhos, cada um tem sua casa, tem seus livros, tem suas músicas, tem seus gostos, fica difícil se misturar, fica difícil dividir. **E um filho é isso, não é? É dividir, é abdicar, é cuidar do outro, e acho que a minha geração é muito independente, ela é auto-suficiente.** E às vezes eu acho que o mundo, se deixar, daqui a pouco os homens deixam de existir, as mulheres vão ficar tão*

independentes que elas vão começar a se auto-reproduzir sem precisar do homem”.

Frente à pergunta sobre as dificuldades que o homem enfrenta nesse processo de mudança, prontamente respondeu:

*“O que é muito difícil é que **não sobra nada pro pai, porque todas as atenções são direcionadas pra criança e pra mulher. Eu acho que o pai fica com as migalhas de tudo isso. Eu acho que o relacionamento que souber olhar pro pai também, e ver que o pai também precisa de colo, que o pai também precisa ser cuidado** e que o pai também precisa do seu retorno de tudo que ele está doando – porque ele abdica de muita coisa... da adolescência, da masculinidade, da sexualidade... Eu não queria perder a adolescência...”*

Pensa um pouco mais e completa:

“Acho que o grande troco é que vou ser homem de uma vez por todas. Acelera o processo de ser homem. Agora não tem mais volta. E isso é uma dádiva... essa energia que na verdade vem de mim mesmo... e que o filho vai estar me proporcionando”.

“E espero que a mulher tenha consciência disso, que a mulher não pense que o homem não está fazendo mais do que a obrigação dele, que ela valorize, acho que é isso que falta”.

E finaliza: *“Acho que o amor passa a surgir mesmo a partir de agora”.*

MODELOS DE PAI

A situação familiar de Hélio é, segundo ele, peculiar, por ter acompanhado a várias separações e re-casamentos de seus pais, sendo que sempre houve entre todos os membros envolvidos uma boa convivência: *“Meu exemplo paterno é duplo porque tenho meu pai e meu padrasto que sempre foi muito presente, e que sempre se deram bem. Minha educação foi a 8 mãos”*.

Frente a este comentário, perguntei: “Como você vê a presença desses modelos de pai interferindo em você hoje, no momento de virar pai?”

“Na verdade são 3 modelos bem distintos do masculino, do pai. E estão todos muito presentes, até hoje.

*“Meu pai – que foi quem me educou – é **um tipo de homem mais sensível, mais feminino**, que gosta muito de criança, construía casa na árvore, contava história à noite, **muito presente, aquele tipo de pai que toda criança queria que fosse o pai dela**. É um homem organizado, bem sucedido, e minha opção profissional combina com a dele. Ele é um modelo nessa questão profissional, criativa, no jeito de encarar o trabalho, e mesmo ético. O jeito de viver, de gostar da natureza... **Não é o masculino estereotipado: provedor, que quer ser servido pela mulher, que põe limite em casa, dominador. Não tive isso**. Sempre houve diálogo. **Acho até que me faltou uma coisa masculina de decisão**, mas foram mais vantagens que desvantagens. Nada tem um lado só.”*

“O segundo marido da minha mãe – com quem morei por pelo menos 12 anos – é mais desorganizado, é mais parecido com

minha mãe. Acho que foi a grande paixão dela, e também o grande sofrimento depois da separação – por isso ele até foi um contra-exemplo, mas passou. Ele é um exemplo de pessoa mais intuitiva, voltada pros cuidados do corpo, alimentação...”

*“O atual marido da minha mãe – há quase quinze anos – também me educou por mais de 10 anos, mas eu morei com ele por pouco tempo na mesma casa. Ele já é um homem que expõe menos os sentimentos. Não que não seja sensível. Ele é mais ‘na dele’, mais quieto e, é engraçado porque é um tipo de **exemplo de homem que eu gosto, porque é mais decidido, determinado, ele põe limite pra minha mãe que é mais dispersa, e fala coisas como ‘deixa que eu resolvo!’** Acho que ele foi um bom complemento no final da minha formação como homem. Ele é o exemplo de coisa um pouco mais careta, gosta do espaço privado dele... Porque, afinal, se meus pais se separaram, não é tudo tão legal assim, tem suas mazelas. Mesmo eles sendo amigos.”*

“Como você vê, eu não tenho um exemplo do masculino focado em uma pessoa, é uma mescla.”

Vários comentários de Hélio com relação à mulher, por ele apresentada como onipotente e competitiva, em busca de eficiência e auto-suficiência, deixaram transparecer um tom de mágoa e ressentimento frente às atitudes femininas que não favorecem um relacionamento com intimidade e entrega. Revela o mal-estar diante da vulnerabilidade masculina, principalmente no caso de um perfil mais identificado com o do seu pai, que recusa o poder do padrão patriarcal. Mesmo preservando a admiração pelo pai, com quem se identifica, demonstra clara satisfação quando encontra no atual marido de sua mãe o modelo de homem que

estabelece limites – a partir de onde Hélió **resgata a crença na possibilidade de síntese entre firmeza e sensibilidade, a confiança num relacionamento ao mesmo tempo democrático, não hierarquizado, mas que comporta limites.**

Fundamentalmente, Hélió parece buscar estruturar sua confiança na possibilidade de preservar sua sensibilidade (herança paterna) dentro de um relacionamento não balizado pela disputa por poder, onde sua eventual fragilidade possa se revelar sem adquirir conotação negativa.

CARLOS (resumo)

“No começo do namoro eu expressava esse desejo de ter uma filhinha... de passear com ela num jardim...”

“... Foi no sexto mês da gravidez que realmente me senti pai, porque... tive que cuidar da minha mulher... Tive que fazer de tudo e abri mão do perfeccionismo no trabalho”.

“Hoje eu faço o melhor que eu puder, o que for possível. Eu sei do limite. Nada é perfeito”.

Carlos tem 42 anos e um filho de 8 meses, fruto de um longo relacionamento de 18 anos, sendo 10 anos de namoro. Conta que a disponibilidade para ter filho foi uma idéia mais recente, de dois anos e meio para cá: *“No começo acho que estávamos muito preocupados com os planos de vida de cada um”.*

Perguntei se em algum outro momento da sua vida teria cultivado essa idéia ou se imaginado tendo filho no futuro, para verificar se a motivação para ser pai já se fizera presente, mesmo que distante da prontidão, ou não. Imediatamente narra recordações bastante fantasiosas e idealizadas:

“No começo do namoro eu expressava esse desejo de ter uma filhinha. Era uma imagem que eu tinha de passear com ela num jardim outonal. Bem aquelas descrições de textos de literatura do século XVIII. Eu tinha isso, e era uma coisa muito forte. Lembro que eu cheguei a contar essa viagem pra ela algumas vezes. Só que os planos profissionais foram ficando na frente. Ela estudava muito, eu também”.

Assim se passaram 10 anos de namoro e mais 5 casados.

*“A gente resolveu que era o momento de ter filho, talvez em função da idade dela, e realmente queríamos ter um filho. Só que daí não foi fácil, foi um ano e meio de tentativas e exames... A notícia da gravidez foi um êxtase muito grande, **qualquer criança na rua já me comovia**, não podia ler no jornal qualquer coisa ruim que envolvesse crianças, porque minha mulher estava esperando meu filho... **Mas foi no sexto mês da gravidez que realmente me senti pai**, porque minha mulher teve que fazer repouso e **eu passei a ter um tipo de responsabilidade, tive que cuidar... Tive que fazer de tudo e abri mão do perfeccionismo no trabalho**”.*

*“Antes nós éramos completamente independentes, uma autonomia total, eram dois universos... Hoje, ser pai se aproxima de um estado de maravilhamento. Desde o início eu ajudava o máximo porque minha mulher tinha que se recuperar, então meu filho passou a me reconhecer muito. **A gente foi criando uma amizade, ele sorri pra mim, preenche muito**, é uma coisa que te emociona. É uma delícia porque acordo com muito bom humor... **Estou conseguindo manter a vida profissional produtiva, mas a impressão que tenho é que a prioridade é ele...**”*

Pergunto o que ele sente que muda no seu relacionamento com sua mulher, quando ele vira pai e ela mãe:

“Eu e minha mulher nos aproximamos muito. Veja só, depois de tanto tempo... A gente tem certeza de que um está muito

bem do lado do outro... O parto foi decisivo também, eu fico completamente admirado com a força que ela fez, acho que nenhum pai ficaria indiferente a essa situação”.

Refere-se a um parto que foi muito difícil, tendo durado 24 horas na tentativa de evitar cesárea. Finalmente nasceu com a ajuda de fórceps.

Esse depoimento deixou a impressão de que o desejo, inicialmente vivenciado e manifesto de forma quase pueril e idealizada, era forte emocionalmente, mas não o suficiente para concorrer com as outras demandas de ambos, mais concretas, como a de se desenvolver profissionalmente, aspecto da sua vida para o qual se dedicou com muito perfeccionismo.

Para esse casal, o tempo parecia não passar (viviam no mundo da literatura e da música no século XVIII), enquanto estendiam ao máximo o tempo da capacidade reprodutiva feminina. Ao que tudo indica, ter se aberto para a experiência da paternidade, com todos os limites que foram enfrentados, contribuiu para o seu processo de humanização. **A chegada do filho, ao trazer a consciência da grandeza que habita dentro dos limites**, propiciou uma nova forma de aceitar conviver com a qualidade do que é imperfeito: *“Hoje eu faço o melhor que eu puder, o que for possível. Eu sei do limite. Nada é perfeito mesmo. Assim eu fico tranquilo”.*

COMENTÁRIOS SOBRE A AFETIVIDADE MASCULINA

Após uma visão panorâmica através desses resumos de duas entrevistas, e do aprofundamento obtido através da análise de quatro depoimentos, cabe, para finalizar, alguns comentários que englobam estas e as demais entrevistas que, por excesso de dados, não puderam ser aqui expostas.

Se a grande transformação vivenciada pela cultura, com inúmeras conseqüências para as relações de gêneros, mas também para a qualidade de todas as relações humanas, pode ser caracterizada como a passagem da predominância do padrão patriarcal para a abertura contida na consciência da alteridade, no caso da experiência do homem de se introduzir na paternidade, pode-se observar grande impacto, principalmente no que diz respeito às polarizações.

Enquanto a consciência patriarcal prima pelo exercício do discernimento, e, ao perseverar na discriminação, seleciona, elege, cristaliza e exclui, o exercício da alteridade, buscando a ampliação da consciência, abre mão – mesmo que provisoriamente – da coerência em favor da ambivalência, para promover atitudes mais favoráveis à diversidade, numa clara intenção de inclusão, que se traduz num convite para que as polaridades convivam.

É nesse cenário que se destaca o tema da afetividade masculina. Assim como a alteridade recupera valores do padrão matriarcal e habilidades desenvolvidas nesse modo de relação, propondo que elas se aliem às conquistas obtidas no padrão patriarcal, cada homem, em sua experiência singular, se vê chamado a integrar características valorizadas em sua identidade masculina, como competência, lucidez, firmeza e objetividade, a outros aspectos seus, por longo tempo esquecidos e desprezados, como sensibilidade, intuição, doçura e

sensualidade, que agora emergem e almejam ser acolhidos. O principal desafio é o de não se deixar seduzir pela nova faceta a ponto de, mais uma vez, polarizar.

Tais características, tendo sido desqualificadas por serem consideradas femininas por uma cultura patriarcal, configuram-se na psique do sujeito como a alma, que a ele se apresenta hoje provocando conflito e, ao mesmo tempo, sede de integração. Nesse sentido, aprender a conviver com a diversidade, é, acima de tudo, uma experiência interna que o desafia, no confronto com a própria identidade. Assumir-se como um homem que tem permissão interna para ser afetivo e amoroso, sem que isso comprometa sua identidade masculina, é decisivo para que se realize em sua experiência de paternidade.

Levando-se em conta o conjunto dos depoimentos, inclusive os que não puderam ser aqui contemplados pela análise, nota-se que foi quase unânime o comentário de que esses homens desejariam ser mais afetivos com seus filhos do que seus pais foram com eles. Este, porém, não era um comentário simples de ser feito, adquirindo tonalidades distintas: queixa, mágoa e revolta em alguns casos, mas também seguido de explicações cautelosas e compreensivas em outros, com a clara intenção de minimizar o tom de queixa, como por exemplo: *“Não é que ele não fosse afetivo, ele era muito, mas não costumava demonstrar...”* ou *“o toque corporal era evitado, ele não sabia fazer um carinho...”* Seja como for, ficou registrado, em quase todos os casos, que a manifestação da afetividade paterna fizera falta. Como diz Corneau (1991, p.38), as pessoas precisam ser tocadas, pois o contato corporal lhes confere existência. Há muitas maneiras de se lidar com essa falta, desenvolvendo-se a partir da lacuna, com flexibilidade e possibilidade de compreendê-la, inclusive humanizando o pai a partir de sua imperfeição, ou fixando-

se na falta como uma ferida que se torna permanente e cristalizando, a partir disso, tanto o mito do pai ideal, quanto a própria relação com o pai como fonte de mágoa.

A convergência dos depoimentos na mesma direção aponta para a realidade coletiva de uma geração masculina anterior que, não por coincidência, tinha sua manifestação afetiva bastante restringida pelos padrões da cultura, modalidade alcançada como resultado de uma socialização que se revela em comportamentos mais ou menos padronizados, enquanto obscurece os dinamismos psíquicos restritivos que lhe dão suporte.

Em contraposição a esse modelo masculino que se estrutura sobre o tripé ‘racionalidade–objetividade–impessoalidade’, verifica-se na sociedade atual um movimento – por parte tanto de homens quanto de mulheres, já que ambos sofrem as consequências desse tipo de cristalização, que conta com o desempenho de um papel feminino complementar também cristalizado – de resgate da natureza humana em termos psíquico-emocionais, que significa **recuperar o direito ao reconhecimento e à manifestação dos aspectos emocionais do ser humano**, independente do gênero: **necessidades, sensibilidades, transitoriedade – convergindo para o permanente direito à descoberta de aspectos pessoais e à mudança**. À mulher isso é permitido, dentro desse padrão cultural, mas não chega a constituir vantagem no contexto social, já que por isso mesmo o feminino é desqualificado.

A palavra ‘fragilidade’, tantas vezes utilizada no presente trabalho em relação ao masculino, compondo a **expressão ‘fragilidade masculina’**, **refere-se a esse potencial do ser humano, como um valor de aproximação com a sua real natureza humana**. Com o intuito de descolá-la da conotação pejorativa de ‘fraqueza’, atribuída pela mentalidade patriarcal, cabe aqui esclarecer que, no

sentido inverso, inclui a **riqueza da sensibilidade**, que se exercita – quando permitida – num ato contínuo de captar sutilezas do mundo interno, **tornando-se assim um sujeito ‘pessoal’** – consigo e com os outros. Diferentemente da ‘impessoalidade’, que se coloca como favorecedora de outros valores como ‘objetividade’ e ‘verdade’, **cultivar a pessoalidade – que incorre em fragilizar-se por aceitar-se vulnerável e assistir em si a mudanças que não pode controlar** – é apresentado aqui como o caminho para evitar o embrutecimento que costuma decorrer das tentativas de se adequar a padrões externos, como o já clássico ‘papel de homem’ vinculado ao mito da auto-suficiência e aliado à impessoalidade e ao controle das emoções, como valores supostamente superiores.

A fragilidade decorre da coragem para se expor a uma condição de ‘ser em construção’, sujeito a inúmeras situações onde atitudes que expressam o **‘não sei’ são mais honestas que as certezas**. Assim sendo, fragilidade não pode ser confundida ou interpretada como fraqueza, pois, no sentido utilizado, **alia-se à força e à disposição para vivenciar todo o risco contido no processo de humanização que prepara a própria individuação – entendida aqui como uma meta em termos de saúde psíquica, que se pode traduzir como ‘realizar o Si-mesmo’**.

Seidler (2000, p.167) aborda com profundidade essa questão do suposto ‘fortalecimento’ masculino à custa da perda de intimidade consigo próprio, revelando paradoxos intrínsecos a essa dinâmica. Este homem, priorizando firmeza e objetividade, evita penetrar questões subjetivas, repletas de ambivalências, como se fossem confusas ou menos inteligentes. Enquanto opta por não relatar subjetividades, delega à mulher – justamente porque a ela é permitido – entender a sua vida emocional. Só que, paradoxalmente, não se dá conta de que, se, por um

lado, valoriza a autonomia e se recusa a pedir ajuda, por outro, ao esquivar-se de maior intimidade consigo, torna-se dependente da mulher para entender a si mesmo. A mulher é autorizada a regredir, o homem não: como, então, ter acesso à sua natureza primitiva?

Estendendo o pensamento, pode também o homem se tornar dependente de um bebê para conhecer a própria fragilidade, a julgar pelos benefícios que o convívio e o envolvimento com um ser tão pequeno e frágil podem trazer para um homem, nesse mesmo sentido de, através dessa proximidade, redescobrir a própria fragilidade, num claro movimento de identificação. Melhor definindo, **o homem estabelece uma relação de interdependência com o bebê, para crescer como pessoa.** A interdependência enfrenta o mito da auto-suficiência, trazendo uma compreensão dinâmica que os aproxima: a consciência da complementaridade.

Nas circunstâncias em que o homem se fixa no estrito papel do provedor e procura se desvencilhar de qualquer abordagem mais subjetiva, como se esta não lhe dissesse respeito, Seidler (2000, p.170) aponta para mais um paradoxo: como propor-se a ser responsável pelos outros, através do papel de provedor ou como aquele que dita as regras, antes de ser responsável pela própria vida emocional?

A ilusão que perdura em parcela significativa de homens e mulheres da nossa cultura, ainda bastante patriarcal, é a de que se pode resolver esse 'problema', tal como é encarada a vida emocional, através do **controle das emoções**, como um recurso para poupar-se da perigosa sensação de 'estar entregue' a elas. Não se dão conta, no entanto, de que controlam apenas algumas reações, mas não a natureza – e mesmo a existência – de suas emoções. Regida pelo inconsciente, a dimensão emocional atua no interior da psique, a partir de

necessidades e motivações essenciais que não se pode driblar, e de onde são produzidas, por exemplo, as neuroses e os sonhos. Sendo assim, o ser humano não controla, além destas manifestações citadas, a produção de seus desejos e parcela de sua impulsividade, suas frustrações, medos e depressões. Uma constatação muito atual é a freqüência com que nos deparamos com homens muito competentes e inteligentes, mas que sofrem de síndrome de pânico e depressão. Negam suas necessidades básicas, num profundo desconhecimento de sua natureza pessoal, e são escravizados pelas mesmas necessidades, que se manifestam de maneira simbólica e, muitas vezes incompreensível, sem que se possa controlar.

É nesse sentido que a simples abertura para se conectar com a fragilidade de um bebê – e da vida humana – traz em si (nessa mudança de postura) a semente da saúde. Porque ali está contida a possibilidade de uma identificação com o bebê (há sempre uma possibilidade de identificação entre seres humanos, quanto mais entre pai e filho). E, a partir de então, a possibilidade do homem se re-conectar com as próprias fragilidades: seus limites, imperfeições, o imponderável da vida, enfim – para além das seguranças e das certezas – a riqueza das próprias vivências imprevisíveis.

Nessas circunstâncias, a emergência da alma toma muitas formas, a começar pelo contato com a criação e pelo próprio exercício de criação: sentir-se e ver-se criando. A convivência com a flexibilidade presente no processo de mudança, por exemplo, na transformação do corpo da mulher (o que sempre foi de um jeito, outro dia não é mais) é outro fator a se considerar. O mesmo ocorre acompanhando as mudanças diárias de um bebê. Essa convivência com o movimento, com o ser mutante, deve ser contagiante e promover perguntas e observações auto-referentes:

“e eu, não mudo? O que muda em mim?” Deve favorecer o direito à mudança, diferente dos valores conquistados a partir do modelo patriarcal: estabilidade, conservação, prioridade da razão.

O desafio a ser enfrentado no processo de individuação é o de integrar aspectos que emergem da alma e que polarizam com os valores prevalentes da consciência patriarcal, estruturantes do crescimento como: ordem, disciplina, estabilidade, conservação. A nova ordem, própria do momento criativo, sugere abertura, plasticidade, imprevisão, surpresa. Sensibilidade, emoção, sentimento. Intensidade e não comedimento.

Como esse nível de conexão com o outro só se dá através do afeto, está exposta aqui a importância da afetividade para o próprio pai, e não só pelos benefícios que traz para o filho. O foco está no processo de desenvolvimento do homem. Cuidar faz bem ao homem, ocupar-se da vida em sua delicadeza, ter mais espaço para a vida privada. Cuidar do outro, talvez enquanto aprenda a cuidar de si. Abrir-se para o outro, para identificar-se com ele e também para vê-lo em sua diferença: abrir-se para a alteridade.

Alguns sujeitos fazem clara menção a este anseio, outros o manifestam em comportamentos (nem sempre explícitos) ou na forma de apreensões. Hélio faz planos de fins de semana prolongados. Eduardo já se encontra ‘em repouso’, ou recolhimento. Ciro já negocia no trabalho sua menor disponibilidade. Carlos diz que fica com saudades só por ter que ir à padaria, e planeja tornar a vida mais equilibrada e menos voltada exclusivamente para as atividades profissionais. Alguns chegam a comentar que esse desejo parece contraditório com a necessidade crescente de prover materialmente a família que estão constituindo. Entretanto, resistem à idéia de se verem como pais meramente provedores – ou

pai-céu, para usar a linguagem de Colman e Colman (1990) –, como foram, muitas vezes, os seus pais, ou os homens de um modo geral, na maioria dos casos nas gerações anteriores. Não querem abrir mão do desejo-direito-obrigação de participar efetivamente da vida do lar. Por certo, não há unanimidade sobre isso: Marcelo e Gustavo revelam, em meio ao envolvimento, também apreensão com relação às demandas de participação no interior da família, que podem, segundo eles, ser excessivas, assim como o alívio que as obrigações da vida profissional lhe proporcionam, na forma de álibi.

Creio que esteja claro o destaque que o tema da afetividade adquiriu na relação desses pais com sua condição de paternidade. E também a importância da afetividade para o próprio homem, na integração da alma, a favor do seu processo de individuação. Mesmo observando-se a crescente participação dos homens no processo reprodutivo e na educação, onde o envolvimento emocional acompanha o papel de provedor, essa busca de integração não se dá sem conflitos. O ganho está, segundo Velázquez (2004), no que ela chama de uma “ressignificação da vida”, na medida em que os homens inserem os filhos em seus projetos de vida, priorizando vínculos e suas necessidades afetivas como homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem, tendo sido historicamente excluído da intimidade do lar, uma vez que sua função era preponderantemente externa com vistas à obtenção do sustento, precisa hoje redescobrir seu lugar e sua forma de inserção na dinâmica familiar, se quiser participar desse movimento que aproxima homem e mulher, pai e mãe, em nome de uma maior igualdade de valores e de funções. Assim como o fez a mulher, antes excluída do cenário público e produtivo, que foi descobrindo sua maneira de ocupá-lo. Cada um dos gêneros, no contexto da desigualdade ‘naturalizada’, tinha seus privilégios e privações específicos, e agora, na busca de iguais direitos, devem compartilhar tanto ganhos quanto perdas.

Essa nova dinâmica de relações, que passa a compor um novo cenário social, oferece agora novos desafios diante do encontro entre pessoas de gêneros distintos, se pensarmos na perspectiva que visa à qualidade da alteridade. Porque, se, para os parâmetros democráticos, a igualdade é o grande valor, no dinamismo da alteridade que rege as relações saudáveis na maturidade, inclui-se o desafio e a tarefa de **resgatar, além da igualdade de direitos, também o valor da diversidade**, ressignificando o ‘diferente’, o ‘desigual’, como o grande estímulo para o encontro e para a troca entre as pessoas.

O título desta dissertação aponta para uma transformação da experiência masculina, particularmente no modo masculino de se tornar pai e de vivenciar esse papel, transformação essa que se insere num cenário muito mais amplo de mudanças na cultura ocidental ao longo das últimas décadas e que vem colocando em xeque a hegemonia do modelo patriarcal, tanto no plano da organização social

mais ampla como no das relações pessoais. É uma transformação buscada pelo coletivo e, sendo assim, deve revelar um anseio que aponta para algo de positivo no horizonte. Mas é também uma transformação sofrida porque desestabiliza o convencional em termos de papéis na sociedade e de relações de gênero. É uma conquista feita por homens e mulheres, sujeitos dessa história, em busca de uma outra qualidade de vida, orientada por valores como igualdade, dignidade e liberdade em relação a padrões de comportamento. Mas, paradoxalmente, ocorre que, muitas vezes, as pessoas se sentem como que submetidas a um novo conjunto de expectativas sociais para as quais não foram sequer preparadas, **tendo que inovar no plano do comportamento sem encontrar um substrato em sua estrutura emocional** que as conforte. E, quando isso ocorre, em vez de significar uma conquista, pode gerar **sentimento de desamparo diante da perda dos modelos de referência** e mesmo sentimento de incapacidade ante a necessidade de se adequar.

Estamos visivelmente num momento de transição onde o padrão patriarcal, por longo tempo predominante, tende a ceder para o surgimento de novos modelos ou – o que é pior, ou melhor! – para a **emergência de uma multiplicidade de referências**, e não mais para apenas uma. **Talvez seja essa a maior mudança: a valorização da pluralidade, em contraposição ao poder hegemônico de uma única diretriz.** Essa abrangência advinda da coexistência entre múltiplas referências, podendo ser consideradas, todas elas, parcialmente positivas, enfrenta a resistência do velho hábito de procurar se nortear pela decisiva diferença entre o ‘certo’ e o ‘errado’. A perda desse norte provoca ansiedade na personalidade com herança patriarcal, tão característica da nossa consciência coletiva, acostumada

secularmente a contar com a segurança das certezas, em função da orientação decorrente de uma única verdade, poderosa, indiscutível e patriarcal.

A pluralidade de referências gera insegurança porque já não exige apenas obediência e disciplina para se seguir o ‘mestre’, mas aponta para **a necessidade de discernimento próprio, diferenciação individual para fazer escolhas, capacidade para conviver com a diversidade de uma maneira não hierarquizada**, já que outros ao nosso lado farão outras escolhas, baseadas em distintas e não menos válidas referências. Não se trata, pois, da simples transição de um modelo para outro, mas, de **abdicar da necessidade de se ter um único modelo a seguir, comprometendo-se, assim, com as próprias escolhas**.

Observam-se, muitas vezes, na cultura atual, essa **dificuldade para se exercer o direito de escolha** e um profundo sentimento de insegurança ante a falta de uma diretriz que defina o que é ‘o melhor para todos’. Esse direito à diversidade gera, no início desses novos tempos, uma **sensação de ‘desnorteamento’**, posto que o ‘norte’ não é mais a única direção considerada interessante para se assumir. Não é insensato perguntar: por que não o sul? O sudoeste? Reproduzem-se as oportunidades para se avançar no processo de ‘desnaturalização’.

No caso da paternidade, os modelos se multiplicam. **Há muitas experiências sendo feitas na direção da integração da alma**: o homem mais sensível, o homem cuidador, que sabe acolher, que nutre... Surgiram também nos depoimentos com relação às expectativas como pai, referências às imagens do ‘pai cúmplice’, do ‘pai amigo’ e mesmo do pai que compartilha dúvidas ou que faz confidências ao filho. Mas parece que nenhum desses é o ponto de chegada, e sim o começo de uma grande trajetória, que inclui múltiplos desafios e outras transformações, onde **muitas possibilidades poderão ser experimentadas a partir da integração ou**

diálogo com as polaridades, antes negadas, que agora emergem do inconsciente para contracenar com as antigas e enrijecidas personas – que já não satisfazem, mas também não abandonam a cena.

Superar a hegemonia do modelo patriarcal pode ser compreendido como avançar no sentido de ser menos dogmático e acolher a diversidade, o que inclui a possibilidade de **colaboração dos dinamismos matriarcal e patriarcal em alteridade**, favorecendo assim o desenvolvimento psicológico e, em última instância, o **processo de individuação**.

O desafio que se coloca ao homem que hoje se torna pai, no que concerne ao seu processo de individuação, é o de **encontrar a sua maneira pessoal de participar dessa transformação social própria de sua época**: como contemplar o ‘si-próprio’ enquanto se prepara para desempenhar um novo papel? Em termos teóricos: como enriquecer sua persona ao mantê-la em sintonia com a própria personalidade? Como dialogar com os novos discursos que regem as relações de gênero, com as novas expectativas sociais e os novos modelos propostos, levando em conta os próprios anseios, suas necessidades subjetivas, seu projeto pessoal, que inclui sua relação com uma mulher e o desejo de criar com ela um novo núcleo familiar? Em que medida, por exemplo, as transformações no antigo padrão, por tanto tempo hegemônico, que contribuía para o afastamento afetivo por parte dos homens, gerando agora **novas expectativas com relação à afetividade masculina**, convergem na mesma direção de suas necessidades pessoais, segundo sua percepção? **Quem é o homem e o pai que ele quer ser?** E o que esperam dele? A grande conquista – que se realiza através de pequenas descobertas diárias – é coroada pelo processo de amadurecimento pessoal e coletivo, quando se

encontram respostas, mesmo que parciais, a respeito do que está sendo possível ser hoje. **A conquista do pai real é a realização do pai possível e em permanente construção, cuja transitoriedade das formas não desmerece a solidez e profundidade do processo de individuação.**

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. ***XY: La identidad masculina***. Madrid: Alianza, 1994.

BAUDRILLARD, J. ***À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas***. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BELL, D. ***Ser varon: La paradoja de la masculinidad***. Barcelona: Tusquets, 1987.

BENEDITO, V. L. Vínculos familiares: estudos de dinâmicas familiares com base nas relações conjugais. ***Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica***, n.11, 1993.

BOSI, E. ***O tempo vivo da memória. Ensaio de Psicologia***. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BYINGTON, C. A. B. O desenvolvimento simbólico da personalidade. ***Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica***, n.1, São Paulo: ED.M. de Lourdes Felix Gentil, 1983

BYINGTON, C. A. B. A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da Anima e do Animus. ***Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica***, n.4, São Paulo: Esperança, 1986.

BYINGTON, C. A. B. ***Desenvolvimento da personalidade – Símbolos e arquétipos***. São Paulo: Ática, 1987.

BYINGTON, C. A. B. ***Estrutura da personalidade – Persona e sombra***. São Paulo: Ática, 1988.

BYINGTON, C. A. B. Ternura, sexo, dignidade e amor. Um estudo das funções estruturantes pela Psicologia Simbólica. ***Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica***, nº 19, São Paulo, 2001.

BYINGTON, C. A. B. A democracia e o arquétipo da alteridade. ***Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica***, nº 10, São Paulo, 1992.

BYINGTON, C. A. B. A família como dimensão simbólica do self. Um estudo da dinâmica do self familiar pela psicologia simbólica. ***Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica***, nº 17, São Paulo, 1999.

BYINGTON, C. A. B. ***A construção amorosa do saber. O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana***. São Paulo: Religare, 2003.

CALLIRGOS, J. C. El otoño del patriarca? In: LOMAS, C. (Comp.). ***Todos los hombres son iguales? Identidades masculinas y cambios sociales***. Barcelona, Paidós, 2003, p. 213-220.

CAMPOS, A. (Fernando Pessoa). ***Obra Poética***. 21. impressão da 3. ed. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

COLMAN, A.; COLMAN, L. ***O pai: mitologia e reinterpretação dos arquétipos***. São Paulo: Cultrix, 1990.

COONTZ, S. ***Marriage, a History: from Obedience to Intimacy or How Love Conquered Marriage***. New York: Viking, 2005.

COONTZ, S. Os últimos 30 anos revolucionaram o casamento: depoimento [14 de junho, 2005]. New York: *The New York Times*. Entrevista concedida a Claudia Dreifus. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/>>, acesso em 16 jul. 2006.

CORNEAU, G. ***Pai ausente, filho carente. O que aconteceu com os homens?*** São Paulo: Brasiliense, 1991.

CSILLAG, C.; SACCOMANDI, H. ***O manual do grávido. Um guia completo e bem humorado para você curtir sua gravidez e sua grávida.*** São Paulo: Publifolha, 1999.

DONHA, M. C. ***O arquétipo do pai na cultura patriarcal – um estudo sobre a relação pai-filho e seus reflexos na subjetividade do homem atual.*** Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

ENGLE, P.; BREAU, C. ***Is there a father Instinct?*** Father's responsibility for Children. The population Council / International Center for Research for Women SERIES, 1994.

FARIA, D. L. de. ***O pai possível: um estudo dos conflitos da paternidade em um grupo de homens.*** Tese de doutorado, Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

FARIA, D. L. de. ***O pai possível. Conflitos da paternidade contemporânea.*** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2003.

FREITAS, L. V. ***A máscara e a palavra. Exploração da persona em grupos vivenciais.*** Tese de doutorado, Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.

GEERTZ, C. ***A Interpretação das Culturas.*** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOLLIS, J. ***O Projeto Éden. A busca do outro mágico.*** São Paulo: Paulus, 2002.

JUNG, C. G. A importância do pai no destino do indivíduo. In: ***Freud e a Psicanálise.*** Obras Completas de C. G. Jung, Vol. IV. Petrópolis: Vozes, 1989 [1909]

JUNG, C. G. Psicologia analítica e cosmovisão. In: ***A natureza da psique***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VIII/2. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1991 [1927].

JUNG, C. G. Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In: In: ***A natureza da psique***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. VIII/2. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1991 [1946].

JUNG, C. G. ***Memórias, sonhos, reflexões***. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

JUNG, C. G. O arquétipo como referência especial ao conceito de anima. In: ***Os arquétipos e o inconsciente coletivo***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol.IX/1. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 2002 [1936].

JUNG, C. G. Consciência, inconsciente e individuação. In: ***Os arquétipos e o inconsciente coletivo***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol.IX/1. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2002 [1939].

JUNG, C. G. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. In: ***Os arquétipos e o inconsciente coletivo***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol.IX/1. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2002 [1934].

JUNG, C. G. A psicologia do arquétipo da criança. In: ***Os arquétipos e o inconsciente coletivo***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol.IX/1. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2002 [1941].

JUNG, C. G. Alma e terra. In: ***Civilização em transição***. Obras Completas de C. G. Jung, Vol.X/3. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2000 [1927].

LAYLAND, W. R. In seach of a loving father. In: SAMUELS, A. (Ed.). ***The Father – Contemporary Jungian Perspectives***. New York: New York University Press, 1986.

LIMA Fº, A. P. ***O pai e a psique***. São Paulo: Paulus, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, L. **O rio do meio**. 4. ed. São Paulo: Mandarim, 1996.

LYRA, J. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. Texto apresentado para exame de qualificação, Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

LYRA, J. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

MALDONADO, M. T.; NAHOUM, J. C.; DICKSTEIN, J. **Nós estamos grávidos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1985.

MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, E. R.; FERNANDES, F. (Orgs.) **Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986 [1953].

MARTIN, V. Revista abordará preocupações dos homens divorciados [29 de outubro, 2005]. New York: EFE. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/>>, acesso em 16 jul. 2006.

MEDRADO, B. (1998). Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Ed. 34.

PIERI, F. P. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus/Vozes, 2002.

RIVOIRO, L. **Pai é pai. Diário de um aprendiz**. São Paulo: Publifolha, 2005.

ROCKWELL, E. ***Reflexiones sobre el proceso etnográfico***. IPN/CINVESTAV, 1986, mimeo.

ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. (orgs.). ***Pesquisa Participante***. São Paulo: Cortez, 1986.

SAMUELS, A. (Ed.). ***The father – contemporary jungian perspectives***. New York: New York University Press, 1986.

SAMUELS, A. ***A psique plural. Personalidade, moralidade e o pai***. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SEIDLER, V. J. ***La sinrazón masculina. Masculinidad y teoría social***. México, D. F.: Paidós, 2000.

SEIDLER, V. J. Transformando las masculinidades. In: LOMAS, C. (Comp.). ***Todos los hombres son iguales? Identidades masculinas y cambios sociales***. Barcelona: Paidós, 2003, p. 205-211.

SHARP, D. ***Léxico junguiano: Dicionário de termos e conceitos***. São Paulo, Cultrix, 1993.

STEIN, R. ***Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia***. São Paulo: Símbolo, 1978.

THIS, B. ***O pai: ato de nascimento***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TINBERGEN, N. ***The Study os Instinct***. London, Oxford University Press, 1951.

VELÁZQUEZ, M. A. (2004). La paternidad en el proyecto de vida de algunos varones de la Ciudad de México. In: ***Mneme – Revista Virtual de Humanidades***, n.11, v.5, jul./set. 2004 (Dossiê Gênero). Disponível em <<http://www.seol.com.br/mneme>>, acesso em 3 mar. 2006.

WINNICOTT, D. W. Ego distortion in terms of true and false self. In: ***The Maturational Processes and the Facilitating Environment***. London: Hogarth Press, 1965 [1960].

YIN, R. K. ***Estudo de caso. Planejamento e Métodos***. 2. ed. Bookman, P. A., 2002.

ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, R. C. L. (org). ***A aventura antropológica: teoria e pesquisa***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZOJA, L. *Pai: considerações atuais e históricas*. Palestra proferida no Auditório 333 da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo, 28/06/2001.

ZOJA, L. ***O pai: história e psicologia de uma espécie em extinção***. São Paulo: Axis Mundi, 2005.

APÊNDICE – A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Maria Beatriz Vidigal Barbosa de Almeida, psicóloga, CRP 06 – 11218, estou desenvolvendo uma Pesquisa de Mestrado sobre **Paternidade** junto ao Laboratório de Estudos da Personalidade (LEP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Prof^a. Dra. Laura Villares de Freitas.

Meu objetivo é contribuir para uma maior compreensão dos significados da paternidade para os homens atualmente. Para tanto, necessito coletar depoimentos de homens que estejam se tornando pais ou que tenham filhos pequenos, e que se disponham a compartilhar suas experiências relacionadas a este fato. Comprometo-me a utilizar as informações contidas nos depoimentos com fidedignidade, resguardando o sigilo com relação aos dados pessoais.

Ass:

Eu, _____ RG _____, aceito participar da pesquisa acima descrita contribuindo com os dados necessários, sem qualquer compromisso de honorários. Estou ciente de que posso livremente desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento, e que a participação na(s) entrevista(s) não implica em atendimento psicológico.

Ass:

São Paulo, ____ de _____ de 2005

APÊNDICE – B

ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL

Apresentação do projeto: ampliar conhecimento acerca do significado da paternidade hoje para os homens, bem como da subjetividade masculina atual: saber não apenas o que eles fazem, mas como se sentem e como se vêem.

Assinatura do termo de consentimento de participação.

Nome

Idade

Profissão / grau de instrução

Nacionalidade / ascendência

Idade gestacional ou do bebê

1. Relacionamento do casal:

Há quanto tempo estão juntos (namoro / casamento)

2. Gravidez:

É a primeira vez que você engravida alguém?

Como foi quando você soube que ela estava grávida? O que você sentiu?

3. Motivação para ser pai:

Histórico (infância – brincadeiras; adolescência – fantasias; adulto – projetos)

Desde quando você identifica em si o desejo de ter filho ou de se tornar pai?

Ensaaios, vivências que representaram, mesmo que não intencionalmente, preparação para o papel.

A gravidez atual: foi planejada ou acidental / obtida com facilidade ou dificuldade – necessitou de tratamento?

Desejo / projeto – comparar o homem frente à paternidade, com a mulher em relação à maternidade.

4. Significado da Paternidade:

O que é ser pai – para você

Como é se tornar pai (na perspectiva do homem / do desenvolvimento psicológico) e como está sendo para você

O que você acha que a paternidade está significando hoje para você

O que a paternidade significa hoje para o homem

5. Modelos de pai:

Positivo / negativo

Família de origem (pai / avô / outros)

Convivência (tio / pai de amigo / professor etc)

6. Expectativas sobre a paternidade:

Da sociedade: o que você acha que a sociedade espera hoje de um pai?

O que você sente que esperam de você como pai, e em que aspectos você acha que vai satisfazer ou frustrar?

Do próprio homem: o que você espera de si como pai, e o que você espera vivenciar como pai? (Desejos / fantasias / projetos / idealizações – e o que você acha viável)

7. Dificuldades / temores / apreensões / ansiedades:

Que desafios e oportunidades a experiência de ser pai te oferece?

8. Mudanças:

O que você acha que muda, vai mudar ou está mudando:

- No seu relacionamento com o trabalho, em termos de postura, pelo fato de você se tornar pai?

- No relacionamento com sua mulher, pelo fato de você se tornar pai e ela mãe?

Temas abordados ou implícitos:

Homem: masculinidade / sexualidade / paternidade / identidade masculina / afetividade / autoridade.

Transformações sócio-culturais + educação:

Novas concepções de masculino e feminino

Novos padrões de relação homem - mulher

Novos padrões de relação pai - filho (provedor / cuidador)

Transição coletiva: instabilidade / crise / crescimento

O homem, em sua experiência de paternidade, diante da sua relação:

-consigo mesmo: desejo / realização pessoal

-com seu filho: o que propiciar

-com sua mulher: relação conjugal e parental

Como o arquétipo paterno está sendo constelado na atualidade

APÊNDICE – C

ROTEIRO PARA GRUPO DE PAIS

Este roteiro está escrito sob a forma de ‘conversa’, e procurou-se segui-lo nesta ordem, mas com flexibilidade para os termos da conversa. Aborda os temas da relação entre PATERNIDADE e:

Identidade

Masculinidade

Sexualidade

Afetividade

Intimidade

Fragilidade

Além disso, procura obter um retorno a respeito da participação dos sujeitos nesta pesquisa, tanto na situação individual quanto grupal.

Finalmente, presta-se também a um levantamento da opinião deles com relação à criação de um serviço de ‘suporte aos pais’.

I – Antes de tudo, eu gostaria de obter um **retorno** de vocês: como foi para cada um ter participado daquela **entrevista individual**? O que marcou, ou o que ficou eventualmente mais forte?

II – Agora quero levantar um tema, que pode ter aqui uma função de aquecimento. No **processo de amadurecimento do homem** vários acontecimentos freqüentemente funcionam como “**marcos**” que representam conquistas, crescimento. É como “passar de fase”.

Para ilustrar, posso citar alguns – numa certa ordem – embora eles aconteçam nas mais variadas ordens:

a) Profissão: se formar / trabalhar / ganhar o próprio dinheiro / se sustentar.

- b) Moradia: sair da casa dos pais. Mesmo ocorrendo nas mais diferentes circunstâncias – para estudar fora / porque já se sustenta / para casar –, sempre representando uma autonomia maior em relação à família de origem.
- c) Casamento: morar com a companheira. Ver-se como um casal ou sentir-se casado, com ou sem projeto de fazer família. Ter uma vida conjugal.
- d) Tornar-se pai: o nascimento do primeiro filho. Fazer uma família.

Eu pergunto: **qual dessas mudanças você acha que te causou maior impacto, seja porque gerou mais transformações, ou porque trouxe mais desafios? Pensando em geral: qual delas vocês acham que gera mais transformações pessoais, em termos de identidade, auto-imagem do homem?**

III – Identidade masculina e paternidade.

“Ser homem” na nossa sociedade inclui uma travessia por todos ou alguns desses “ritos de passagem” acima citados, e cada uma dessas conquistas funciona, muitas vezes, como um **signo de “masculinidade”**. Isso pode ser mais marcante para uns, menos para outros. E pode funcionar como auto-afirmações que vão se dando e que interferem na identidade.

Então eu pergunto, agora já focando o nosso tema:

- a) **Tornar-se pai – em termos de auto-imagem – mexe com a masculinidade**, pensando naquilo que esta experiência está representando para vocês?
- b) Que **relações** vocês fazem **entre Homem – Masculinidade – Paternidade**?
- c) Dito de outra forma: **como a experiência de ser pai participa da própria identidade masculina?**
- d) Considerando que a identidade nunca está pronta e acabada, pois a gente está sempre de alguma maneira se transformando ou pelo menos sujeito a transformações, recolo a pergunta anterior, agora com mais proximidade:
- **como você sente que a experiência de paternidade contribui ou interfere na construção ou transformação da sua identidade atual?**

(Entendendo melhor a conversa, ou trocando em miúdos):

- tem coisas que nunca mudam e não dependem da gente, por exemplo: DNA;
- há mudanças que batalhamos muito por elas, como por exemplo: “sou muito rabugento, não quero mais ser assim”;
- e outras acontecem sem que a gente perceba e quando vemos, de repente, já estamos mudados.

A pergunta se volta na direção desse terceiro sentido de mudança: aconteceu com vocês isso de repente perceber-se mudado? Seja em função dos papéis que vocês passaram a desempenhar, ou mesmo – num sentido mais profundo – em função da condição existencial de pai e por ter um ser que depende de vocês.

Ser provedor: como é ter uma pessoa que depende de você?

Pode soar como um paradoxo, mas vocês sentem que ‘virar pai’ (acompanhando a gravidez, o parto ou convivendo com o bebê) pode ter deixado vocês mais sintonizados com a própria fragilidade? (maior sensibilidade / limites do corpo)

IV – Sexualidade: o que muda, devido ao fato de virar pai? Seja em relação à própria mulher porque agora ela é mãe, seja em relação ao feminino em geral.

Virar pai mexe com a sexualidade? No plano prático, e no nível das representações, da auto-imagem.

Como a experiência de se tornar pai interfere na vivência da sexualidade?

Como é a relação com a mulher que agora virou mãe?

Aqui vale pensar também no que vocês observam no homem em geral, na sociedade.

V – Afetividade / Intimidade e Gênero.

Como você vê e vive a afetividade paterna?

Pai afetivo e próximo é igual à mãe? Fazendo um contraponto com o feminino, **em que o papel paterno é diferente do materno?** Qual a particularidade da paternidade no aspecto da afetividade?

O sexo do filho faz diferença na forma de você desempenhar o seu papel de pai, de expressar seu afeto, de ter intimidade com seu filho(a)?

[se der tempo]

(Como você acha que sua concepção a respeito de masculino/feminino, pai/mãe, afetividade/intimidade vai interferir na sua forma de educar seu filho sendo ele homem ou mulher?).

VI – E agora, depois da chegada do filho, como vocês avaliam (na pele) o lugar do homem e do pai em casa?

VII – Processo de virar pai.

[Este item inteiro, só será apresentado se der realmente tempo, porque é um pouco repetitivo em relação à entrevista individual. A finalidade aqui é compartilhar].

Dentro da perspectiva de que virar pai é um processo, você consegue localizar quando foi que você se viu / se sentiu como pai?

- quando a mulher engravidou
- quando ouviu o coração bater / viu ultra-som / nenê chutou
- quando filho nasceu
- quando se relacionou com o filho mais diretamente / ele sorriu pra você, etc.
- a ficha vai caindo aos poucos.

[Lista feita a partir das respostas obtidas nas entrevistas individuais]

É visível em nossa sociedade como as meninas freqüentemente vão sendo estimuladas a treinar, desde a infância e em inúmeras situações, seu papel de mãe, como se fossem ensaiando. Vocês acham que o homem treina também de alguma maneira, ou ‘cai de pára-quedas’? Como você se preparou para ser pai? **Como você percebe ter sido treinado, ao longo de sua vida, para esse papel e para hoje ser o pai que você é?** Ou você acha que isso não ocorreu?

Nessa passagem de ‘SER filho’ para ‘TER filho’, de ‘TER pai’ para ‘SER pai’, vocês acham que o próprio pai participou deste preparo? Tornar-se pai te faz pensar agora no seu pai?

VIII – Suporte aos homens.

No campo da saúde há muitos serviços voltados para a mulher gestante:

- incentivo à amamentação
- preparação para o parto
- cuidados com o corpo: hidroginástica, yoga para gestantes
- grupo de orientação sobre sexualidade onde se compartilha problemas e dúvidas
- orientação em puericultura e educação de filhos.

Pensando agora no coletivo dos homens, e em vocês como porta-vozes deles:

Vocês acham que os serviços de saúde – no setor público ou privado – deveriam oferecer algo nesse sentido voltado para as necessidades dos homens?

Como vêem o interesse e a disponibilidade dos homens para participar de grupos?

Pensando em sua experiência ou observação de amigos, o que você destacaria como **dificuldades enfrentadas ao longo da gravidez ou no exercício da paternidade até o momento?**

Como vocês acham que seria possível contribuir com os homens nesse sentido?

Vocês acham que os homens gostariam de ter um espaço onde fossem ouvidos e pudessem compartilhar suas vivências e problemas, ou onde recebessem informações e orientações?

Assim com existem tantos livros e revistas para gestantes, vocês acham que os homens se interessariam por livros voltados para eles?

Finalmente, agora uma pergunta que é menos especulação e mais concreta:

- o que significou pra vocês ter participado desta situação grupal?